

REVISTA DA SEMANA

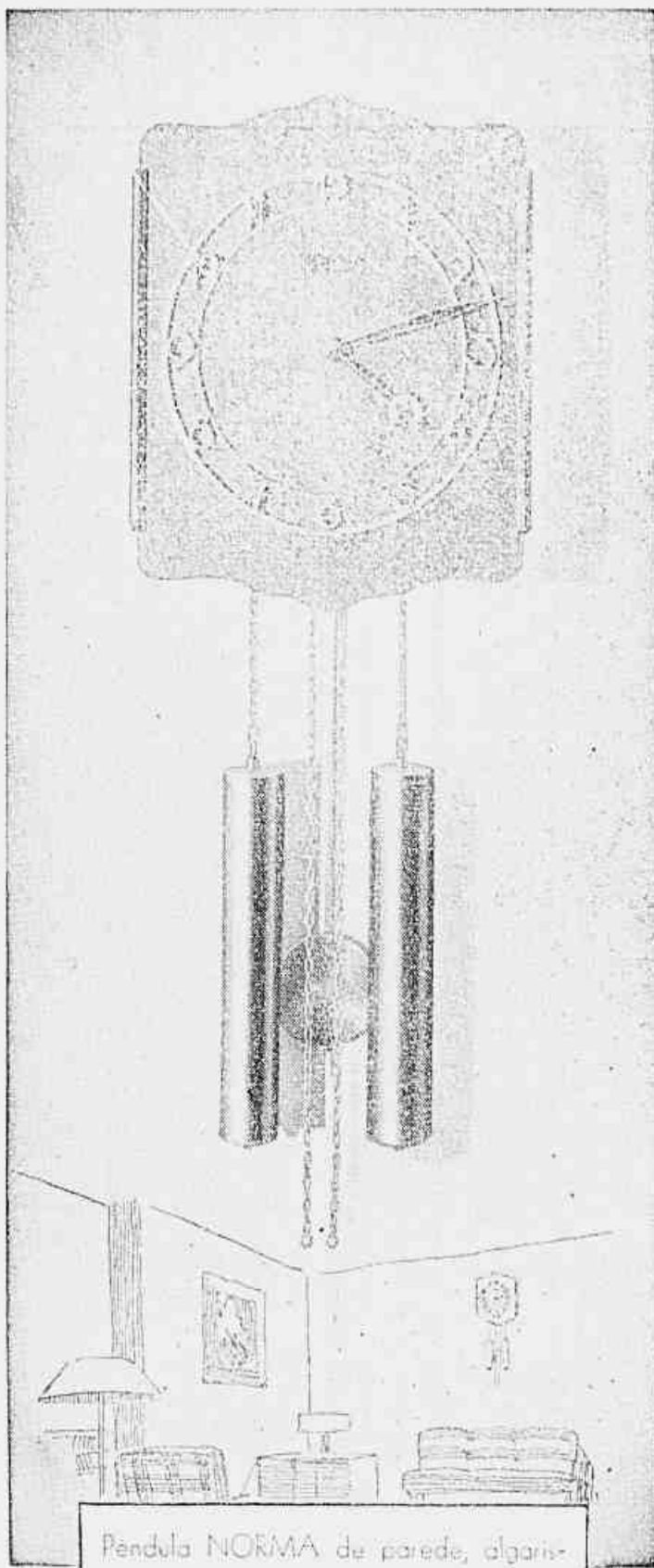
N.º 49



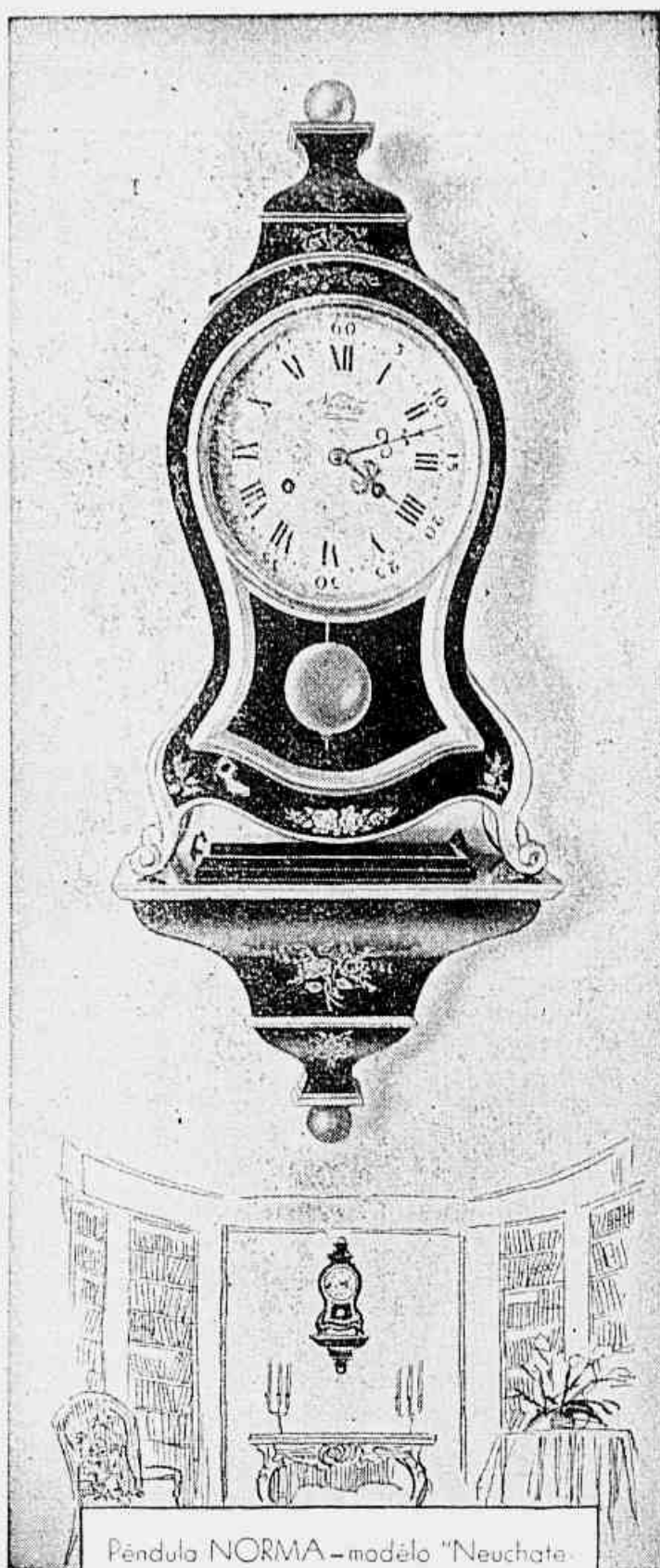
Cr\$ 2,00 em todo o Brasil

6-12-47

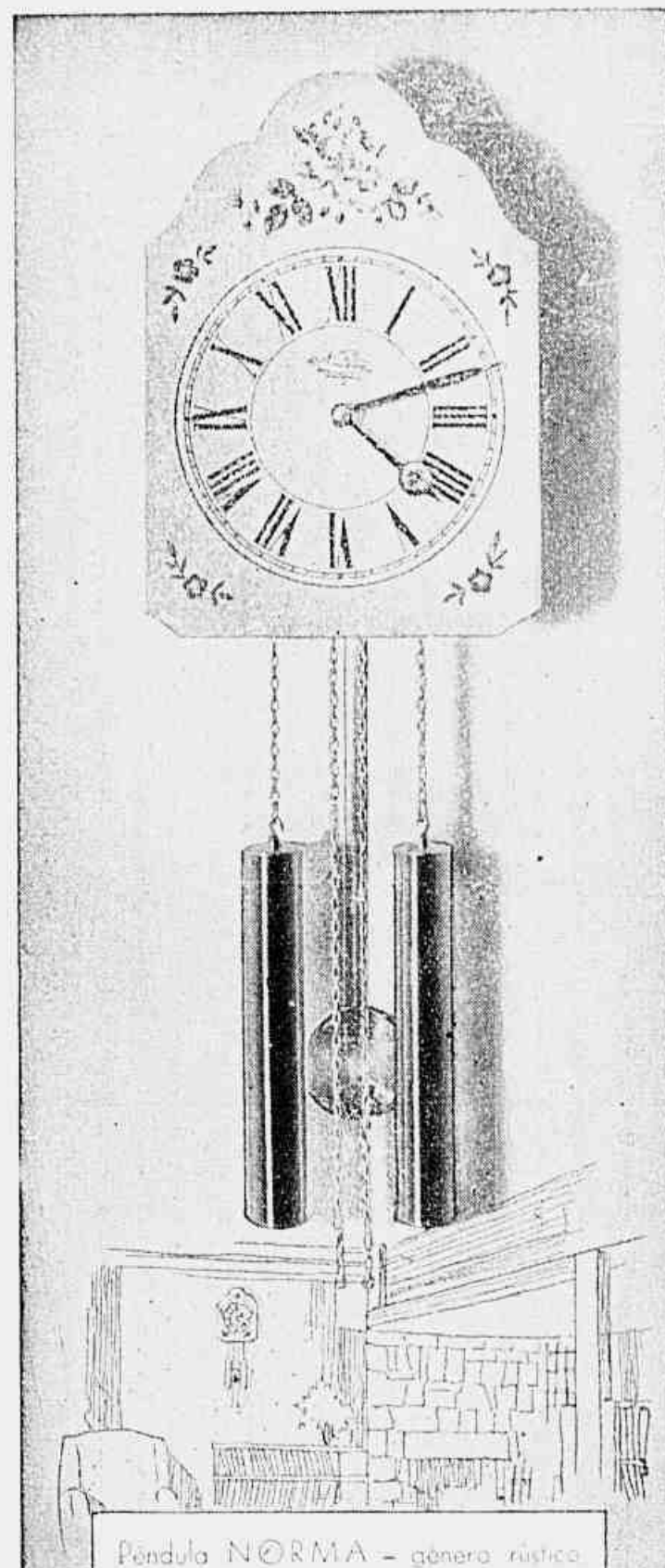




Pêndula NORMA de parede, algarismos de metal em relevo. Bate horas e meias horas. Pêndulo e pesos de metal. Para o lar e o escritório.



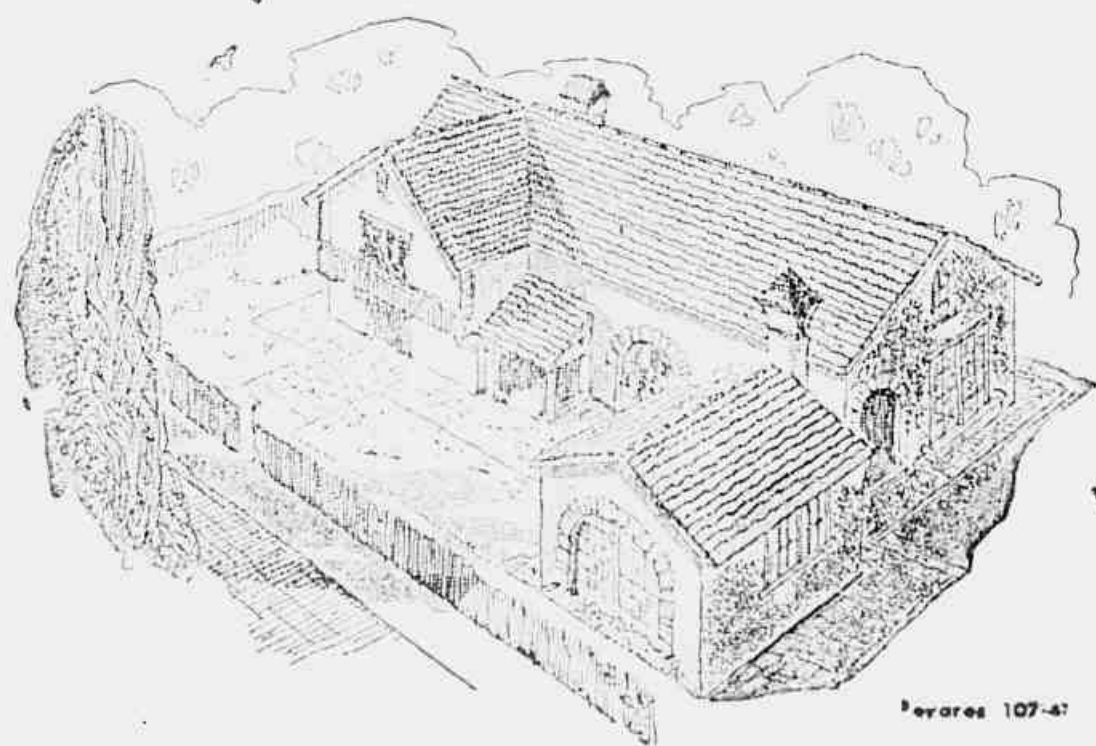
Pêndula NORMA - modelo "Neuchâtelaise", com suporte para parede. Ornamentos em ouro. Corda para 8 dias. Bate horas e meias horas. Para ambientes luxuosos.



Pêndula NORMA - gênero rústico com adornos de flores pintadas à mão. Corda para 8 dias, bate horas e meias horas. Pêndulo e pesos de metal.

Pêndula Norma

um toque de beleza e precisão no conforto do seu lar!



Desenhos 107-47

Recomendadas pelos mais famosos decoradores para completar a alegria e o encanto do lar, as pêndulas NORMA, graças à elegância de suas linhas e à precisão do seu funcionamento, se impuseram como verdadeiras obras-primas da relojoaria suíça.

Sob os mais lindos e diferentes modelos, sempre se encontra uma pêndula NORMA para cada peça de sua casa.

VIVA BEM TÔDAS AS HORAS COM UM RELÓGIO

NORMA



NÃO se sabe ainda o que resultará do acordo político promovido pelo general Eurico Gaspar Dutra, com o intuito de obter maior colaboração da UDN ao seu governo, mas os jornais de domingo diziam que tudo estava pronto para entrar em execução. Entretanto, o deputado Deoclécio Duarte, do PSD, escapando para apresentar parecer, em nome desse partido, ao esquema da UDN, ate domingo não se havia, ainda, dignado de apresentar o seu laudo. Enquanto isso, o governador da Bahia, sr. Octavio Mangabeira, continuava o ciclo das conferências, desta vez conferenciando com um dos seus próprios correligionários, o sr. José Américo de Almeida. O prefeito municipal, general Angelo Mendes de Moraes, mandou abrir concorrência pública para o arrendamento dos restaurantes municipais do Lido, Joã e Furnas da Tijuca. O atual concessionário pagava apenas 600 cruzeiros por mês pelo aluguel do Lido... Imagine-se! A mesma coisa acontecia com o Teatro João Caetano, — isto é, era cedido por 6.000 cruzeiros mensais, mas passou agora a custar 30.000 por mês ao empresário Chianca de Garcia, a quem foi exigida a antecipação do pagamento, em cotas semestrais de 180.000 cruzeiros. O que se diz, — e toda gente comenta no meio teatral, — é que o ex-concessionário do João Caetano pagava 6.000 cruzeiros à Prefeitura, e mais o triplo dessa quantia em propinas a intermediários e "protetores", pertencentes ao próprio quadro do funcionalismo municipal... E os cofres da Prefeitura eram lesados em favor de terceiros... Não haveria coisa parecida com isso na escandalosa concessão do Lido por 600 cruzeiros, numa zona de aluguéis tão caros e para um negócio tão florescente como o de bar e restaurante? A UDN anda em polvorosa, com as advertências feitas aos vereadores Carlos de Lacerda e Adauto Lucio Cardoso, acusados de indisciplina partidária, por terem verberado o procedimento de colegas seus, envolvidos na pepineira das nomeações em massa para a Câmara Municipal, que, ao que parece, vai ser convertida, mesmo fechada, no maior ninho de burocratas do Brasil. Os jornais publicaram o edital do senador Fernando de Melo Viana, presidente do Congresso Nacional, convocando a Câmara dos Deputados e o Senado para uma sessão legislativa extraordinária, que terá início a 16 do corrente. Isso em razão de iniciativa de um terço da Câmara dos Deputados, em documento que lhe foi enviado. No município de São João do Triunfo, no Estado do Paraná, o PSD, por ser majoritário, elegeu, pelas sobras, três vereadores que não tiveram um único voto. Ou esses vereadores não compareceram às eleições ou faziam mau juízo de si mesmos... A menos que tivessem se esquecido de votar em seus próprios nomes... Em Tomazina, no mesmo Estado, houve empate de votação entre a UDN e o PSD, obtendo cada partido exatamente cem votos... A semana findou com a ameaça de guerra civil se tornando cada vez mais patente na França como na Itália, onde os comunistas ameaçam deflagrar uma greve geral. Na França, o novo primeiro ministro, Robert Schuman, sucessor do sr. Paul Ramadier, luta para dominar a agitação e as greves, pensando em iniciar a conscrição militar do operariado, a exemplo do que tem sido feito nos Estados Unidos, em emergências semelhantes. Foi aprovada pela ONU, pelo voto de 33 nações contra 13, a partilha da Palestina entre os judeus e os árabes, afim de que possam ser constituídos dois Estados independentes. O Brasil está entre os países que votaram favoravelmente. As tropas inglesas, em razão disso, serão retiradas da Palestina... e já vão tarde! Em um desastre de avião, morreu o famoso general francês Leclerc, e vários oficiais. O prefeito Mendes de Moraes aprovou a proposta dos arquitetos Rafael Galvão, Orlando da Silva Azevedo e Pedro Paulo Bastos, para a elaboração do projeto definitivo do Estádio Municipal, tendo ainda assinado um decreto instituindo a emissão de trinta mil títulos no valor nominal de cinco mil cruzeiros, para financiamento da construção da referida praça de esportes. Segundo publicou o "Correio da Manhã", a União Nacional dos Funcionários Públicos enviou à Câmara dos Deputados um apelo no sentido de conseguir novo reajustamento de vencimentos tendo em vista que o aumento do custo de vida de 1945 a 1947 subiu assustadoramente, conforme a demonstração abaixo. O pão, que era vendido a Cr\$ 2,60, hoje custa 6 cruzeiros; a carne, de 3 cruzeiros, passou a 6; o feijão, depois de liberado, de Cr\$ 2,50 passou a 6 cruzeiros; as massas alimentícias custavam Cr\$ 2,70, hoje são vendidas a Cr\$ 6,50; as gorduras em geral passaram de 10 cruzeiros a 35; o arroz e as tinturarias sofreram aumento, sem falar na moradia que sofreu um aumento de 20% para os que já tinham onde residir, e os que não têm somente encontram casa com pagamentos extorsivos e exorbitantes de luas. Desse modo, alega a entidade dos servidores públicos que o aumento de 50%, obtido em 1945, já foi absorvido, encontrando-se a classe com um "déficit" de 95%... Se isso é verdadeiro em relação aos funcionários, é igualmente verdadeiro em relação às demais classes. Inflação, inflação, inflação... Mas ainda há quem tenha ilusões e ache que a situação financeira está melhorando e o dinheiro passando a valer alguma coisa outra vez... André Glide, o novo laureado do Prêmio Nobel, — cuja biografia publicamos na edição passada, — mandou ao jornal sueco "Svenska Tagbladet", uma carta explicando porque razão aceitou aquela distinção. Homem profundamente sincero, eis alguma coisa do que ele disse: — "Nunca procurei receber homenagens; e, no entanto, desde a minha mais tenra idade, a glória constituiu uma de minhas preocupações. Meus livros, durante muito tempo, não tiveram o menor sucesso e eu não me impressionei muito com isso porque sabia que mereciam ser lidos... mais tarde. A glória com que eu sonhava era a de Keats, de Baudelaire, de Nietzsche, de Kierkegaard e de tantos outros cuja voz só foi ouvida muito tempo depois de sua morte. A distinção eminente que a Suécia acaba de me conferir prova que eu tinha feito mal as contas; e também que eu não imaginava viver tanto tempo. Aceitei o Prêmio Nobel com emoção, como uma criança que recebe uma recompensa; sua alegria não seria tão grande se ela não pensasse que a merecia. Será demasiado orgulho? E' o que eu penso, pura e simplesmente; e que o jurí que me conferiu, bem como o que me nomeou doutor em Oxford, tomou em consideração, não só e não tanto minha obra literária, como o espírito que a anima." Os "fans" de Procopio Ferreira podem se rejubilar: o grande ator brasileiro já se acha fora de perigo e em vias de franco restabelecimento. Parabéns ao teatro! Para terminar, uma notícia fúnebre: acaba de desaparecer o antigo intendente municipal e ex-diretor da Central do Brasil, engenheiro Romero Zander, construtor do viaduto de Cascadura e de outros melhoramentos. Uma grande perda. Para a engenharia brasileira e para a cidade. E por hoje é só. Até outro dia!

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam. Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

...

Lembre-se sempre.

Ventre-Livre não é purgante

...

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

CARTAS À REDAÇÃO

A propósito de "Quanto custa o seu cachorro?"

Recebemos da senhora Irene Valente Teixeira da Costa, mencionada em nossa última reportagem como protetora de cães abandonados, a carta que a seguir publicamos e em que nos pede a retificação de um tópico que lhe diz respeito:

"Ilmo. Sr. Diretor da 'REVISTA DA SEMANA' — Rua Visconde Maranguape n. 15 — Nesta. — Sr. diretor: — Com relação à reportagem publicada na 'REVISTA DA SEMANA', de 29 de novembro p. passado, lamento ter sido reproduzido com infidelidade o meu pensamento. Não fiz a declaração constante desta reportagem de que 'se meu marido não gostasse de cães e esta divergência viesse a provocar o desquite, preferiria meus cachorrinhos a meu marido'. O que declarei foi que se tivesse de discordar de meu



A senhora Irene Teixeira Valente Costa

marido nesse ponto de vista, teríamos tido desacórdos em vários outros terrenos, o que aliás não se deu. Trata-se, portanto, de uma má interpretação do repórter ou de tração de sua memória. O meu único interesse é contribuir para a proteção dos animais abandonados e só por isso consenti em ser entrevistada. Pedindo que V. S. transcreva esta carta integralmente em sua Revista, sou de V. S., grata e penhoradamente — Irene Teixeira Valente Costa."

OFICINA DE 1.ª ORDEM AVIAM-SE RE-CEITAS MÉDICAS COM EXATIDÃO

O PINCE-NEZ DE OURO

Loalheria

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS
R. CARIOCA N.º 28

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES E ARTIGOS PARA PRESENTES

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

NÃO HÁ NO BRASIL OUTRA MULHER IGUAL A GILDA!

GILDA de Abreu tem mãos de fada. Tem o segredo do toque de Mí-das. Tudo nas suas mãos se converte em ouro. Tudo o que faz dá certo. Faz das coisas impossíveis realidades palpáveis. Entrou para o teatro e "A Canção Brasileira", a primeira peça em que estreou profissionalmente foi um enorme sucesso! Escreveu novelas, peças para o rádio, "estrelou" um filme nacional, "Bonequinha de seda", que é lembrado até hoje. E, depois de tantas vitórias, tentou uma das profissões mais complicadas e espinhosas que existem. Dirigiu um filme nacional! E quando todos desacreditavam que ela pudesse alcançar uma nova vitória, Gilda de Abreu saiu-se galhardamente dessa empresa, tendo feito da película "O Ébrio" a recordista de permanência na Cinelândia (quanto aos filmes nacionais). Gilda de Abreu é tão feminina por temperamento e modos que se torna difícil a gente acreditar que ela é capaz de tantas façanhas. Trabalha dezesseis horas por dia quando está filmando, mas em qualquer momento que a abordemos, encontramos sua graça feminina inalterável. Essa frágil mulher que

Professora de canto que não dá aulas, venceu como atriz, diretora de filmes e novelista popular — Namorando Vicente Celestino pelo buraco da fechadura — Com livros improvisados em quinze dias, no seu sistema de produção em massa, ganhou mais que Graciliano Ramos com sua literatura sofrida e impecável — 80.000 cruzeiros de direitos autorais, só com os livros — "O Ébrio" bateu "... E o vento levou", em Curitiba — Um filme de quinhentos mil cruzeiros que produz quatorze milhões de receita.

Já conquistou lugar ímpar no teatro e cinema nacionais, recebeu-nos com simplicidade, em trajes caseiros, sem se importar com a máquina indiscreta do fotógrafo. É difícil conservar a "estrela" de "Bonequinha de Seda" dentro das linhas pré-traçadas da entrevista. Gilda de Abreu tem uma conversa variadíssima. Leva-nos e traz-nos a uma porção de assuntos. Literatura, pintura, cinema, teatro, viagens, um mundo de coisas cascabela na conversa colorida de Gilda. Temos que colocar barreiras na palestra para que se estanque a cata-

dupa. E vamos arrancando as recordações da diretora de "O Ébrio".

VICENTE CELESTINO PELO BURACO DA FECHADURA

— Desde menina tive minha vida inclinada para as coisas de arte, principalmente para o teatro. Mamãe era professora de canto e organizava festivais artísticos que secundavam, geralmente, os espetáculos de ópera no Teatro Municipal. Minha estreia artística foi em um daqueles festivais e, também como diretora, se assim posso dizer. Mamãe permitia que eu idealizasse qua-

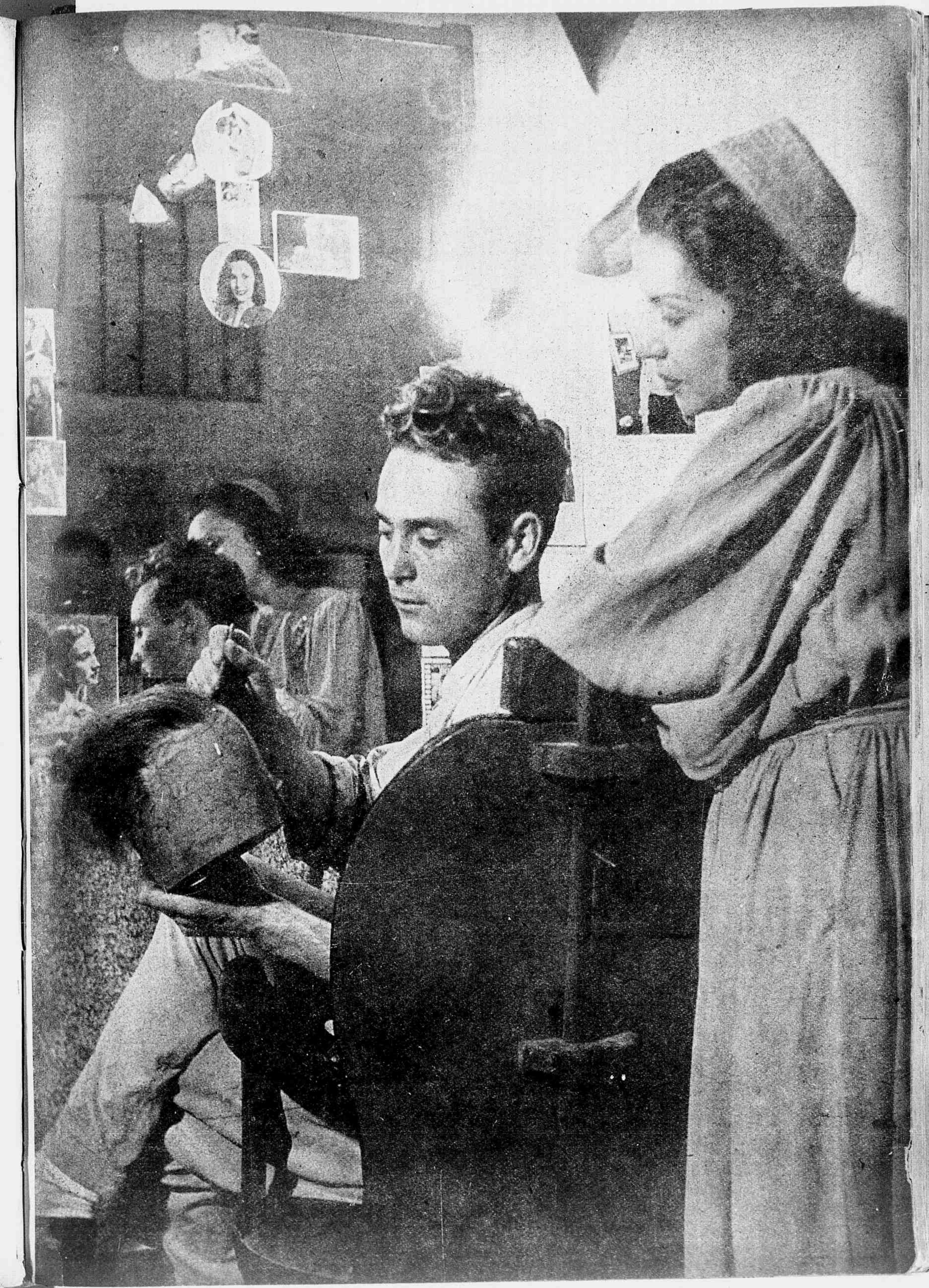
dros e cortinas, ficando também responsável pela marcação. Foi nesse tempo que conheci Vicente Celestino. E conheci-o pelo buraco da fechadura, o que é mais curioso. Isso deve ter sido, se não me engano, por volta de 1923. Uma tarde, voltava da escola, e ouvi da sala de aula uma bela voz de tenor. Mamãe não me permitia a entrada quando estivesse com os alunos. Contentei-me em olhar pelo buraco da fechadura e o que vi fez bater com mais força o meu coração: um belo rapaz, com os negros cabelos revoltos (como os tem até hoje) a cantar uma ária da ópera "Izahar". Nunca mais me esqueci do belo tenor. Não sei se era amor, mas o certo é que, muitas noites, pensava nos seus cabelos negros e rebeldes.

REENCONTRO E CASAMENTO

— O tempo foi correndo — continua a recordar Gilda de Abreu. — Tirei no Instituto Nacional de Música o meu diploma de professora de canto, atividade que nunca cheguei a exercer. E em 1933 fui convidada a "estrelar" a opereta "Canção Brasileira" no Teatro Recreio.

Gilda de Abreu em um flagrante feito durante um intervalo da rodagem do filme "Pinguinho de Gente", realizado nos estúdios da Cinédia, quando discutia com técnicos e operários, detalhes dos cenários. Quando está dirigindo películas, Gilda de Abreu trabalha até dezesseis horas por dia. O cinema é a sua grande paixão, maior mesmo que o teatro que tantas glórias já lhe deu. Na página ao lado: Gilda de Abreu e o maquiador Erik Rzepecki que trabalha ao seu lado em "Pinguinho de Gente". E' uma diretora completa. Oitenta por cento da indumentária é idealizada e feita por ela mesma.









Quando não está no estúdio, Gilda de Abreu trabalha em casa. Na página ao lado estuda um efeito com o véu que usará uma das artistas. Nesta página, em cima, dois flagrantes da vida do casal Vicente Celestino-Gilda de Abreu. Dois temperamentos diferentes: ele, prático, realista; ela, romântica e fantasista. E assim se completam admiravelmente, vivendo o amor que começou há muitos anos, quando Gilda era menina de escola.

Imagine ao lado de quem?!... Do mesmo Vicente Celestino que eu namorara dez anos atrás pelo buraco da fechadura. Seis meses depois nos casávamos. Não posso me queixar da estréla profissional. A peça foi além das trezentas representações e tinha como ensaiador essa figura querida que é Eduardo Vieira. Foi a instâncias suas que escrevi minha primeira peça para o palco. Chamava-se "Princesa Maltrapilha" e constava de um ato, apenas.

Perguntamos pelo elenco da sua peça de estréla. Gilda, que tem uma ótima memória, responde-nos depressa:

— Lembro-me bem. Foram: Vicente Celestino, Margot Louro, Brandão Filho, Sarah Nobre, Pedro Dias, Armando Nascimento, Apolo Correia e eu.

Depois dessa dupla estréla, como autora, e atriz, Gilda de Abreu escreveu outras peças, tais como "Aleluia", "Ouvindo-te" (cuja canção central correu todo o Brasil), "Mestiça", etc. e trabalhou em cerca de cinquenta operetas. Algumas de sua autoria, outras de Vicente Celestino e outras de terceiros. Seu último trabalho no palco foi em "Coração Materno", peça escrita pelo marido, que ficou dois meses consecutivos no teatro João Caetano no ano passado. Quando relembramos essa cadeia de sucessos Gilda de Abreu faz

uma revelação curiosa. Enquanto que, no cinema, seu marido se submete à sua direção, no teatro, Gilda de Abreu é quem é dirigida por Vicente Celestino. Esta maneira de se completarem mutuamente é uma das características do casal.

RUGAS, — SO' DE ORDEM PROFISSIONAL...

O amor de Gilda por Vicente, que começou quando ela era menina de escola, tem se conservado intenso até hoje. Vez por outra surgem umas rugasinhas — sempre no terreno profissional — quando as idéias do marido não se combinam com as da esposa. Mas isso é coisa ligeira, que desaparece logo. O temperamento de Gilda de Abreu é romântico, fantasista, sobre todas as coisas que realiza ela joga um pouco da poesia que sente dentro de si. Vicente Celestino é realista, trágico, prático e dinâmico. Daí as discussões que às vezes surgem. Discussões que são motivos para carinhosos acordos e reconciliações. Este ano, em setembro, completaram quatorze anos de casados. Celestino estava em Salvador, realizando uma excursão artística pelo Norte, e Gilda estava atarefada com as filmagens de "Pinguinho de Gente". Na véspera da data, Gilda abandonou todos os trabalhos e voou para a Bahia e comemora-

ram o aniversário de casamento, ouvindo missa que mandaram celebrar na igreja de São Francisco. Mais de cinco mil pessoas estiveram presentes e a salva de palmas que o casal recebeu dentro da nave, é uma das mais gratas recordações de Gilda. Outro detalhe que prova a grande afeição de Gilda pelo marido foi o livro que escreveu, "A vida de Vicente Celestino", no qual conta carinhosamente toda a carreira artística do esposo. O livro vai sendo refeito à medida que os anos correm, com o acréscimo de capítulos sobre suas últimas viagens e sucessos.

GILDA DE ABREU, A NOVELISTA POPULAR

Os sucessos teatrais do popularíssimo casal vão se alargando através de outros setores. "O Ébrio" nasceu como canção escrita por Vicente Celestino. Gilda ficou furiosa com a letra, mas não conseguiu que o marido a modificasse. Ali se fala em bebedeira e separações, — e ela teve medo que o público visse naquilo alusões a acontecimentos reais, o que aliás aconteceu. Não faltou quem assegurasse, quando apareceu a letra, que Vicente Celestino se havia separado da mulher e andara entregue ao alcoolismo. Mas a letra fez sucesso. Baseada no motivo central, Vicente escreveu mais tarde a peça. Outro sucesso, Gilda

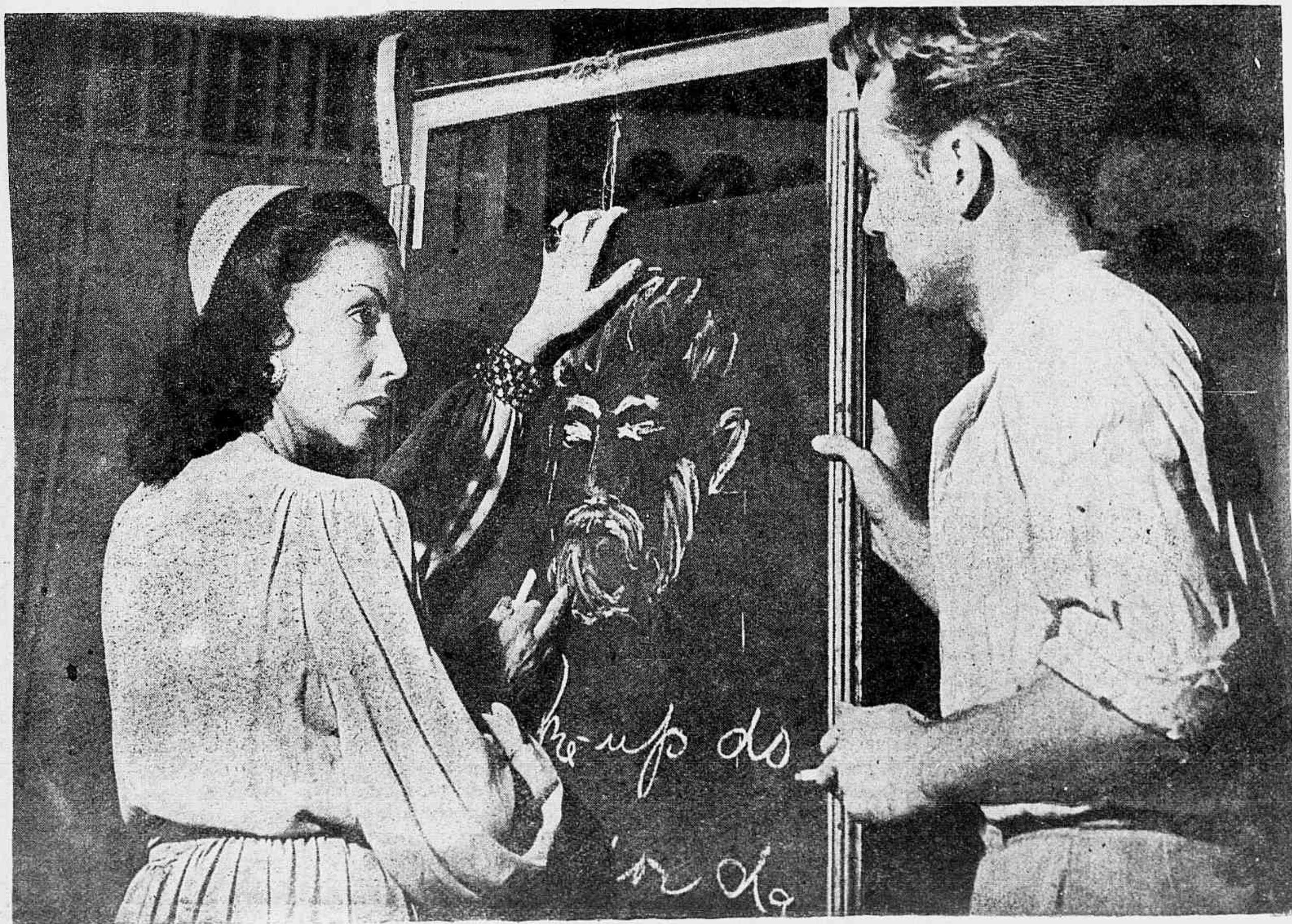
convertida por êsses êxitos, aproveitou a chance, ampliou o enredo e apareceu com uma novela ao gosto popular. Mais tarde talvez faça a adaptação para o cinema. Assim como "O Ébrio", tem acontecido com outras peças e canções do casal. Gilda de Abreu já publicou quatro livros, estreando-se como escritora com a romantização da peça "Aleluia", também de sua autoria. Escreveu depois as outras novelas: "O Ébrio", "Mestiça", que já está em quarta edição, e a biografia de Vicente Celestino. Sairá no próximo Natal a novela "Pinguinho de Gente" (a ser lançada junto com o filme) e nos primeiros meses do próximo ano o sexto livro, "Coração Materno". Gilda de Abreu já recebeu até agora oitenta mil cruzeiros de direitos autorais pelos livros. Passou para o rádio "Aleluia" e "Mestiça" e outras novelas serão lançadas brevemente. A capacidade de trabalho de Gilda é tão grande que em apenas quinze dias escreveu toda a novela "Mestiça". Gilda acorda de madrugada para bater à máquina, quando tem uma idéia na cabeça. Raramente relê seus originais. Estes seguem para a editora em São Paulo tal qual saem da máquina.

NOVA FASE DE SUA CARREIRA

Durante a conversa, Gilda de Abreu confessou-nos: tem um grande desejo



Em cima: Às vezes, Vicente discorda da esposa e começa a discussão. Isto, porém, só acontece com assuntos profissionais e cada qual acaba aceitando metade das críticas do outro. Em baixo: Gilda de Abreu mostra ao maquiador Erik como deseja a barba e o cabelo de certo personagem. Nos filmes que dirige não existe um detalhe que não receba o toque de suas mãos de fada.



de escrever para crianças. Contar histórias maravilhosas, dar margem às fantasias de que sua imaginação anda chela.

— Muita coisa que eu desejo contar só as crianças compreenderão, diz-nos ela.

Durante a conversa sobre literatura infantil, falamos-lhe sobre Monteiro Lobato. Gilda se entusiasma e como primeiro passo para o primeiro livro que escreverá para crianças pede ao seu assistente para comprar "A menina do narizinho arrebitado". "Não é para imitar — declara Gilda — Poderá aprender muita coisa com Lobato e vou começar hoje mesmo." Outra novidade sobre a dinâmica "bonequinha de seda" — que espanta até mesmo aos seus amigos é este: ainda este ano Gilda vai estreiar como repórter de uma conhecida revista carioca e se o público gostar da Gilda jornalista, pretende continuar colaborando periodicamente na imprensa ilustrada. Gilda de Abreu que já conquistou milhares de "fans" no teatro, no cinema, no rádio e no livro vai conquistar outros pelas colunas da imprensa.

GILDA DE ABREU NO CINEMA

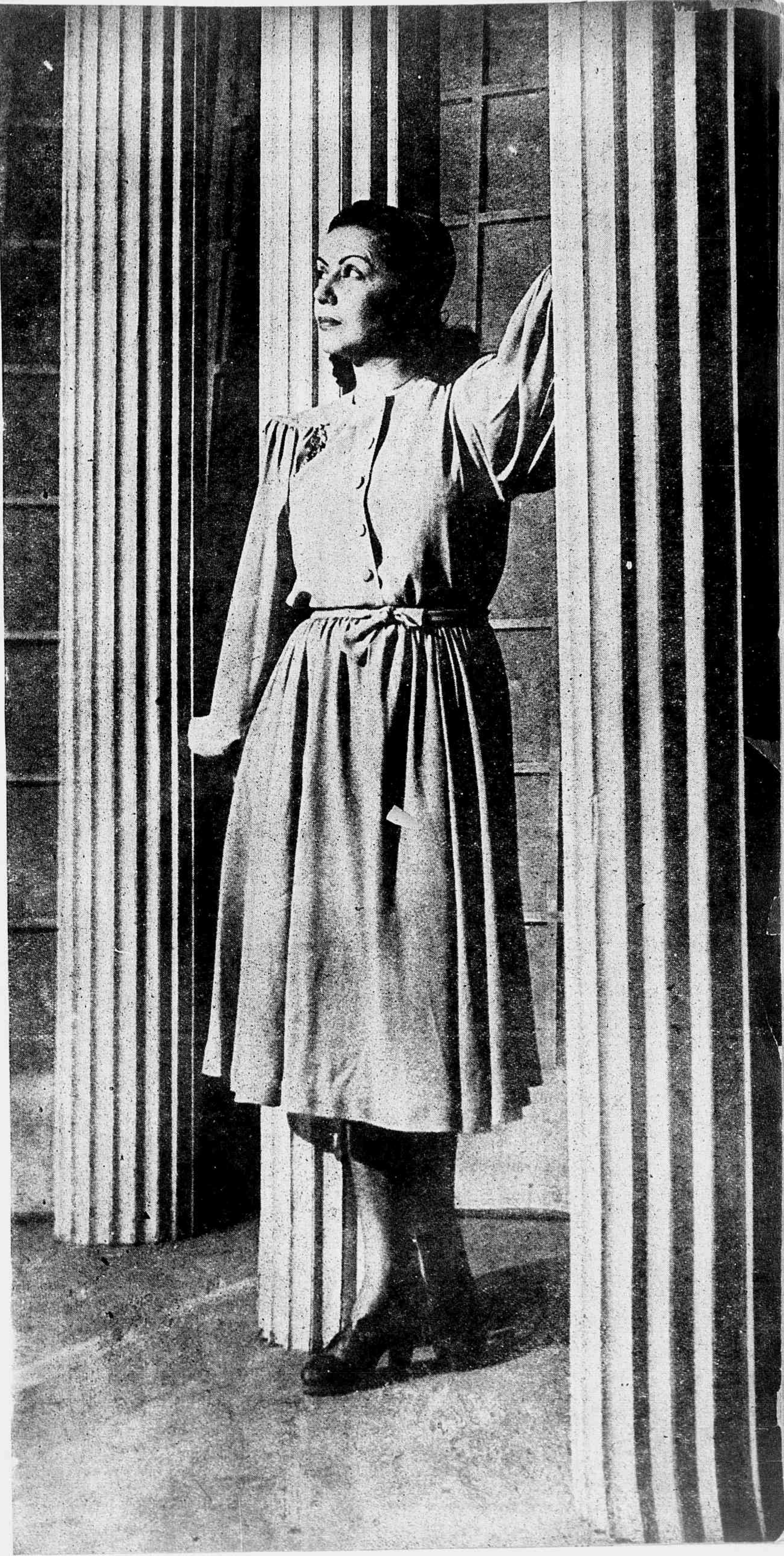
Em 1935 Gilda de Abreu e Vicente Celestino estavam gozando suas férias em Buenos Aires. Lá encontraram Oduvaldo Viana, que então só pensava em produzir filmes. De uma proposta feita lá na capital argentina, nasceu "Bonequinha de Seda", estrelada por Gilda. E o seu primeiro filme foi uma revelação quanto aos seus dotes artísticos diante da câmera. Só muitos anos depois, Gilda voltou a trabalhar nos estúdios, mas regressou como diretora, dirigindo a película "O Ébrio". A canção e a peça foram escritas por Vicente; a novela e o "screen-play" foram de autoria de Gilda. Durante quase dez meses Gilda de Abreu lutou dentro dos estúdios da Cinédia para realização da película. Ela mesmo nos diz: — "Sou diretora de filmes por instinto. Nunca li um livro sobre a arte de dirigir películas. Aprendo vendo filmes americanos e tentando fazer o que me vem na imaginação".

QUANTO RENDEU "O EBRIO"?

Este filme deixou de boca aberta uma porção de entendidos que até sua estréia não acreditavam no sucesso que veio a obter. O galã, Vicente Celestino, era novato no cinema. O mesmo acontecia com a diretora. O enredo era pesado, folhetinesco, melodramático, e até então os filmes nacionais que haviam rendido dinheiro eram as comédias carnavalescas. Apesar de tantas estréias o filme "abafou". O gerente do principal cinema de Curitiba telegrafou a Gilda de Abreu, entusiasmado, declarando que naquela cidade, o seu filme rendera mais dinheiro que "...E o vento levou...". A película deu até hoje, aproximadamente, quatorze milhões de cruzeiros e a distribuição da "gaita" devia ter sido feita do seguinte modo:

Parte dos exibidores (à base de 50% da receita bruta), Cr\$ 7.000.000.00.
Cinédia (Por ter cedido estúdios e má-

Gilda de Abreu numa pose glamourosa, mostrando que poderia ser, se o quisesse, modelo para capa de revista. E seria uma ótima profissional, pois em tudo em que se mete acerta sempre.





Como poderá haver no Brasil outra mulher igual a Gilda se ela sabe, com perfeição, representar no palco, na tela, cantar, dirigir, filmar, escrever romances, novelas de rádio, cozinhar e costurar (como se vê na foto acima). Parece mentira, não é? Mas não há o mínimo exagero de parte do repórter.

quinas), Cr\$ 3.500.000,00. Sr. Alberto Campiglia (Capitalista quotista), Cr\$ 166.666,00. Gilda Abreu-Vicente Celestino, enredo, realização e interpretação, Cr\$ 2.333.332,00. O custo desse filme, cujo lucro total vai ultrapassar a casa dos quatorze milhões de cruzeiros, não chegou a quinhentos mil cruzeiros. Nós dissemos que o dinheiro "deveria" ter sido distribuído de acordo com a tabela acima, porque, quando perguntamos à

diretora se ela e o Vicente Celestino tinham já recebido a sua parte, Gilda de Abreu nos respondeu com tristeza:

— Por enquanto, recebemos apenas quinhentos mil cruzeiros... O resto? Bem, creio que ainda o receberemos... Pelo menos, o nosso direito é líquido e certo...

PLANOS DE GILDA DE ABREU

O filme "Pinguinho de Gente", argu-

mento e direção de Gilda de Abreu, deverá estar pronto dentro de um mês ou dois. Quando terminou de dirigir "O Ébrio" pensou em desistir do cinema. Era enorme a cansaça. O trabalho não estava saindo como exigia. Em suma: mil dores de cabeça. Agora, terminando seu segundo filme, ela nos diz a mesma coisa. Mas, ao mesmo tempo, fala-nos no seu sonho em realizar na tela sua peça "Mestiça". Realizá-la com

grande montagem, mesmo que o capital empatado seja enorme. Esse é o primeiro projeto. Os outros serão: novos livros e a sua estréia no jornalismo. Quer continuar trabalhando dez, doze, dezessete horas por dia. Seu desejo é dirigir um filme com todas as facilidades técnicas dos estúdios norte-americanos. "Quando isso puder acontecer no Rio — diz-nos ela — teré realizado o meu grande sonho".

A esquerda: A diretora explica ao auxiliar Manoel Rocha detalhes sobre o cenário. Os empregados do estúdio já se acostumaram com o dinamismo da diretora. A direita: Gilda de Abreu ao lado do boneco de neve (feito de papelão e gesso) que aparecerá em uma das seqüências de "Pinguinho de Gente".



O tufão da Guerra passou por ali... O homem-pássaro, fundido em bronze, e que parecia sólidamente instalado para a Eternidade, desapareceu de súbito, a um sopro mais rijo de Marte... Aonde teria ido parar, com as suas soberbas asas, tão grandes que pareciam levá-lo da Terra?...

★

Era o célebre monumento de Saint Cloud. Ali o ergia a França, para celebrar o feito de Bagatelle. Em 23 de outubro de 1906, pela primeira vez na história do Mundo, o Homem se levantara do solo, por meio de recursos mecânicos. Não era o vôo singelo do balão, sujeito às lufadas de ar, aos caprichos do vento. Não! Era o voo consciente, propulsado com forças mecânicas. Santos Dumont realizara-o, pela primeira vez, na Bagatelle em Paris. Daí o monumento que o sagrava "Pai da Aviação". A França apresentara-o ao Mundo como colaborador da obra divina e autor do último capítulo do "Gênesis". A França proclamara-o o bandeirante dos ares. A França levantara-lhe, em Saint Cloud, o monumento que lhe deveria perpetuar a prioridade no desbravamento das rotas do Infinito...

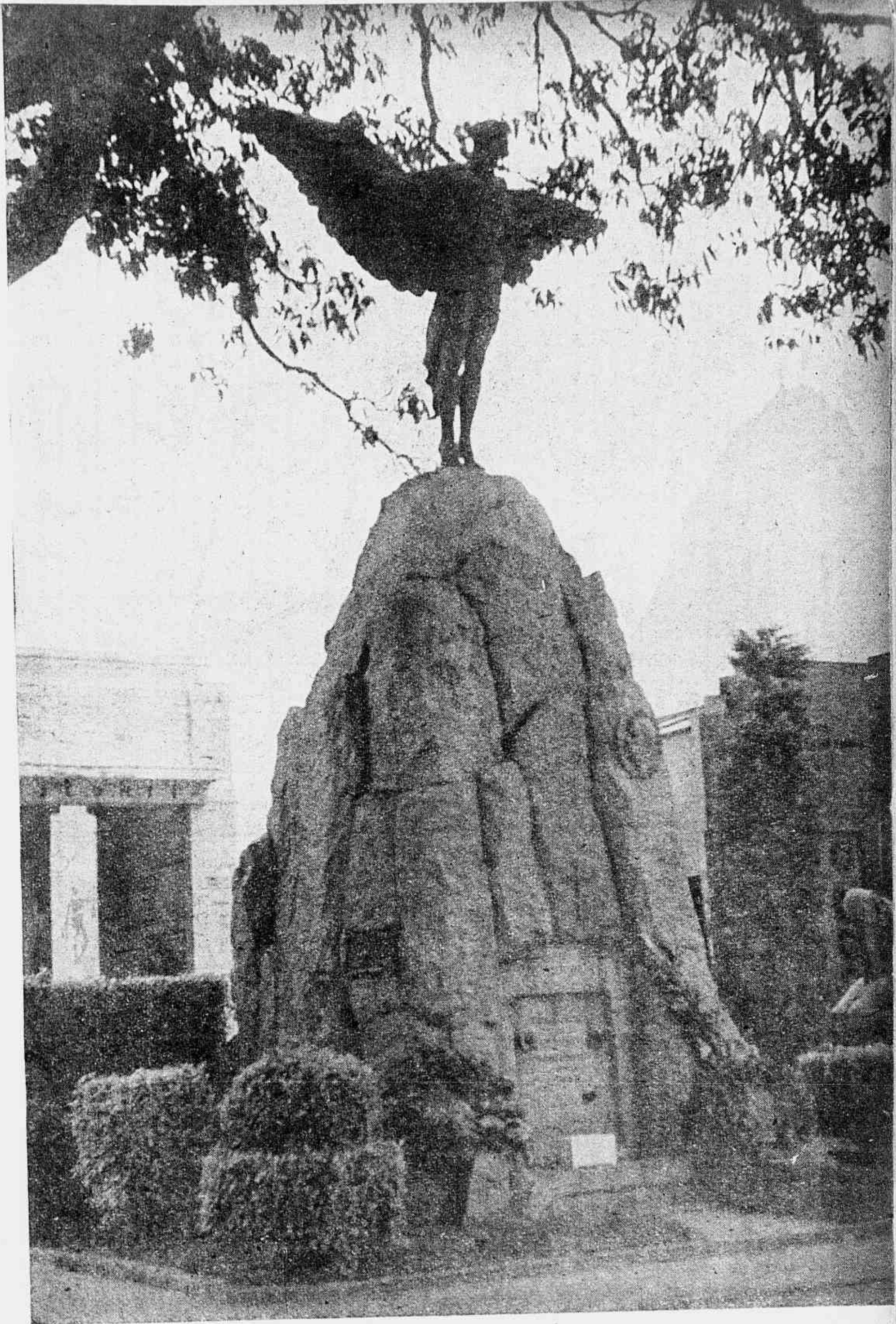
★

O desastre de 1940 pusera a Gália ilustre sob o tacão da bota prussiana. Ocupada e vencida, a terra de S. Luis sofreu a maior pilhagem dos tempos modernos. Os Hunos saquearam-lhe as lojas, as adegas, as bibliotecas, as igrejas. Nem os monumentos escaparam à rapina cinzenta dos emissários de Hitler. E o monumento de Saint Cloud, construído como marco milenar da História, desapareceu, um dia, sem embargo do caráter universal da glória a que visava...

★

Eis o fato, que devemos remediar com patriótica urgência. Devemos doar à França um novo monumento, copia exata do que se foi na voragem da guerra. Aqui o temos, no túmulo de Santos Dumont, na metrópole de São João Batista. Não poderíamos fazer à grande defensora dos direitos do nosso pátrio — maior e mais rica oferta. A Nação espera que aquele pedestal não continue vazio. O Brasil exige a reconstituição do monumento, para a garantia de sua perenidade histórica — e da justiça que simboliza. O pedestal vazio é um con-

A direita: Neste artigo, nosso colaborador Berilo Neves, lança uma idéia que, na verdade, merece ser prestigiada: a de que o Brasil deve oferecer uma duplicata deste monumento à França, que, por sua vez, não-lo havia ofertado, como uma réplica do de Saint-Cloud. Em baixo: Um dos últimos retratos de Santos Dumont, tirado ao lado de uma linda moça que, no momento, experimentava uma de suas invenções, que não chegou a bom termo.



SANTOS DUMONT E O PEDESTAL VAZIO

Por BERILO NEVES (Especial para "REVISTA DA SEMANA")

vite para a entronização de novos deuses e a proclamação de errados pioneiros... Santos Dumont é, de feito, o "Pai da Aviação". Assim o reconheceu Edison, um dos maiores gênios contemporâneos. Assim o afirmou a França — que dera à causa da conquista dos ares os irmãos Montgolfier.

Não importa que a aviação tenha servido à deusa Belona, transmutando-se, de instrumento do Progresso, em arma diabólica e destruidora. O pensamento de Dumont era fazer dela, o traço de união dos povos, a mensageira prestante dos ideais de fraternidade universal. O avião leva o remédio, a carta, a máquina benfazeja, o aparelho cirúrgico, o soro salvador e humanitário... Ele abraça as cidades, traz as aldeias para o contacto da Civilização, funde as distâncias, aproxima as almas e os entendimentos... É o pássaro miraculoso, em cujas asas iriadas, o sol de Deus reverbera, em novas e auspiciosas cintilações cósmicas... Tiremos, do mundo moderno, a Aviação e teremos retrogrado não apenas 41 anos, mas

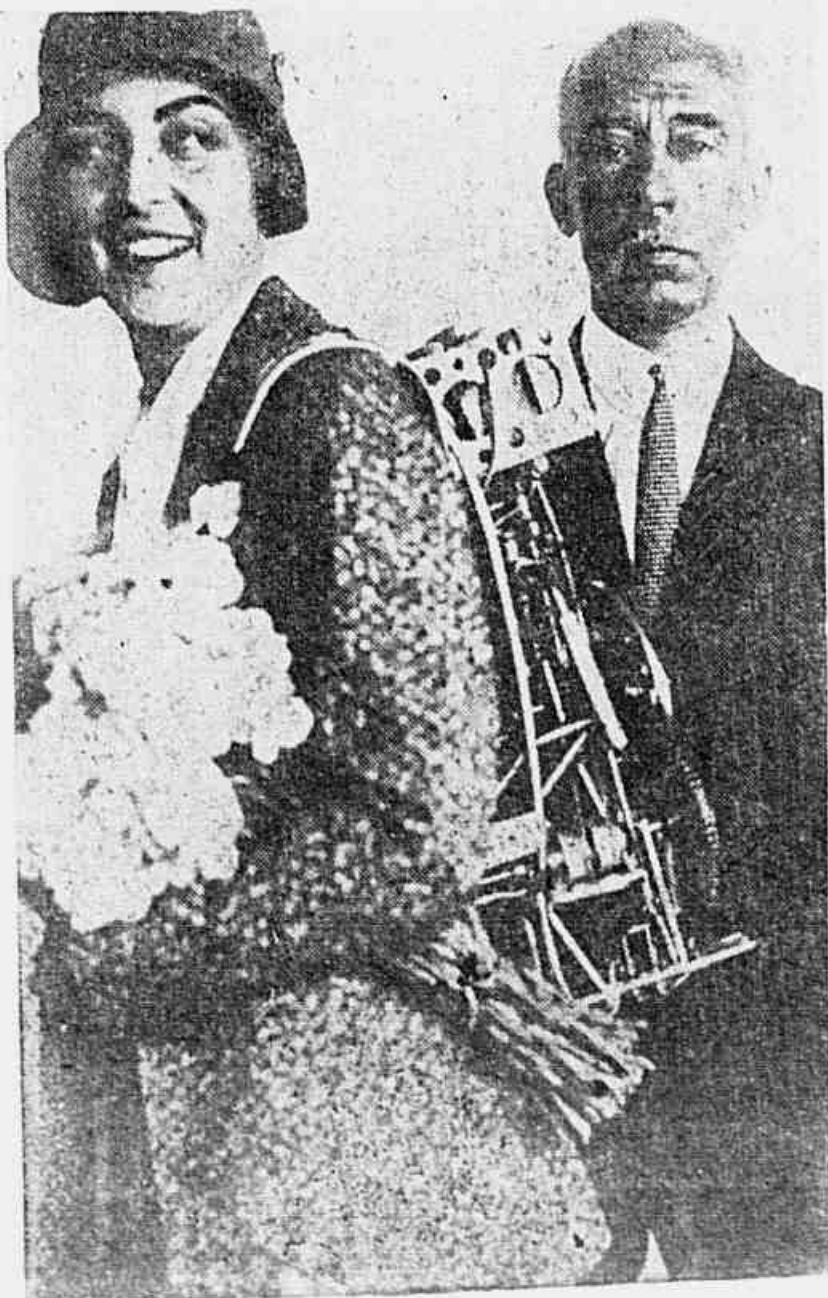
41 séculos... Todo o Progresso que se nos antolha para o porvir — é dotado de asas. Com elas, tremos aos planetas vizinhos, com elas, marcharemos pelas estradas assombrosas das vias-láneas! com elas, demandaremos esta realidade empolgante, que as filosofias apenas anunciam, sem lhe apontar a morada fixa: DEUS!

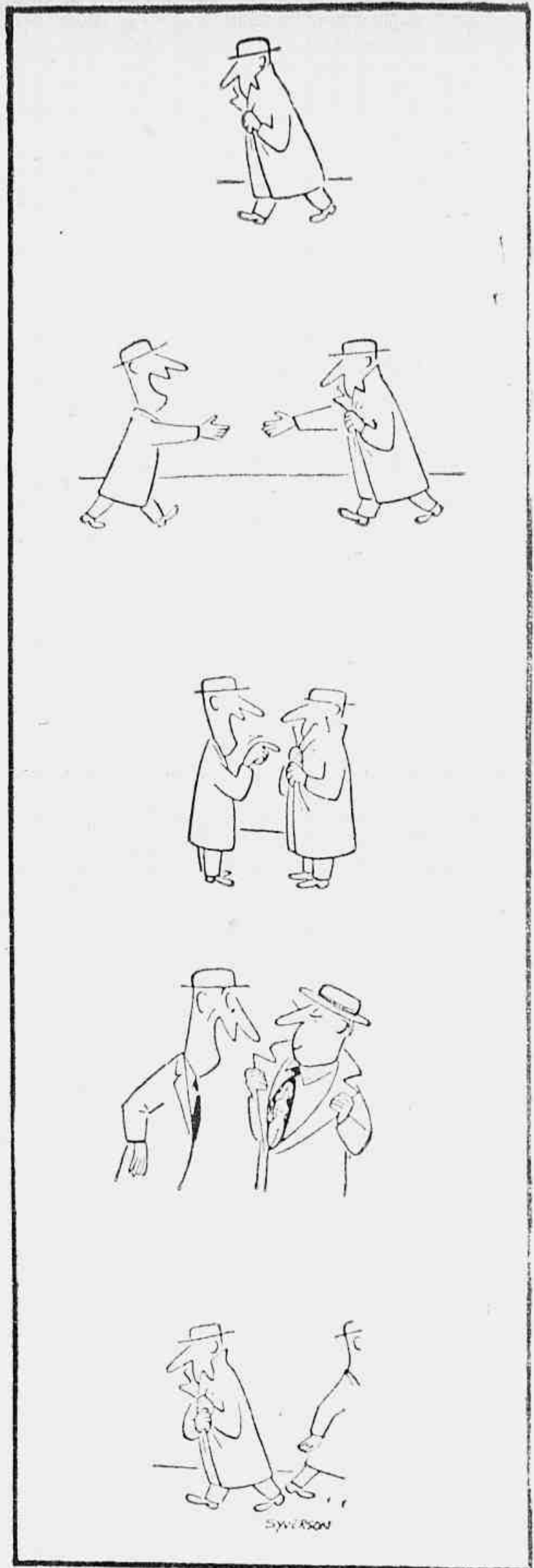
★

Eis por que a campanha pela restauração do monumento de Saint Cloud deve ser um impulso da alma nacional, no Brasil. Ofertemos à França o que ela nos deu, em dias de maior riqueza e esplendor. A nobre nação de Pasteur e Vitor Hugo receberá o monumento de Santos Dumont com a alegria com que a mãe saudosa aperta, nos braços, o filho que lhe quiseram roubar, numa hora amarga de treva, numa hora fatídica de derrota e desânimo.

★

A volta de Santos Dumont a Saint Cloud! Eis aí um programa cívico. Aí está um imperativo moral e histórico.





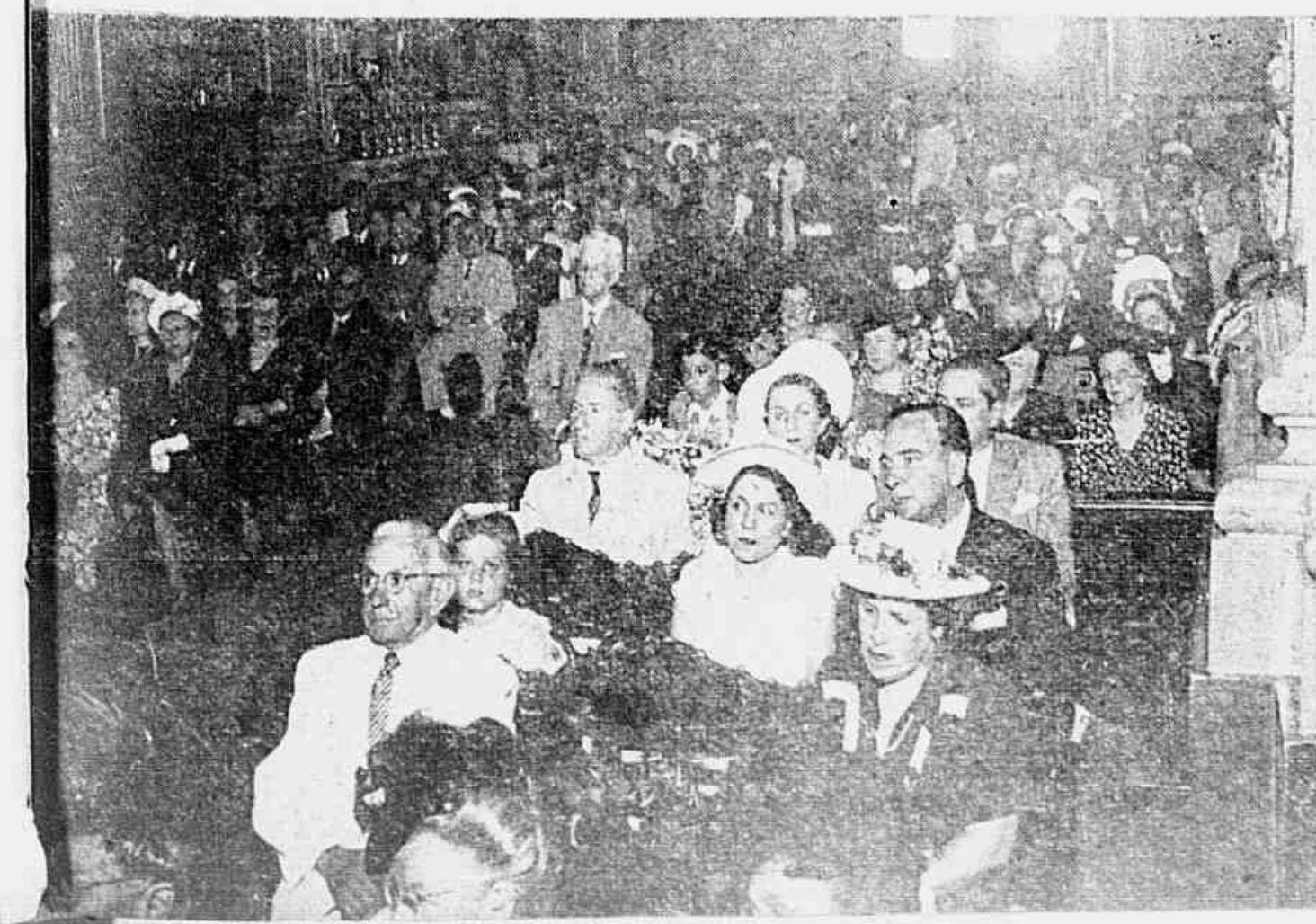


BODAS DE OURO

FLAGRANTES apanhados no dia 20 do mês p. passado por ocasião das comemorações das Bodas de Ouro do casal Randolpho Fernandes das Chagas e Laura Ferreira das Chagas.

Foi celebrada missa em ação de graças na Igreja de S. José, repleta de parentes e amigos do ilustre casal que, à noite, ofereceu em sua residência em Copacabana uma recepção à qual compareceram elementos da nossa melhor sociedade.

Os advogados Artur Leão e Nonato Cruz e o médico Luís Fraga saudaram os aniversariantes, agradecendo o dr. Randolpho Chagas em comovida oração.



A boa pintura faz a volta ao mundo, — é o que se pode dizer, diante das coleções de belas artes da Austrália.

Em contraste com as grandes galerias de além-mar, a coleção de arte da Galeria de Melbourne não é enorme. Mas, se escasseia em número sobreleva em qualidade, com as telas que proporcionam a base para algo que será um dia uma das maiores coleções do mundo.

A galeria australiana, — que poucos sonham existir, — já possui originais dos melhores trabalhos de Rembrandt, Tiepolo, Daumier, Goya, Corot, Blake, Romney, Constable, Veronese, Van Dick, Van Dael, Puvis de Chavannes, Watteau, Tintoretto, Jan van Eyck, Lely, Turner e Raeburn, bem como os mestres modernos como Cézanne, Van Gogh, Monet, Manet, Degas, Camille, Pissarro, Sisley, Augustus John e outros.

As telas desses mestres e outras obras de arte adquiridas com os fundos concedidos pela "Doação Felton" já colocaram Melbourne no mapa mundi da arte. A fundação da atual Galeria Nacional de Melbourne



"Retrato da Duquesa de Grafton", de Gainsborough, pertencente à Galeria Nacional de Melbourne.

cular mas igualmente remunerativa de droguista por atacado.

Deixou ele quase Cr\$ 30.000.000,00 em caixa, com a cláusula de que a renda fosse igualmente dividida entre dádivas às instituições de caridade e a compra de obras de arte para a Galeria Nacional de Melbourne, com o objetivo de elevar o nível do gosto público.

Esta magnífica doação, que até hoje proporcionou à Galeria importâncias que atingem a mais do total do valor da situação primitiva, possibilitou-lhe competir em igualdade de condições com os compradores das galerias ricamente dotadas no outro lado do mundo.

Os australianos, que não viajavam, nunca haviam visto no passado uma paisagem de Corot. Os estudantes australianos impossibilitados de estudar na Europa jamais podiam ver a obra de Van Eyck, de Puvis de Chavannes, de Rembrandt ou muitos outros mestres da pintura.

Agora, graças à doação de Felton, Melbourne é a metrópole da arte no quinto continente. Não somente a coleção desempenhou

A BOA PINTURA FAZ A VOLTA AO MUNDO

A GALERIA DE ARTE AUSTRALIANA POSSUÍ VALIOSOS TRABALHOS DOS GRANDES MESTRES — A "DOAÇÃO FELTON" PROPORCIONOU A BASE PARA UMA PRECIOSA COLEÇÃO.

De LEO KELLY



(Do "Australian Information Service")

foi efetuada em maio de 1850, seis anos depois da fundação da Biblioteca Pública da cidade, quando os dirigentes daquela entidade votaram Cr\$ 120.000,00 para compra de obras de arte na Inglaterra. Em 1874, a principal galeria de pintura foi com-

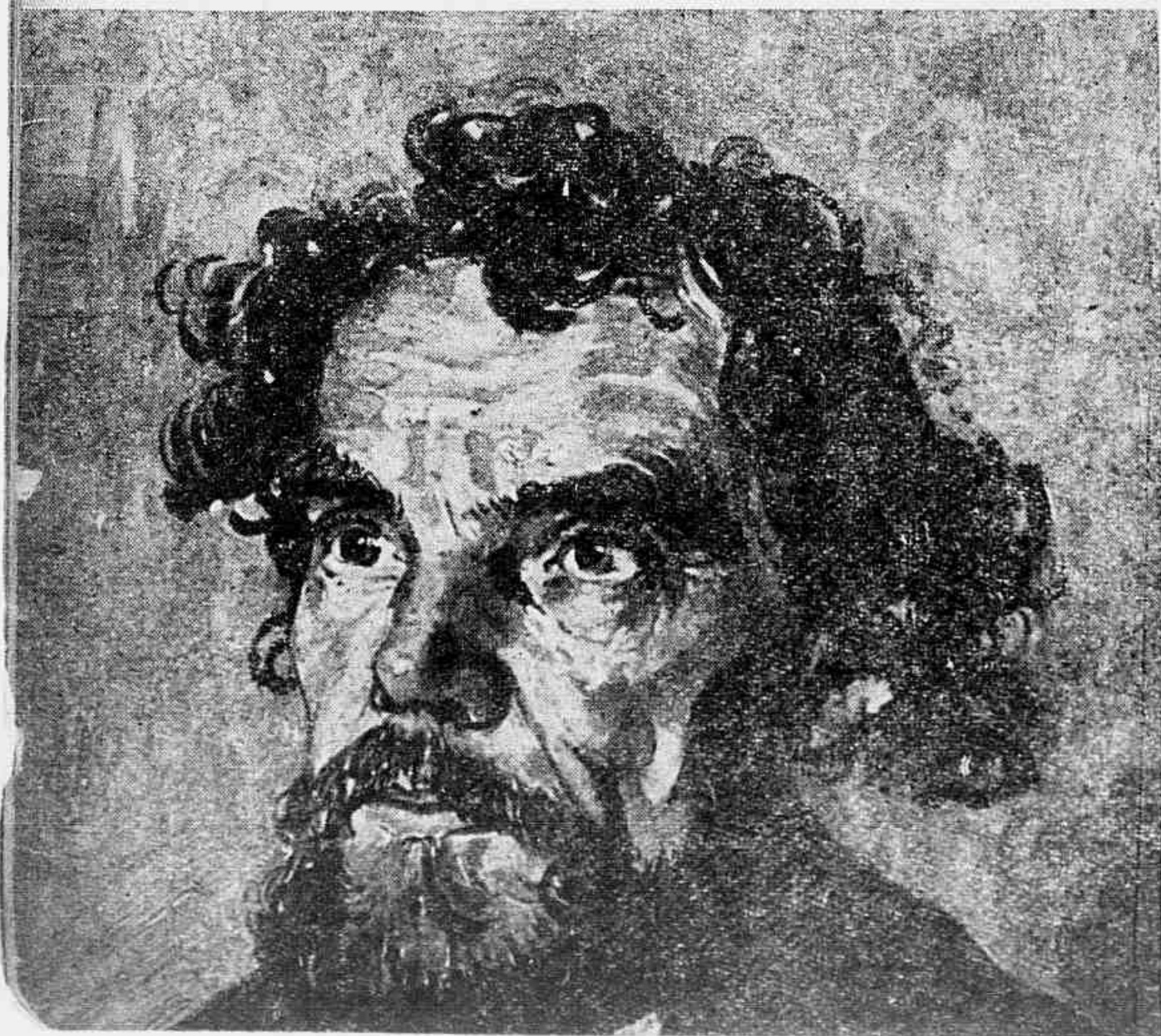
pletada — o que não era pouco para uma cidade que contava então com menos de 50 anos. De vez em quando a Galeria foi enriquecida com as dádivas e doações feitas por cidadãos de alto espírito público, mas somente em 1904 a morte de um dos

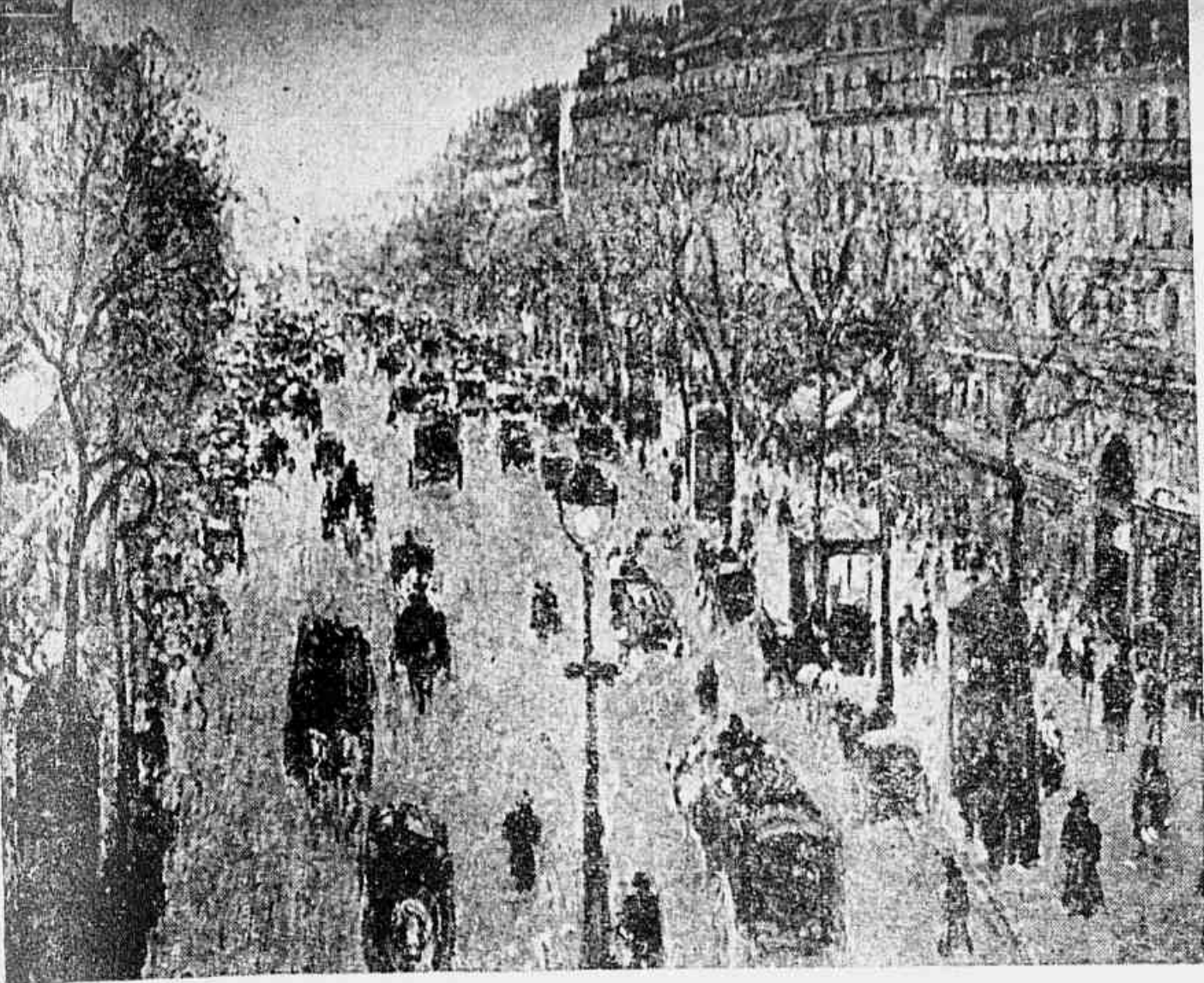
principais negociantes de Melbourne, Alfred Felton, modificou todo o curso da vida da Galeria.

Felton estabeleceu a base da sua fortuna durante os dias da febre do ouro do ano de 1850, com a ocupação menos espeta-

um valioso papel na realização do objetivo de Felton: como também se tornou uma fonte permanente de inspiração para a geração mais nova de artistas australianos cuja obra, segundo muitos críticos prevêem, figurará dentro em breve, entre as

A esquerda: O Museu da Escola de Belas Artes do Brasil está atrasado, em suas coleções, em relação aos mestres da pintura moderna. Não temos um único trabalho do genial Van Gogh. Mas a Galeria Nacional de Melbourne tem dele este belo retrato. A direita: "Les Jaloux", um quadro de Watteau que foi parar em Melbourne, onde serve de inspiração aos jovens artistas australianos.





A esquerda: "Boulevard Montmartre", de Camille Pissarro, adquirido em 1905, como uma das primeiras obras da coleção Felton. A direita: "La Route Montante", quadro de Paul Cézanne, pertencente à Galeria Nacional de Melbourne.

mais puras e mais bem acabadas do mundo.

A soma destinada às compras de arte, desde que a doação foi feita, eleva-se a Cr\$ 43.075.000,00. Dessa importância, Cr\$ 35.045.000,00 foram gastos nas compras de obras de arte no além-mar.

O fundo é administrado por um Comitê ao qual incumbe a tarefa de selecionar as obras de arte, com a aprovação dos dirigentes da Galeria. Alternativamente, o Comitê tem poder para autorizar a compra de obras recomendadas por essa última entidade, isto é, a "Gallery Trustees".

O Comitê teve a assistência de vários famosos técnicos de arte para habilitá-lo à pesquisa, exame, informação e compra de obras de arte no além-mar. Entre eles incluem-se os srs. Bernard Hall, F. W. Gibson, o falecido Robert Ross (cuja atuação foi decisiva no garantir para a Galeria a posse da grande coleção de quadros ilustrativos da obra de Dante e sobre outros assuntos, da autoria de William Blake), Franz Rindar Randall Davies e Sidney Cockerell. Os atuais consultores de arte em Londres, do Comitê da Doação Felton, são Sir Kenneth Clark, recentemente Diretor da Galeria Nacional em Londres, e o Professor Schwabe, Professor de Belas Artes no Colégio Universitário, em Londres.

Todas as obras de arte recomendadas para compra são consideradas apenas em seus méritos e não é permitido fazer nenhuma discriminação em favor da obra de arte australiana. Entretanto, os artistas australianos lucraram financeiramente com o fundo na quantia de quase Cr\$ 3.000.000,00.

A finalidade do Comitê foi sempre obter exemplares da melhor obra dos melhores artistas. Nos primeiros anos de sua criação, o Comitê daquele período possuía uma tendência conservadora em relação à arte e

relutava algum tanto na compra de obras contemporâneas. Quando a importância da arte contemporânea, tanto no exterior como na Austrália, obteve maior reconhecimento, esse aspecto conservador se modificou. As instruções foram corrigidas ou ampliadas de vez em quando e o objetivo do Comitê da Doação Felton e dos encarregados da Galeria foi adaptá-las sempre às condições em mudança.

Os marcos mais memoráveis na história dos primeiros anos foram a aquisição em 1905 do "Boulevard Montmartre" de Pissarro, "A Arvore Inclinada", de Corot em 1907 e "O Inverno" de Puvis de Chavannes, em 1910. Durante o período iniciado em 1920, muitas das mais importantes obras foram adicionadas à coleção da Galeria, in-

clusive "Nossa Senhora e o Menino Jesus" de Jan Van Eyck, num valor sem precedente de Cr\$ 2.003.700,00, o qual permanece ainda o preço "record" até agora pago pelo Comitê por qualquer obra prima. Este famoso quadro, que é assinado e datado de 1433 é considerado como um exemplar maravilhoso do talento de Van Eyck e uma de suas melhores representações da Virgem.

Uma notável aquisição representando uma nova fase nas compras da Felton foi o famoso "Livro de Horas" de Wharnclyffe, adquirido em 1920 por Cr\$ 285.000,00. Esse manuscrito francês do século XV, com iluminuras, contém ilustrações atribuídas ao famoso Jean Poulquet.

"Retrato de uma dama", um dos melhores trabalhos de Goya, pertencente ao quase ignorado Museu de Melbourne.



Entre as outras aquisições desse período, figuraram a "Condessa de Southampton", de Van Dick, num custo de Cr\$.. 900.000,00, e o "Tríptico Flamenço", adquirido por Cr\$ 220.500,00; a maravilhosa obra "Pietà" de Mumling, datada de 1472; o vigoroso retrato, "O Monge", de Ticiano; o brilhante e impressionador "Retrato de uma Senhora" de Goya; e o "Dodge Pietro Loredano" de Tintoretto, anteriormente na coleção do príncipe Lichnowsky, antigo embaixador alemão em Londres. Duas aquisições espetaculares foram o "Auto-retrato" de Rembrandt e o "Banquete de Cleópatra", de Tiepolo. Essas duas obras, foram adquiridas por Cr\$ 1.810.000,00 e Cr\$ 2.100.000,00, respectivamente. O Rembrandt, por muito tempo considerado como uma cópia, foi um tanto dramaticamente redescoberto na coleção do Duque de Portland. O Tiepolo é extremamente interessante do ponto de vista técnico, bem assim por sua cor e qualidade. Outras aquisições da Galeria são "Os Ciumentos", de Watteau; "O Inverno" e "A Onda", de Gustave Courbet; "Retrato de Mulher" e "Dançarina de Ballet" de Edgar Degas; "Montanha Russa", de Paul Cézanne; "Convés de Navio", de Edouard Manet; "Temporal em Etretat", de Claude Monet; "Boards de la Vione", de Camille Pissarro; "Cabeça de um Homem", de Vicente Van Gogh; "Colinas atrás de Sta. Nicose", de Alfred Sisley; e o "Robin" de Augustus John.

A Galeria possui exemplares do melhor trabalho dos próprios artistas da Austrália, tais como Sir Arthur Streeton, Tom Roberts, Fred McGubbin, Rupert Bunny, George Lambert, Hans Heysen, Elioth Gruner, Charles Conder, Louis Buvelot, Daryl Lindsay, Blamire Young e muitos outros que contribuíram para a ainda curta mas já altamente interessante história da arte australiana.

HISTÓRIA TRISTE

Conto de RACHEL BASTOS

(Escritora portuguesa — Autora de "Coisas do céu e da terra").

CARLOTA, debruçada na janela do comboio, acena com o lenço para um grupo que se vai diluindo na distância. No seu rosto não se vêem, porém, as lágrimas da separação. Pelo contrário, os seus olhos traduzem uma certa alegria, pela liberdade em perspectiva. A sua vida vai, talvez, começar. Longe da mãe e da irmã, longe de todas as influências, Carlota vai poder ser ela própria, vai agir conforme lhe aprouver.

Como lhe pareciam descabidas as lágrimas da mãe! Não fora mesmo ela que lhe aconselhara a concorrer ao lugar de professora? Não movera todas as influências para que ficasse aprovada? Não se regostara com a sua nomeação para a província? Tanto ela como a irmã pareciam festejar a proximidade daquele dia que, afinal, sempre chegara. Mas Carlota encosta-se no estoto do banco e sente quase raiva contra si própria. "De que é feito o seu coração que não vibra de saudades ao afastar-se das pessoas com quem sempre viveu?" Assusta-se com a secura que encontra dentro de si e tenta ainda espremer uma lágrima que não vem. "Não, decididamente não tem vontade de chorar; o que quer é viver a sua vida. Que lhe importam as árvores e os campos que se perdem no limite do vidro do vagão, se outras árvores e outros campos se aproximam!"

Carlota endireita-se, sacode imperceptivelmente a cabeça como quem se quer desfazer de idéias que incomodam, e começa a atentar nos outros passageiros: um homem de chapéu mole, com uma pasta que não tira de baixo do braço, um militar, uma mulher com uma criança de colo, e um jovem padre lendo o seu breviário. Foi neste último que o seu olhar mais se demorou. Sentia sempre uma estranha necessidade de olhar fixamente as pessoas. Um ser humano era sempre a melhor paisagem para Carlota. Quantas vezes tivera o desejo de mandar parar uma pessoa na rua, dizendo: "Espere aí um bocadinho; o senhor tem muito que ver; deixe-me olhar para si!" E depois, agradecer muito e andar para diante, até, de novo, prender a sua atenção. O rosto humano! Que paisagem deslumbrante! O sol, a lua, os montes e as longas praias, não tinham para ela o poder de sugestão dum rosto humano passando pelo mundo! "Como verão eles a Terra?" Essas árvores que ela via sempre monotonamente iguais, esses montes sem inquietação, essas praias longas como viduas sem horizonte, essas águas misteriosas e disciplinadas que ameaçam engolir a Terra e que, no entanto, voltam ajuizadamente ao seu lugar — tudo isso terá o mesmo aspecto para eles?

Carlota não deixa de observar o jovem padre. O seu rosto é colorido como o acordar do dia. Cabelos castanhos, olhos azuis, faces rosadas e lábios grossos, muito vermelhos. Vinte anos? Vinte e dois? "Mal empregado!", segreda-lhe o seu coração, e dentro do seu corpo circula, mais rapidamente, uma onda de vida. Carlota move-se no banco. Gostaria de lhe chamar a atenção. Mas os olhos do rapaz sobem apenas até ao alto da página do breviário. Olhos azuis, tão fundos como uma agulhada dentro do seu peito. Para quem seriam aqueles olhos?

A paisagem corria no vidro da janela. Carlota sentia-se isolada porque a vida estava a crescer dentro de si e

não tinha a quem a dar. Vieram então as lágrimas, as primeiras desde que deixara a casa. Tinha vontade de escancarar o peito, de sentir no coração, nos pulmões, aquele vento que agitava as árvores tão estáticas e tão sós como ela. Porque a vida enchia-a toda e não tinha a quem a dar.

★

Carlota desce do vagão e recebe à pressa, das mãos do militar, a sua pequena bagagem: duas malas e um embrulho. O comboio põe-se novamente em marcha, e a estação fica sôzinha, branca, caída ao acaso entre montes escavados. Um moço pergunta-lhe se deseja que leve as malas e quer saber a direção. Como lhe dá-de dizer? Para a escola? Ou simplesmente Romaril? Estava neste problema quando chega apressadamente uma senhora que se lhe dirige:

— E' a nova professora?

— Sim; Carlota Pais.

— Desculpe chegar um pouco tarde, mas os transportes, aqui, é o que se apanha! Hoje foi uma carroça; o macho não queria andar... Venha por aqui. Eu sou a antiga professora.

Carlota perdera o entusiasmo das primeiras horas. Um ar muito fino entrava-lhe no corpo, causando-lhe arrepios de frio. A natureza quieta penetrava-a de mistério. Sentia-se pequena, mirrada, como antes sentira não caber dentro de si.

A professora, com os seus cabelos grisalhos enrolados na nuca, o seu vestido fora de moda, ajudando-a a subir para a carroça, sugeria-lhe a idéia de que lá entrar no mundo dos retratos amarelados. "Venha!", parecia dizer-lhe, "venha para ao pé dos que foram esquecidos do mundo. A senhora morreu, não sabe? Não percebeu que lhe tiraram qualquer coisa lá de dentro, muito vermelho, muito agitado, sem dimensões? Pois é isso! Vai estranhar um pouco, ao princípio, mas depois tudo se conserta. Venha cá!"

O que a senhora, na realidade, lhe dizia, não o ouvia Carlota, desolada e só como uma longa distância. Acreditava, sim, que lhe tinham tirado qualquer coisa que se agitava dentro de si, que devia ser vermelho porque era alegre, que não devia ter dimensões porque, estando dentro do seu corpo, o envolvia como um manto de felicidade.

A senhora continuava a falar, mas a carroça, aos solavancos, seguia o caminho da sua imaginação.

★

Passaram dias? Passaram meses? Nenhuma diferença marca o tempo na pequena aldeia de Romaril. Carlota já sabe de-cor os caminhos e os montes, já analisou as casas e os corações. Os homens, filhos de uma paisagem quieta, só essa paisagem refletem. Lá dentro, têm máquina a trabalhar. Olhos vazios, boca escancarada, mãos de agarrar, pés de bater chão. Uma paisagem sem perspectiva!

Carlota está no exercício das suas funções: tem uma escola. Vinte e três crianças aprendem a ler e a escrever, dobradas sobre o papel. O traço de Carlota dá-lhes vontade de rir, a sua fala doce é instintivamente compreendida como falta de autoridade. As crianças da escola são más, não porque queiram

(Cont. na pág. 48)

Ilustração de ANA ZAGORSKA





Aspecto de uma sessão plenária do Congresso Internacional de Mulheres, reunido em Paris, sob os auspícios da "Entente Mondiale Pour La Paix". No primeiro plano, estão as bancadas argentina e brasileira, vendo-se duas das nossas delegadas, — Helena Silveira e Carmen Portinho.

ASPECTOS DE UM CONGRESSO INTERNACIONAL DE MULHERES

O Congresso Internacional de Mulheres organizado pela "Entente Mondiale Pour La Paix" reuniu delegadas de 52 nações entre os dias 27 de setembro e 1.º de outubro, nas salas do antigo Hotel Magestic, em Paris, que é onde hoje funciona a UNESCO.

As organizadoras desse congresso dirigiram-no com tal habilidade que, em um momento em que a política interna da França era de importância capital para os espíritos franceses, essa política local de nenhum modo veio perturbar os trabalhos das congressistas que deviam situar-se num clima absolutamente apolítico afim de levarem a bom termo as possíveis soluções para os problemas da paz.

Recebeu-se mensagens de Mrs. Roosevelt, de Mr. Triggvie Lie, secretário geral das Nações Unidas, Pearl Buck, da sra. Leonor Mendes de Barros, esposa do presidente de São Paulo, da deputada Conceição Santamaria, em nome dos parlamentares paulistas. Em uma das sessões plenárias tivemos a alocação de Julien Huxley, diretor da UNESCO.

Uma das conferencistas que mais impressionaram a assembleia, foi, sem dúvida, a sra. Moreau de Justo, do Partido Socialista Argentino. Não só na conferência em plenário como depois, nos trabalhos das comissões, essa delegada chamou a atenção sobre as medidas militaristas de Perón, sobre seus processos ditatoriais, e sobre os perigos que podiam advir para a segurança mundial desse governo, dirigido com um deliberado espírito totalitarista e anti-democrático. Mostrou quão semelhante é a atitude de Perón com a de Mussolini em relação à infância e adolescência. Vemos reproduzidos, em território argentino, o pequeno "balila" de triste memória. O menino argentino aos sete anos é obrigado já a se entrosar na engrenagem militarista do Estado. Enquanto isso, livros pacifistas como "El Crimen de La Guerra", de J. B. Alberdi que, anteriormente era adotado por todos os colegios, é proibido e retirado discretamente das livrarias. Estendendo-se em análises e conceitos dos mais interessantes, a representante da Argentina definiu como democrático todo o regime que assegure o desenvolvimento e a liberdade do indivíduo. Incitou, também, a sra. Moreau de Justo a mulher para que seguisse, em política, um caminho próprio, não trilhando estradas preparadas pelo homem. Realmente, para equilíbrio do mundo seria desejável que cada sexo seguisse orientações específicas e demarcadas. Levava justamente, a delegada de São Paulo uma tese em que abordava esse aspecto de especialização que, a seu ver, deviam os sexos observar para maior harmonia social. Entretanto, não estando as outras duas delegadas do Brasil de acordo com tal ponto de vista, não pôde a tese ser apresentada, uma vez que a representante paulista acatou a opinião da maioria (nesse caso dois votos contra um...).

A delegada Askanasy (Canadá), citando a definição de Franklin sobre a democracia "governo do povo sobre o povo", chega à conclusão de que, representando a mulher a metade da humanidade, não pode haver verdadeira democracia se não em um governo em que ela tome parte numa proporção de 50 por cento.

A INTELIGÊNCIA FEMININA A SERVIÇO DA PAZ MUNDIAL

Por HELENA SILVEIRA
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

A escritora e jornalista Helena Silveira, autora de "A Humilde Espera", livro de contos muito bem recebido pela crítica, e jornalista de destacada atuação nas folhas de São Paulo, acaba de regressar de Paris, onde foi uma das delegadas brasileiras, ao Congresso Internacional de Mulheres Para a Paz.



A jornalista Ana Garofalo (Itália) em plenário, responde ao tão enraizado preconceito de que as mulheres não devem cuidar de política com estas frases: — "Mas o que é política? — É a nossa vida e a vida de nossos filhos, é o preço do pão e do leite, são os meios de transporte, as escolas, a liberdade de consciência e de idéias, a paz e a guerra."

Nesse congresso feminino, dois homens, entretanto, foram levar suas palavras autorizadas e imprescindíveis. Um foi o já citado diretor da UNESCO, outro o sr. André Meyer, diretor do conselho executivo da O. A. A. (Organização de Alimentação e de Agricultura). Falando sobre a fome e a produção agrícola mundial, o sr. Meyer deplorou que no recente "Congresso Mundial de Nutrição" reunido em Genebra, a mulher não tivesse sido representada. "Porquanto a alimentação é um problema que interessa, sobretudo à mulher. É necessário nos ocuparmos, senhoras, da alimentação das crianças. Chamo vossa atenção para o fato das crianças e os adolescentes constituírem um terço da população do mundo e não fez esse terço representação junto aos governos. Incumbe à mulher, pois, representar não a metade da população mundial mas ainda mais essa parcela, sendo vós, as mulheres, as lúdimas representantes da infância." Aconselhou o sr. Meyer às mulheres que trabalhassem juntas, trilhando caminhos positivos. (Só as comissões especializadas da finada Sociedade das Nações sobreviveram a essa e continuam seus trabalhos com as Nações Unidas).

A princesa Firoux (Iran) apresentou ao congresso a resolução seguinte, a respeito das responsabilidades da mulher:

"Esta Assembleia Internacional de Mulheres constata que a atual preponderância masculina nos negócios mundiais é uma condição anormal que tem consequências desastrosas para os dois sexos e pede que um apelo se a faça para acordar o sentimento do dever e da responsabilidade nas mulheres como cidadãs de suas nações e do mundo, para que as forças femininas construtivas sejam postas em ação. Acredita-se que uma verdadeira democracia na qual os dois sexos sejam representados em partes iguais possa tornar-se na pedra angular da paz mundial — O espírito materno que cria e protege a vida, associado ao espírito paterno de invenção e progresso, cooperarão para fazer leis que resistam às forças da injustiça e da destruição da guerra."

Nas resoluções finais do Congresso Internacional de Mulheres, essa sugestão da princesa Firoux foi parcialmente aceita.

A dra. Strecker (Alemanha) falou em plenário sobre o ensino tendencioso da História, mostrando quanto esta exalta para as crianças o sentido da superioridade nacional e o desdém para com as outras nações. Lamenta a representante alemã que, em todas as nações, a mulher de ânimo, em geral, pacifista, não leve nunca o seu concurso desejável de historiadora.

A jornalista Ana Garofalo (Itália) afirmou que "a mulher italiana sai de séculos de desconsideração e de

VELHA INGLATERRA

ESCRAGNOLLE DORIA

O século Vinte, de algarismo tão redondo na cronologia universal, é dominado pela preocupação constante da maioria de seus dirigentes (?) de pôr o passado em tábua rasa.

Tudo quanto as gerações desaparecidas legaram às vindouras, em rudimento ou meio avanço de civilização, é destinado à sepultura em cova demarcada e a um hic jacet definitivo na História.

Só se ouve falar em mundo novo em idéias novas, em novos planos de remodelação social, em novas felicidades humanas quando entretanto num universo fatigado de ser milenar, a mor parte das coisas dele é a mesma coisa de antes, aperfeiçoada ou não.

Na terra só se vêem povos tangidos a rebanho por meia dúzia de pastores confiando ao terror e à prepotência a guarda dos rebanhos de vez em quando dizimados pela mais infernal crueldade representada pelos campos de concentração onde o sadismo já mais pensou imperar tanto, exercido até por cientistas a soldo do mal.

Tôdas estas considerações vêm à baila na hora presente quando o passado ostenta à Europa e ao todo do universo a nota comprovante ainda da sua existência através das complicações, dos projetos, das solécias, dos vetos da O. N. U., e de tudo quanto a política dos enganos recíprocos oculta sob iniciais que nem todos decifram e se espalham pela imprensa em títulos berrantes, em espetaculosos negritos, o telégrafo tremendo a cada hora para difusão de notícias verdadeiras, desmentidas horas depois.

A nota da vida do passado à qual

aludimos é apresentada à assembléia dos povos pelo povo mais tradicionalista do planeta, tanto vale dizer a Inglaterra, que se ufana de old England mesmo hoje.

Ninguém culto ignora o aferro britânico secular à tradição conservada no meio das maiores modificações de século à século. E' o progresso espalhado na tradição.

Mais uma vez ressurge esta, quando palpita no mundo a notícia telegráfica do recentíssimo enlace nupcial da presumtiva herdeira da coroa inglesa a reproduzir o nome da rival de Maria Stuart e a chamar à memória, por possível advento ao trono, aquela avoenga Vitória, que, em 1837, ao deixar da cama e ao abrir dos olhos em certa madrugada viu a seus pés gente da corte a preveni-la que a morte do tio Guilherme 4.º dava o direito de cingir coroa, empunhar cetro, uma e outro entre-lhes à jovem princesa por espaço de uma era para a sua nação.

Por ora só despachos telegráficos dão conta das cerimônias do casamento da princesa que por sucessão hereditária se enfileira agora, vestida de noiva, no grupo masculino dos príncipes de Galles de título criado há séculos para o herdeiro presumtivo da coroa inglesa.

Tudo na cerimônia de agora trouxe cunho de passado tão expresso pelo próprio templo onde o ato solene se realizou, a Abadia de Westminster, onde a Inglaterra se preza de entregar ao túmulo o pó de muitos de seus reis ao lado do pó de seus maiores filhos desde o estadista famoso até o poeta mais célebre.

Tôda a cerimônia matrimonial de

Westminster foi calcada na meticulosa observância de tradicional pragmática.

Ninguém podia esquecer quanto se fizera outrora para tornar a fazer o mesmo, com a mesma exatidão e rigor até de indumentária.

A ordem nos convites, a precedência nos lugares, o cala um onde devia estar, na la escapou à vigilância dos grãos mestres reguladores do cerimonial.

Podia Londres deixar de abalar-se inteira para não perder o espetáculo externo e interno de Westminster? Impossível; a curiosidade popular londrina acompanhada por outra, a de inúmeros forasteiros acudidos de diversos pontos do país-ilha ou tendo atravessado a Mancha para gozar por assim dizer récita histórica de vez única?

Tudo olhares para Westminster; Londres negrejou de gente nas ruas, nas janelas, nos telhados, na observação do cortejo a estender longa fila ostentosa por onde ia passando lentamente como convém ao que sendo solene visa impressionar multidão à espera de aspectos decorativos.

Chega o momento de Elizabeth e seu noivo, o duque de Edimburgo, transporem o limiar de Westminster, e logo em seguimento uma onda de vivas invade o recinto da abadia habituada a mortos ali trazidos pela glória ou pela posição régia.

Dissipam-se as melas sombras de Westminster, a abadia só luzes deslumbrantes.

Estão no altar mór uma rainha presumtiva e um futuro príncipe consorte, uma das posições sociais régias mais difíceis de exercer, por alvo de críticas.

E o sentiram o príncipe Alberto na Inglaterra e o conde d'Eu no Brasil, embora este apenas esposo de herdeira presumtiva de coroa.

Em qualquer ato de casamento, quanto mais nos dos consórcios reais, a curiosidade geral se caracteriza feminina e masculinamente. A curiosidade masculina detem-se no exame visual dos nubentes sem preocupações de análise e minucia.

A curiosidade feminina concentra-se sobre a noiva, seu físico, sua indumentária modesta ou suntuosa.

Sobre a figura da princesa Elizabeth e seu vestido de cetim branco com adornos de cristal e pérolas que de olhares femininos convergiram, enquanto olhares masculinos mais poisavam sobre o espetáculo pollicrômico oferecido no recinto da abadia, ressuscitando o pintoresco das grandes cenas sociais da Europa que a última guerra parecia haver abolido para sempre!

Reaparecia o passado com o brilho e o vivo de cores, na massa de escol reunida no recinto de Westminster. E naquela massa quantas figuras a chamarão atenção: aqui o corpulento rei Haakon da Noruega, envergando farda de almirante; ali o ex-rei Pedro da Iugoslávia, também fardado de almirante, constelava o peito de venerated e seria um nunca acabar descrever personagens e trajes dos mais altos participantes da cerimônia de Westminster, mesmo porque disto se encarregarão, à miluda, as revistas ilustradas inglesas e do mundo inteiro que saibam obrar prodígios fotográficos e tipográficos no papel couché, a serviço principal das figuras de Elizabeth destinada a rainha e de Philip de Mountbatten, já agora duque de Edimburgo. Tal título recorda o pai da rainha Maria da Rumania, aquele príncipe Alfredo, filho da rainha Vitória, nosso hóspede de outrora em dias do Segundo Reinado.

Nem se deixe de frisar que durante a cerimônia o primeiro ministro trabalhista Attlee e os demais ministros da Comunidade Britânica ocuparam um banco ao lado do côro, banco no qual veio sentar-se quem? Churchill, o líder da guerra, o inimigo n.º 1 de Hitler, o atual chefe da oposição parlamentar.

Que país admirável esse onde o homem decaído do governo pode ir sentar-se respeitado entre os que se acham em pleno uso do poder!

Noutro banco da abadia reinava aquele pitoresco que a Índia sempre oferece aos grandes espetáculos da metrópole, isto é, o deslumbramento do grupo dos marajás com seus trajes de riqueza asiática no rutilar de pedras preciosas.

Finda a cerimônia, ao som da Marcha Nupcial de Mendelssohn, encaminhou-se o préstito para a residência dos noivos, obrigados a aparecerem à janela, a esta voz única da multidão: "Queremos a princesa". Enquanto isto a abadia de Westminster voltava ao costumeiro silêncio após cerimônia na qual o Passado e a Tradição se haviam figurado tanto, a ponto de registro nupcial de 1947 ser assinado na capela do rei Eduardo o Confessor, desde séculos e séculos de restos mortais em Westminster.

★

Entre o cruciar de tuas angustias e de teus problemas atuais, ficaste fiel a tuas tradições, velha Inglaterra, de pé em face de azorragado mundo universo, atônito ante o teu respeito aos tempos idos no quadro risonho de um noivado.

A Abadia de Westminster (vista lateral), onde foi celebrado o casamento da futura rainha da Inglaterra, Elizabeth Alexandra Mary.





A 'ELIA Simone é uma das figuras principais do elenco rádio-teatral da Tupi. Conhecendo os segredos da arte de dizer ao microfone, não lhe é difícil viver os personagens mais diversos que a imaginação dos novelistas pode criar. Daí, tornar-se imprescindível seu concurso nas várias histórias seriadas que as "emissoras associadas" transmitem diariamente. Lancada no "Teatro de amadores", ao tempo da velha Educadora, cêdo Atila Nunes descobriu-lhe qualidades para vencer, razão porque insistiu para que ela não mais abandonasse o rádio. Amélia Simone que, na realidade se chama Benedita Amélia Ferreira Coelho, ingressou então na Rádio Cruzeiro do Sul, onde permaneceu até 1943, quando Olavo de Barros lhe fez vantajosa proposta para atuar na Tupi. Aceita esta, a vitoriosa estrela deu início a uma série de atuações marcantes não só nos espetáculos do "Grande teatro", como ainda nas novelas e cortinas que a PRG-3 irradia. Mais tarde, sua interpretação foi solicitada no "Teatro religioso" da Tamóia, vindo a festejada artista a desempenhar um dos papéis de relêvo na novela "Filha de Maria", escrita por Anselmo Domingos. Presentemente, Amélia Simone participa das apresentações rádio-teatrais da PRG-3 e PRB-7. Fora do rádio, trabalhou em teatro de amadores, participou dos espetáculos do "Teatro do Estudante". No plano desportivo, ela gosta da patinação. Adora o cinema e a ribalta. Gosta de andar na rua quando chove. Nasceu na cidade de Cuiabá, Mato Grosso e vive há muito no Rio.

**DE QUATRO
EM QUATRO**

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

MARIO Lago, "rádio-writer" dos mais ativos, é um nome familiarizado no seio dos ouvintes brasileiros. Com brilhante passagem pelo teatro de comédias, onde assinou uma peça bem recebida pelo público, pertenceu ainda ao elenco de várias companhias, tendo percorrido vários Estados. Também incursionou no cinema, obtendo os melhores resultados. Como compositor, seu nome atravessou fronteiras, chegando aos arrajais norte-americanos, através de uma composição de indiscutível sucesso, qual seja essa gostosíssima "Aurora", que as "Sisters" interpretam com muita graça. Também "Fracasso", foi outro numero de bastante aceitação, chegando a ser o disco mais vendido do mês, conforme estatística feita pela "CENA MUDA". Escritor de programas, é o responsável por "Brasil em tempo de valsa" e "Lendas de todo o mundo", duas agradáveis atrações da Rádio Nacional. Rádio-ator, participa das principais novelas que a PRE-8 transmite, sendo que, no momento, pode ser ouvido em "Uma sombra em minha vida", trabalho de Ghilardi e "Crime por amor", novela de Alvaro Augusto. Toma parte ainda em varios programas como "O sombra", "Programa Efecê", "Caricaturas" e outros mais. Mario Lago, durante algum tempo integrou o elenco da Rádio Pan-Americana e escreveu alguns "broadcasts" para essa estação. No mês de novembro, atendendo aos reclamos do coração, o autor de "Aurora" contraiu núpcias, viajando a seguir para São Paulo.



O POEMA ÉPICO

LEMBRO-ME, eram vésperas de exames e não me achava disposto para estudar química. Olhava os dados dos problemas e franzia a testa, passava a mão no cabelo e suspirava, aborrecido, enojado. Com o lápis comecei a rabiscar bonecos no caderno, caras de todas as espécies, bojudas, compridas, sorridentes, sombrias. Enchida a folha, circunvaguei o olhar pelo quarto. Ao canto, crescia a estante negra de meu tio. Dirigi-me para lá, contemplei-a de alto a baixo, olhei as lombadas dos livros. Havia de tudo; ciência, filosofia, literatura. Parei nesta e retirei da prateleira um livro de Camões, o célebre poema, de que só conhecia a fama enorme e os quatro primeiros versos. Não sentia vontade de estudar química e, para ocupar o lugar dela, só servia uma leitura extravagante, diferente, que me inspirasse curiosidade. Os "Lusiadas" foram o remédio indicado.

Comecei a ler o poema e fui me interessando pela história, pela metrificacão pura, pela linguagem soberba do autor. Meus estudos de português davam para entender o poeta e extasiar-me com suas inversões e metáforas. Esqueci-me das horas, o sono evaporou-se, e só dei em mim quando já terminara metade do primeiro canto.

De repente, pus de lado o livro. Chelo de entusiasmo poético, resolvi escrever também uma grande obra. Um sucedâneo dos "Lusiadas", ou, se quiserem, um "Lusiadas" brasileiro. Não ignorava que Duro e Basílio da Gama já o haviam tentado, inutilmente. Mas o fogo que me abrasava por certo não abrasara meus infelizes antecessores.

O poema seria uma exaltação à terra brasileira; nele, contaria toda a nossa bela história, desde o descobrimento ao momento atual. Obra de grande fôlego, a maior, talvez, de nossa terra. E, naquela mesma noite, disposto e inspirado, peguei de uma folha de papel e escrevi:

BRASILÍADA
Poema épico de Cirano Carvalhal
Em 10 Cantos

As letras grandes, bem feitas, imitavam o alfabeto tipográfico. Um pouco mais abaixo, sob as palavras "Canto Primeiro", comecei:

"Sento-me à mesa e pego de uma pena
E a escrever estes traços eu começo..."

Continuei por aí.
Passei a noite inteira, preso em meu quarto de estudante, feliz, num grande estado de exaltação. Punha

no papel o verso, tal qual me ditavam as musas, para em seguida modificar um pouco, aperfeiçoar a métrica, embelezar a forma e dar ritmo à frase. As estrofes eram em oitava, como no poema de Camões. Aliás, tanto forma como idéia, se assemelhavam à forma e idéia do grande cantor luso. Mas (já que isto é uma confissão, falamos a verdade): a métrica, a rima e a cadência de minha obra superavam as de meu mestre.

Concluí a introdução: 5 estrofes genuinamente camonianas, camonianamente perfeitas, preñhes de zeugmas, hipérbolos, perífrases e gradações. Não posso deixar de transcrever aqui uma estrofe, uma única, para que tenham os leitores uma idéia de meu trabalho:

O' Musa, que renome tu acendeste
A Dante e mais, meu canto divintza.
E como à prece de Vergílio creste
Acredita na minha, pois que visa
A pátria como tema. Não morreste
Mas vives e és de todo estremecida
Daquelles que somente em ti se inspiram
E só devido a ti é que existiram."

Reli tudo e gostei, principalmente desta última estrofe. O que me agradou mais, entretanto, foi aquela metáfora magnífica, aquele "acender renome"...

Recopiei a introdução e guardei cuidadosamente comigo. Falando sozinho, dizia-me: Quem sabe se agora não sairá de tua cabeça o maior poema épico de todos os tempos e que será a obra-prima da humanidade? Tua obra te trará riquezas, glória e sucesso. E via meu nome nos jornais do mundo inteiro, em cabeçalhos gigantes. Via-me cumulado de homenagens, de títulos. Vi-me recebendo o prêmio Nobel.

Dois dias depois foi a prova de química. Eu não sabia coisa nenhuma nem consegui colar do vizinho. Entreguei a prova limpa, que ele contemplou com um risinho sarcástico. Pouco me importei com isso. Que era um zero na prova, quando eu havia de ter o mundo inteiro a meus pés?

Cheguei em casa, fechei-me no quarto, pronto a iniciar o episódio do descobrimento do Brasil. Tinha já na memória todo o assunto relativo ao caso; comecei por D. Manuel. Surgiriam, em seguida, os primeiros governadores e os missionários. Tempo e assunto eu os tinha de sobra. Fazendo em média de 6 estrofes por dia, no fim do ano seriam 2.190, o bastante para dar remate à obra. Dá-la-lá, então a um crítico competente e aprofundado no estudo da língua, depois a um editor. E, com o poema, se divulgariam pelo mundo inteiro o meu nome, meu retrato, minha história. Senti todas as sensações que me acompanham a evolução da obra-prima: a excitação, a febre, Camões, Dante, Milton, compreendo vosso entusiasmo. Também vive no meu a centelha que brilhou no vosso olhar! Sei bem como sentistes ao escrever na folha vossos inspirados pensamentos, vossas idéias soberbas! Tudo senti, tudo gozei! Es-

queci o que me rodeava: a estante suja, os livros, a vidraça empoelrada. Tudo se desvaneceu. Mais ainda: esqueci a reprovação, a carranca de meus professores, as lágrimas com que minha mãe borrou suas últimas cartas em que me pedia que estudasse, estudasse... O mundo exterior desaparecera, só havia o meu, aquele que morava dentro de meu cérebro! Trabalhei febrilmente, catei eloquência nos dicionários, burilei frases empolgantes. Rimci como um desesperado. Que era uma reprovação? Que eram lágrimas passageiras? A posteridade só teria olhos para o meu poema, que se ergueria impune, soberbo!

Mas essa fração da divindade que é o gênio tem sua parte humana: o meu orgulho altivo abrigava a vaidade. Quis mostrar aos que me haviam reprovado, quem eu era. Antes de rematar minha obra resolvi distribuir a alguns professores uma cópia do primeiro canto de meu poema. Desejava vê-los embasbacados. Queria-os a meus pés, pedindo-me desculpas, rogando-me perdão...

Distribuí cópias a meu mestre de português, de latim, de química. Compreenderia este último as culminâncias de minha arte? Desconfio... Aquilo foi apenas uma vingança, para mostrar dos dois quem podia mais, quem era o mais forte.

Voltei para casa. Tive uma semana de excitação. Não trabalhei no poema, não estudei, não fiz nada. Limitei-me a imaginar, espichado na cama patente, as frases, as desculpas, as reverências de meus professores. Colados! Precisava do elogio deles para satisfazer minha vaidade, mas, como os desprezava no íntimo! Que tinham eles feito? Perdido uma vida! Trinta anos curvados em tratados maquados, estudando, perdendo tempo. Meu professor de português ainda era alguma coisa; poeta! Um genuíno representante do parnasianismo. Mas como se tornavam ridículos seus sonetos quando os confrontava com a minha "Brasilíada"! Como eram medíocres! Mesmo os de Bilac, os de Antero de Quental!

Uma semana depois retornei ao colégio. Saí de casa radiante, formulando mentalmente uns agradecimentos modestos... A modéstia, embora falsa, é necessária ao Gênio. Cheguei-me ao mestre de português, dei-lhe os bons-dias e, simulando despreocupação, olhando as paredes da sala, os móveis, perguntei pelo poema.

O mestre apontou-me uma cadeira, sentei-me. Depois ficou à minha frente, encarou-me por muito tempo, olhou-me nos olhos, e explodiu:

— Tolo! Se a métrica estivesse perfeitíssima, a rima ideal e o assunto bem apresentado, o poema ainda não estaria bom. Você imitou alguém que viveu há quatro séculos. Camões é bom para o estudo da língua, e, na realidade, foi perfeito. Mas o período clássico já se foi, seria ridículo desenterrá-lo. Você veio tarde. Se quer meu conselho, ouça: ponha isso no fogo. E não fique zangado; deve dar-se por feliz em não me haver procurado depois, quando já estivesse com o poema completo. A dor sentida seria muito maior...

Era evidente que esperava um elogio. Por isso fiquei atônico, vermelho de ódio, mais vermelho do que um precipitado de iodeto com cloreto de mercúrio. Penalizado, o professor me quis consolar, dizendo:

— Mas, sabe? Você revela qualidades de poeta, tem queda para o negócio. Estude e volte depois. Quem sabe se então...

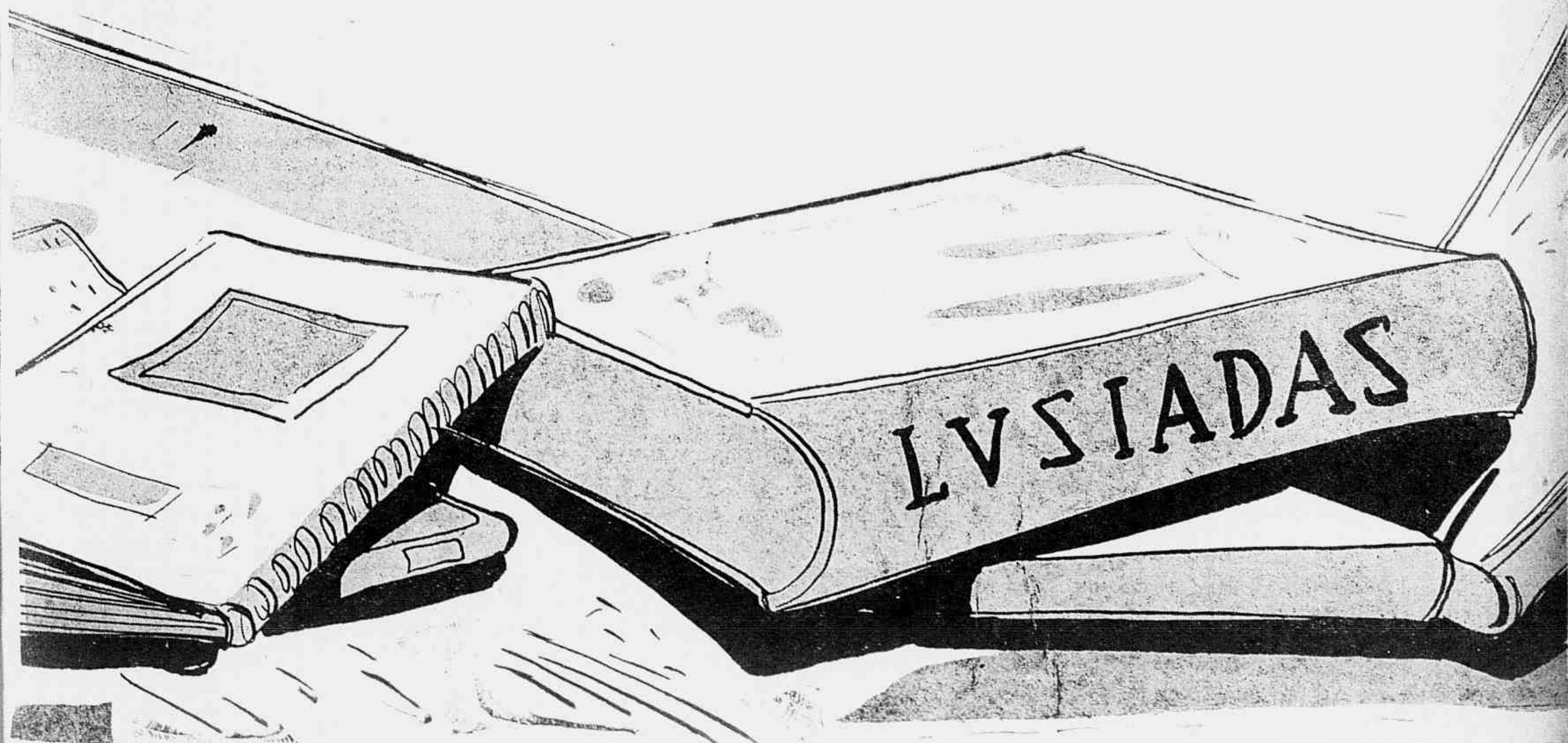
— Pare! — falei indignado. — Desprezo-o. Porque não é capaz de escrever um poema, não tem inteligência nem preparo suficiente para compor obra magnífica e de valor como esta, põe-se a mentir! Tudo isso é inveja, INVEJA! Mas não não pense que suas mentiras me afastarão da fama e da glória. Outros professores dirão a verdade. Eles não serão capazes de tais mesquinhezias, de tais vergonhas. Passe bem!

E afastei-me. Fui a meus professores de latim e de química. Este último disse que a obra tinha algum mérito. Nem me dignei responder; lancei-lhe um olhar de desprezo, o mais desprezível que encontrei na minha coleção de olhares. O de latim achou que o meu poema não tinha qualidades; não valia nada. Parece que todos se haviam coligado para me desafiar, como se coligara a Europa inteira com medo de Napoleão. Tinham receio de mim, receio de que os sobrepujasse e lhes tirasse o lugar, para eles reservado, na posteridade. Uma corja!

Fui a um escritor de renome, a um poeta, a um crítico. Escrevi para o estrangeiro, para grandes capacidades da França e da Inglaterra. Esperei com grande ansiedade a resposta, que não veio. Só era possível uma conclusão...

O mundo inteiro tinha inveja de mim.

CONTO DE RENARD Q. PEREZ ★ ILUSTRAÇÃO DE ABELARDO ZALUAR
PREMIADO NO CONCURSO PERMANENTE DE "REVISTA DA SEMANA"



ERA um corpinho enfermizo, etéreo e apaixonado, que se diria delicado demais para uma criança mortal. Fora, certa vez, tomado de uma calambra, e o pai, cuidando que o filho ia morrer, encomendara um caixão a um carpinteiro da aldeia. No entanto, Franz — chamavam-lhe Putzi em casa — recobrou a saúde, conquanto um irmão mais moço morresse da mesma doença.

Vivia chelo de música e de traversuras. O pai, pianista amador que fôra obrigado a desistir da sua precária carreira musical para aceitar um emprego sólido como administrador dos rebanhos do duque da aldeia húngara de Doborjan, decidiu que o filho triunfasse onde ele fracassara. Por isso mesmo, obrigava Franz a estudar piano desde o nascer do sol até ao meio-dia. Ora, para aquele menininho de sete anos, o estudo não era penoso, senão divertido. Em certa ocasião, ao escutar um exercício de Ries, notou, perplexo, que havia um intervalo de dez notas no baixo. De que maneira aceitaria transpor esse trecho enorme com a mãozinha? Tocou uma nota com o dedo e a outra com o nariz. Rezava todos os dias para que as suas mãos crescessem de repente a fim de que pudesse tocar a oitava sem maiores preocupações. Chegou, certa vez, a pensar em fazer cortes entre os dedos com a navalha do pai. Este, afortunadamente, pôde impedir em tempo o experimento.

Outra experiência verificou-se, no entanto, que o pai não vingou impedir a tempo, e que nada tinha que ver com a música. O pai guardava um saco de pólvora num baú grande, debaixo da janela da sala de visitas. Franz, que andava curioso por verificar o que viria a suceder se deitasse fogo a um pouco daquela pólvora, decidiu, um belo dia, satisfazer a curiosidade. Como o duque devesse passar de carro diante da casa, e Papai Liszt desejasse mostrar o rebento prodígio à Sua Alteza, Franz vestira, naquele dia, o seu melhor traje húngaro.

Interessado, porém, unicamente, no seu experimento, e sem se advertir da momentosa ocasião, tirou o menino um punhado de pólvora do saco, atirou-a dentro do fogão, tocou nela com uma vareta acesa e correu para a porta a fim de assistir aos fogos de artifício.

Tremenda explosão, e o garoto foi atirado de pernas para o ar. Quando os pais, aos gritos, chegaram à sala, encontraram-no preto como um limpador de chaminés, mas, afortunadamente, mais assustado que ferido. O pai experimentou-lhe os dedos. Continuavam flexíveis como sempre. O filho, mercê de Deus, seria um grande músico.

Foi para esse fim — a grandeza musical do filho — que o pai consagrou toda a sua vida. Conseguir que o duque — o mesmo benfeitor que encorajara o gênio de Haydn — lhe concedesse audiência. Na noite do concerto, como obedientes lacaios, o jovem Franz e Papai Liszt viram-se forçados a entrar no palácio pela escada de serviço, e ao passo que a criança tocava na sala de visitas, a mãe era obrigada a esperar lá fora, entre os criados. O concerto, não obstante, foi um sucesso. Amimalharam-no as damas, o duque afagou-lhe a cabeça e Fuchs, o condutor da orquestra ducal, determinou-se a preparar o caminho para os estudos posteriores do menino em Viena. Mercê da sua intercessão, Papai Liszt conseguiu que o duque lhe permitisse ausentar-se um ano do serviço. Vendeu a mobília e o relógio, reuniu os vinténs e fez-se, com a família, ao mar da pobreza certa e das incertas esperanças.

II

Quando os Liszt chegaram à capital da Austria (em 1821), Franz contava apenas dez anos de idade, embora já tocasse com a técnica e a emoção de um virtuoso adulto. Decidido a conseguir para o filho o melhor professor de Viena, o pai levou-o sem demora ao estúdio de Czerny.

Mas Czerny, que já tinha alunos em excesso e estava enfiado de atender à



FRANZ LISZT

A VIDA DE FRANZ LISZT

(1811 - 1886)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

sucessão de "crianças prodígio" constantemente exibidas diante dele, disse a Papai Liszt: "Sinto muito, mas o senhor está perdendo o seu tempo. Presentemente não posso aceitar mais nenhum aluno".

De improviso, porém, o professor parou de falar. Franz sorratamente, acercara-se do piano e pusera-se a tocar o mais difícil dos estudos do próprio Czerny. O mestre ouviu em silêncio até o menino acabar. Depois...

"Pasmoso! Nunca vi talento assim desde Schubert!"

Concordou, incontinenti, em aceitar Franz como aluno — a dois florins apenas por aula, simples fração do preço costumeiro.

Mudou-se a família Liszt para um quatinho no Ouriço Verde, a uma hora mais ou menos, de distância do estúdio de Czerny e, três vezes por semana, ia o menino para a sua lição e dela voltava, a pé, sem se incomodar com o tempo. A noite, dormia no chão, debaixo do piano, que se tornara em realidade, o próprio centro da sua vida, convertido em seu companheiro de brinquedos, sua capela, seu altar e seu oratório. Depois de ouvir algumas lições de Czerny contou aos pais que aprendera ser possível "rezar ao piano". Profundamente religioso, a música, para ele, era um ofício piedoso, um hino de graças ao Senhor pela vida alegre que era a sua.

E, de fato, mau grado o exiguo alojamento e a comida insuficiente, era a sua vida alegre ao extremo, pois, tendo-se difundido a notícia do seu talento, reconheciam-no não só como notável virtuoso senão ainda como autêntico

compositor. Estudava agora composição com Salieri, e este prometera-lhe publicar a sua primeira peça — um tantum ergo escrito para quatro vozes com acompanhamento de órgão. Cedo, muito cedo, ficaria ele rico e famoso e poderia indenizar aos pais todos os sacrifícios e trabalhos.

Entrementes, porém, era-lhe preciso trabalhar — trabalhar cada vez mais. Não havia tempo para a educação geral, nem tempo para brincar. Planeava o pai um concerto para ele, e era-lhe preciso exercitar-se, estudar, memorizar, desde o nascer até ao pôr do sol. "Você deve agradecer à sua estrela", dizia Czerny. "Nunca vi, em toda a minha vida, talento igual para a memorização". Chega o momento do ensaio para o concerto com a orquestra inteira. Os músicos afinam os instrumentos. Uma idéia súbita passa pelo cérebro do maestrozinho. "Vejam o que eu sei fazer!" grita ele e executa um perfeito salto mortal sobre a plataforma.

Sorriem os músicos, com indulgência. Afinal de contas, é apenas uma criança. O pai, entretanto, fica furioso com aquilo. "Você sabe que poderia ter torcido os dedos com essa cambalhota estúpida?" Um gênio não pode perder tempo com os folguedos das outras crianças. Mas tem outras compensações. Comece o ensaio e não pense mais em brinquedos de crianças!

Ele senta-se ao piano. Entreolham-se, pasmados, os membros da orquestra. "Incrível!" grita um grisalho tocador de viola. "Mas esse menino é tão bom quanto Mozart!"

E "tão bom quanto Mozart" foi o ve-

redito da audiência assombrada por ocasião do concerto. E havia homens de peso nesse concerto — Metternich, Rossini, o próprio Beethoven. Foi para todos uma grande surpresa encontrar Beethoven lá, pois, ao receber o ingresso para o concerto, lançara-o de si, resmoneando: "Estou farto de crianças prodígio". Todavia, lá estava ele, imóvel na sua cadeira, os lábios muito apertados. Claro está que não lhe era possível ouvir uma única nota, pois já a esse tempo a sua surdez era praticamente completa. Não obstante, continuou a fitar os olhos na criança, impassível, o cenho carregado, distante como um deus. Terminado o concerto, abelrou-se da plataforma, tomou Franz entre os braços de urso e disse-lhe, beijando-o na testa: "Meu filho, você ainda será, um dia, um verdadeiro músico".

Esse elogio de Beethoven foi uma das mais queridas recordações de infância. O elogio de Beethoven e os sorrisos de Carolina Unger, bela cantora, quase duas vezes mais velha do que ele, que se exibira no mesmo concerto e que obtivera também êxito estrondoso. Após o concerto, ela apertara-lhe a mão. Que dedos quentes e palpitantes, que olhos ardentes e perturbadores!

No dia seguinte ela saiu de Viena, para estudar música em Milão. Perderou-lhe a lembrança, porém, como uma fragrância, por muitos meses. Já em sua infância sentia Franz que, depois da sua música, o sorriso de uma mulher bonita era a coisa mais irresistível do mundo.

III

Mais concertos em Viena, em Pressburg e em Budapest, convites para frequentar a casa dos aristocratas, adulações, carinhos, lembranças, bolsas de ouro — e, por fim, uma viagem a Paris, pois Czerny dissera nada mais ter a ensinar-lhe. "Há, hoje em dia, na Europa", afirmara ele ao aluno de onze anos, "somente três pianistas melhores do que você — Moscheles, Hummel e Mendelssohn. Uns poucos anos de estudo no Conservatório farão de você o maior de todos".

Quando, porém, chegaram os Liszt a Paris, Franz não conseguiu entrar para o Conservatório, pois só aos estudantes franceses se permitia estudar lá. Conseguiu, entretanto, tornar-se aluno de Paer e continuou, debaixo da orientação deste último, o meteórico progresso em direção ao pináculo do virtuosismo contemporâneo. Uma noite, foi convidado para tocar no palácio da princesa de Berry. Toda a família real comparecera ao concerto. A princesa tinha consigo os dois filhos pequenos, um dos quais brincava com um enorme Pierrot. O pequeno Franz quase que perdeu o equilíbrio ao caminhar sobre o pavimento encerado e escorregadio, em direção ao piano. No momento, contudo, em que as suas mãos roçaram o teclado, transformou-se. Já não era uma criança que tocava, mas a própria encarnação do Espírito da Música. Executou o Concerto de Hummel, e o próprio autor não o poderia ter executado com maestria maior.

Quando acabou de tocar, até o velho rei cansado aplaudiu. A princesa de Berry tomou-o entre os braços. "Peça-me o que quiser, que você o terá".

Os olhos de Franz fuzilaram. "De verdade, Alteza?"

"De verdade. O que você quiser".

O pequenino virtuoso apontou para o Pierrot. "Eu queria — aquilo".

IV

Os trabalhos de Papai Liszt achavam-se agora no fim, pois os dedos mágicos de Franz haviam transformado a música em ouro. De Paris, levou-o o pai a Londres, onde encontraram os amantes da música, ansiosos, aguardando a chegada de "le petit Liszt". Franz tocou num concerto e obteve o êxito de sempre. "Esse menino húngaro", disse Clementi, "é sem dúvida alguma, o maior pianista vivo da atualidade".

Convidado a tocar diante do rei Jorge IV, executou diversas variações de

(Cont. na pág. 52)



O GORDO E O MAGRO VISITARÃO O BRASIL EM 1948!

UM ALMOÇO EM COMPANHIA DE LAUREL E HARDY — NOS BASTIDORES DO CABARÉ "LIDO" — O "NÚMERO DO GORDO E O MAGRO" — EM "TOURNÉE" ATRAVÉS DA EUROPA, PRETENDEM VISITAR TAMBÉM OUTROS CONTINENTES — OLIVER QUER DANÇAR O SAMBA NO RIO...

Reportagem de NELSON VAINER

(Enviado especial de "REVISTA DA SEMANA" à Europa)

PARIS, novembro (Pelo "Bandeirante", da Panair do Brasil) — Stan Laurel e Oliver Hardy estão em Paris. Chegaram há dias, com toda a sua bagagem teatral, e se instalaram em um dos luxuosos hotéis de Champs-Élysées.

Efetando atualmente uma "tourné" através da Europa, demorar-se-ão um mês na "Cidade Luz", divertindo as multidões parisienses no "Lido", um dos mais belos cabarés do mundo.

O gordo e o magro são os primeiros artistas que, em carne e osso, não me causaram a mínima decepção. A mim, e a todos aqueles que vão assistir ao seu "número" na referida "boite".

Fora do cinema ou do palco, os dois famosos comédicos não mudam de atitude, nem de gestos. São exatamente como aparecem no écran, um contrariando o outro e ambos sofrendo as consequências de seus atos. Hoje, passei grande parte do dia em companhia desses dois malucos, os quais me proporcionaram as horas mais alegres da minha vida.

Almoçamos juntos numa sala reservada do hotel em que eles se acham hospedados, evitando, assim, a aglomeração dos que, na hora da nossa saída, transformaram o "hall" num verdadeiro formigueiro humano, uns para ver o gordo e o magro, outros para lhes pedirem um autógrafo. Ambos traziam terno azul marinho; na lapela, um distintivo da "Associação dos velhos comédicos britânicos".

O primeiro prato era, naturalmente, um "hors-d'oeuvre" francês, que por si só, valia por um almoço: frios, rabanetes, batatas, tomates, manteiga, azeitonas, pão e mais alguma coisa, pois comer de tudo seria demais. O magro, calmo, com aquela cara de inocente, foi comendo sem escolher e sem prestar a mínima atenção ao que se passava ao seu lado. O gordo, intrigado, lançou um olhar quase veso sobre o companheiro, esticou o braço, batendo sobre a mesa com os cinco dedos, exatamente como nos filmes. Permaneceu todo o tempo naquela atitude, enquanto o magro, sem ligar importância a esse gesto que



Em cima: Vindos de Estocolmo, em um trem que chegou a Paris com quatro horas de atraso, o gordo e o magro dão uma bronca... Em baixo: o gordo e o magro, apontam para o correspondente da "REVISTA DA SEMANA".



Em cima: Oliver Hardy e Stan Laurel, em uma de suas mais recentes farças cinematográficas. Em baixo: O gordo, o magro e o jornalista Nelson Valner, nosso correspondente especial na Europa.



Já lhe é tão familiar há tantos anos, foi comendo, até limpar completamente o prato. Depois, com a mão esquerda levou o guardanapo à boca e com a direita, sem olhar para mim, nem para o gordo, tentou tirar a comida do prato do seu companheiro. Este, então, reagiu, dando-lhe uma forte tapa na mão. O magro fez uma cara feia e começou a chorar, exatamente como nos filmes...

Em suma: jamais esquecerei esse almoço em que me foi dado ver as mais incríveis pantomimas, dessas que fazem rir o mundo inteiro, com a diferença que o que vi fizeram especialmente para mim...

Depois do almoço saímos para o "hall", que estava repleto de hóspedes. Ao lobrigarem os dois famosos astros, não puderam resistir e soltaram estrondosas gargalhadas. Laurel e Hardy, já acostumados a tais recepções, olharam com satisfação para todos, fazendo gestos que aumentaram cada vez mais as gargalhadas coletivas.

Finalmente livres, tomámos um "taxi" e dirigimo-nos ao "Lido", com a condição de que eles respondessem às minhas perguntas a caminho do famoso cabaré parisiense.

No Lido, encontrámos nova multidão, especialmente mocinhas e rapazes, que esperavam a chegada deles, afim de obter autógrafos ou fotografias com uma dedicatória. E o gordo e o magro são tão camaradas, que não deixaram ir embora um só dessa legião de importunos sem atendê-lo com a máxima boa vontade.

OLIVER HARDY FALA ESPANHOL

Hardy fala espanhol. Ao mostrar-lhe a "REVISTA DA SEMANA", na qual salu minha reportagem anterior sobre Buster Keaton, o gordo me disse, enquanto folheava o nosso magazine:

— Conheço muito bem a sua revista. Vejo-a sempre, em Hollywood, com meus colegas. Especialmente, nas mãos dos artistas que são entrevistados pelo seu correspondente, Luís Serrano...

Laurel, que não entendeu patavina do que estávamos falando, estendeu a mão para apanhar a revista, mas o que apanhou foi um tapa que o fez novamente chorar. Desta vez, porém, o gordo não saiu ileso. Ao tirar o chapéu, não sei para que, o magro lhe deu um tabefe na careca que o fez estremecer. Mas ele não reagiu, limitando-se a olhá-lo daquele jeitinho e batendo com os dedos na mesa, sobre a qual apoiava o braço direito...

Dirigi novamente a palavra ao gordo:

— Já que conhece a revista, gostaria de publicar uma fotografia nossa na mesma. Concorda?

— Con mucho gusto! — respondeu — Mas... e o fotógrafo?

— Tenho um. Vou chamá-lo.

Sai, e poucos minutos depois voltei com o fotógrafo. Ia começar nova pantomima...

O fotógrafo falava um pouco espanhol e dirigiu algumas palavras ao gordo, que lhe respondeu nessa língua. O magro, que não queria ficar atrás, quando o gordo acabou de responder, exclamou: — "Caramba!", e fez uma de suas engraçadíssimas caretas. O gordo estava comendo um doce coberto com "crème chantilly". Num abrir e fechar d'olhos, Hardy jogou o crème na cara de Laurel. O magro nem pestanejou. Passou um dedo sobre o nariz, tirou um pouco do crème e o levou à boca. A sala se encheu de gargalhadas.

Pouco depois vieram chamar os dois para os bastidores do cabaré, afim de orientarem a decoração especial para o seu "número" da noite.

NOS BASTIDORES DO "LIDO"

Entrámos nos bastidores do cabaré. São muito grandes e repletos de mil e uma coisas: manequins, cavalos de pau, máscaras, instrumentos, escadas, máquinas, vassouras, baldes e não sei que mais. Ótimo lugar para tropeçar, cair, fazer cair alguma coisa na cabeça dos outros, escorregar — um achado para os dois malucos que fazem essas coisas nos seus filmes que arrancam as maiores gargalhadas ao público. Naquela tarde, não se trabalhava mais nos bastidores do "Lido"... O gordo e o magro não dei-

xaram de divertir os presentes e a eles próprios. Sim, os dois incríveis comiços, além de viciados com as suas brincadeiras, são antes de tudo duas crianças, — crianças desse tamanho, que divertem toda a petizada do mundo inteiro.

Em dado momento, serviram um chá. A falta de uma colherzinha, o magro botou o dedo na chicara, e foi mexendo... e o gordo, olhando-o com o rabo do olho, bateu calmamente com os dedos sobre a mesa...

Os decoradores tiveram que remover alguns caixões, muito pesados. O magro foi ajudar... O gordo, também. Curvou-se para apanhar qualquer coisa no chão, quando um vaso caiu na sua cabeça. Obra do magro. Involuntária, naturalmente...

Finalmente, puseram os caixões nos devidos lugares. O gordo, morto de cansaço, procurou um lugar para sentar-se. E o magro, muito gentil, ofereceu-lhe uma cadeira, na qual se achavam algumas tachinhas, que ele cobriu com um pano qualquer. Hardy sentou-se e soltou logo um urro. E Laurel, fingindo-se inocente, foi ver se havia alguma tachinha para tirar...

As horas passadas nos bastidores do cabaré vallam por um filme do gordo e o magro, com a diferença que se podia vê-los em carne e osso e estabelecer um paralelo entre a ilusão e a realidade. Mas não houve diferença. São exatamente como nos filmes e nos filmes são exatamente como na vida privada. Morrerão provavelmente fazendo gracinhas e, enquanto viverem, jamais entregarão os pontos...

O "NÚMERO" DE LAUREL E HARDY

O "Lido" é um dos cabarés mais frequentados de Paris e também o mais caro, desses cabarés em que se entra bem vestido e com muito dinheiro no bolso e se sai quase em trajes menores...

O empresário do gordo e o magro, um inglês muito sabido, fechou um contrato com a direção do cabaré, que vai render uma fortuna aos três, pois ele fez um acôrdo baseado na porcentagem do movimento geral. Exatamente à meia noite, a orquestra começa a tocar aquela música que é sempre o prefixo dos filmes de Stan e Laurel. O pano vai subindo, devagar, e os dois malucos entram correndo. Só a presença deles vale por um espetáculo. Uma estrondosa gargalhada enche o cabaré. Os dois comiços esperam até que a gargalhada cesse e logo depois começam o seu número que consiste em gracinhas e mais gracinhas, que fazem o público rir como nunca antes riu.

VISITARÃO O BRASIL EM 1948

O gordo e o magro deixaram de fazer filmes temporariamente. Querem percorrer o mundo. Depois voltarão a Hollywood, reingressando no cinema. Por enquanto, efetuam uma "tournêe" através da Europa. Mas pretendem visitar também outros continentes.

— Diga aos seus leitores que no ano que vem estaremos no Brasil! — disse-me em dado momento o gordo, em espanhol. — Caramba, — estribilhou o magro, e recebeu um tapa, e chorou...

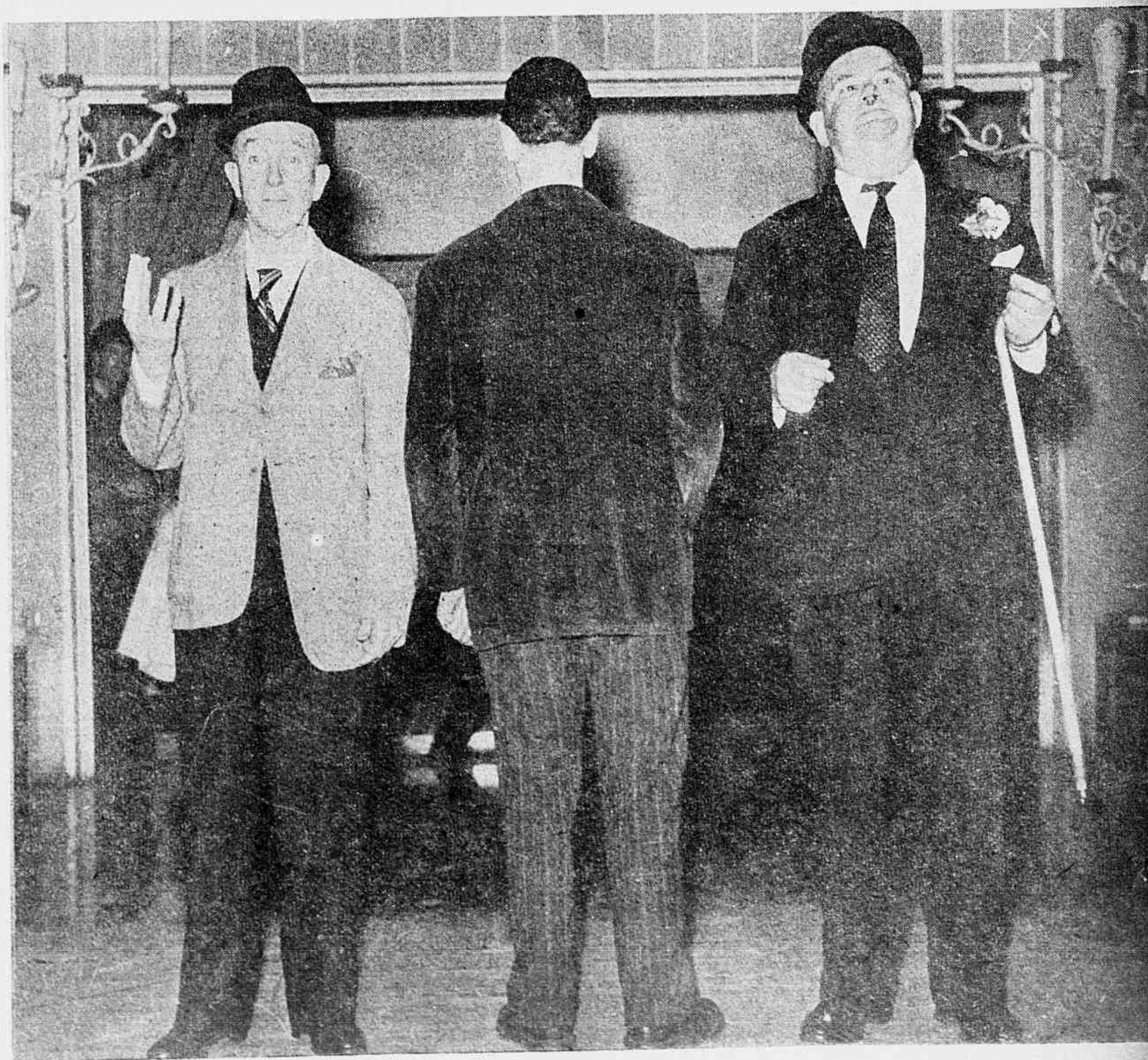
— Em que época do ano? — indaguei.

— Não posso precisar. Temos vários compromissos, aqui, na Europa, de maneira que só no ano que vem é que poderemos elaborar novo itinerário. Mas creia — faremos todo o possível para visitar antes de qualquer outro país a terra de Carmem Miranda... Quero dançar um samba no Rio... Quer ver? Já estamos praticando!

E dizendo isso, encheu um balde com trapos, papéis, fitas e o pôs na cabeça. Em seguida, agarrou o magro pela cintura e cantando, foi arrastando-o para o centro da sala. Foi o samba mais maluco, que já vi em minha vida. Os dois cantavam, os dois dançavam, os dois procuraram por todos os meios imitar a inimitável Carmen Miranda. Jamais ri tanto em minha vida. Olhei para os que se achavam na sala. Alguns tinham lágrimas nos olhos, de tanto rir...



Em cima: O gordo na gare de Paris, bancando o cozinheiro do trem, e o magro gozando o espetáculo... Em baixo: Laurel e Hardy, fazendo das suas nos bastidores do cabaré Lido, em Paris.



Conversação de um AVARO

Conto de MACHADO DE ASSIS

Ilustração de ARMANDO PACHECO

Os vícios equilibram-se muita vez: outras vezes neutralizam-se ou vence um a outro. Ha pecados que derrubam pecados, ou, pelo menos, quebram-lhes as pernas.

Gil Gomes tinha uma casa de colchões em uma das ruas do bairro dos Cajueiros. Era um homem de cinquenta e dois anos, cheio de corpo, vermelho e avaro.

Ganhava um bom pecúlio, a vender colchões e a não usar nenhum. Note-se que não era homem sórdido, pessoalmente desasseado: não. Usava camisa lavada, calça e rodapé lavados. Mas era a sua maior despesa. A cama era um velho sofá de palhinha: a mobília eram duas cadeiras, uma d'elas quebrada, uma mesa de pinho e um baú. A loja não era grande nem pequena, mas regular, cheia de mercadoria. Tinha dois operários.

Era mercador de colchões esse homem desde 1827. Esta história passa-se em 1849. Nêsse ano adoeceu Gil Gomes e um amigo, que morava no Engenho Velho, levou-o para casa, pelo motivo ou pretexto de que na cidade não poderia curar-se bem.

— Nada, meu amigo, disse êle a primeira vez que o outro lhe falou nisso, nada. Isto não é nada.

— É sim; pôde ser, ao menos.

— Qual! Uma febrícula; vou tomar um chá.

O caso não era de chá; mas Gil Gomes evitava o médico e a botica até a última. O amigo deu-lhe a entender que não pensasse nessas despesas, e Gil Gomes, sem compreender logo que o amigo por força pensaria em alguma compensação, admirou esse rasgo de fraternidade. Não disse sim, nem não; levantou os ombros, olhou para o ar, enquanto o outro repetia:

— Vamos, vamos!

— Vá lá, disse êle. Talvez o melhor remédio seja a companhia de um bom amigo.

— De certo!

— Porque a molestia é nada; é uma febrícula...

— Das febrículas nascem os febrões, disse sentenciosamente o amigo de Gil Gomes.

Esse amigo chamava-se Borges; era um resto de sucessivos naufragios. Tinha sido várias coisas, e ultimamente preparava-se a ser milionário. Contudo estava longe; tinha apenas dois escravos boçais comprados entre os últimos chegados por contrabando. Era, por ora, toda a riqueza, não podendo incluir-se nela a esposa que era um tigre de ferocidade, nem a filha, que parecia ter o juízo a juros. Mas este Borges vivia das melhores esperanças. Ganhava alguma coisa em não sei que agências particulares; e nos intervalos cuidava de um invento, que êle dizia destinado a revolucionar o mundo industrial. Ninguém sabia o que fosse, nem que destino tivera; mas êle afirmava que era grande coisa, utilíssima, nova e surpreendente.

Gil Gomes e José Borges chegaram à casa dêste, onde ao primeiro foi dado um quarto de antemão arranjado. Gomes achou-se bem no aposento, posto lhe inspirasse êle o maior desprezo ao amigo.

— Desperdiço quanta coisa inútil! Nunca ha de ser nada o pateta! dizia êle entre dentes.

A doença de Gomes, atalhada a tempo, curou-se em poucos dias. A mulher e a filha de Borges tratavam d'êles com o carinho que permitia o gênio feroz de uma e a levandade de outra. A Sra. D. Ana acordava às cinco horas da manhã e berrava até às dez da noite. Pouco ao hospede esse costume durante a doença; mas, a palavra contida manifestava-se em repêlões à filha, ao marido e às escravas. A filha chamava-se Mafalda; era uma moça pequena, vulgar, supersticiosa, que só se penteava às duas horas da tarde e andava sem meias toda a manhã.

Gil Gomes deu-se bem com a família. O amigo não cogitava de outra coisa mais que de o fazer feliz, e lançou mão de bons cobres para tratá-lo como faria a um irmão, a um pai, a um filho.

— Dás-te bem? dizia-lhe no fim de quatro dias.

— Não me dou mal.

— Pior! isso é fugir à pergunta.

— Dou-me perfeitamente; e naturalmente incomodo-te...

— Oh não...

— De certo; um doente é sempre um peso de mais.

José Borges protestou com toda a energia contra essa suposição gratuita do amigo e acabou proferindo um discurso acerca dos deveres de amizade, que Gil Gomes ouviu enfadado e penalizado.

Na véspera de voltar para a sua loja de colchões, Gil Gomes travou conhecimento com uma nova pessoa da família: a viúva Soares. A viúva Soares era prima de José Borges. Tinha vinte e sete anos, e era, na frase do primo, um pedaço de mulher. Efetivamente era vistosa, forte, de ombros largos, braços grossos e redondos. Viúva desde os vinte e dois, conservava um resto de luto, antes como um realce que outra coisa. Gostava de vêr porque um poetaastro lhe dissera em versos de todos os tamanhos que seus olhos, velados, eram como estrelas através de nuvens finas, idéia que a Sra. D. Rufina Soares achou engenhosa e novíssima. O poeta recebeu em paga um olhar.

Na verdade, os olhos eram bonitos, grandes, pretos, misteriosos. Gil Gomes, quando os viu ficou embasbacado; foi talvez o remédio que melhor o curou.

— Essa tua prima, na verdade...

— Um pedaço de mulher!

— Pedaço! é uma intelra, são duas mulheres, são trinta e cinco mulheres!

— Que entusiasmo! observou José Borges.

— Eu gosto do que é belo, respondeu Gil Gomes sentenciosamente.

A viúva ia jantar. Era uma boa perspectiva de tarde e noite de palestra e conversação. Gil Gomes já agradecia ao céu a doença, que lhe dera ocasião de encontrar tamanhas perfeições.

Rufina era muito agradável na conversa e pareceu simpática desde logo com o convalescente, fato em que as outras pessoas não pareceram reparar.

— Mas já está bom de todo? dizia ela ao colchoeiro.

— Estava quase bom; agora estou perfeito, respondeu êle com certo trejeito de olhos, que a viúva fingiu não ver.

— Meu primo é um bom amigo, disse ela.

— Oh! é uma pérola! Minha molestia era pouca coisa; mas êle lá foi à casa, pediu, instou, fez tudo para que eu visse tratar-me em casa d'êle, dizendo que eram precisos cuidados de família. Vim; em boa hora vim; estou são e resão.

Desta vez foi Rufina quem fez um trejeito com os olhos. Gil Gomes, que não esperava por êle, sentiu cair-lhe a baba.

O jantar foi uma delícia, a noite outra delícia. Gil Gomes sentia-se transportado a todos os céus possíveis e impossíveis. Êle prolongou quanto pôde a noite, propôs uma bisca de quatro e teve meio de fazer com que Rufina fosse sua parceira só pelo gosto de lhe piscar o olho, quando tinha na mão o sete ou o ás.

Foi adiante.

Num lance difícil, em que a parceira hesitava se pegaria na vaza com a bisca de trunfo, Gil Gomes, vendo que ela não levantava os olhos, e consequentemente não podendo fazer-lhe o sinal de costume, tocou-lhe no pé com o pé.

Rufina não recuou o pé: compreendeu, atirou a bisca na mesa. E os dois pés ficaram juntos alguns segundos. Repentinamente, a viúva, parecendo que só então dera pelo atrevimento ou liberdade do parceiro, recuou o pé e ficou muito séria.

Gil Gomes olhou vexado para ela; mas a viúva não lhe recebeu o olhar. No fim, sim; ao despedir-se d'aí a uma hora é que Rufina fez as pazes com o colchoeiro apertando-lhe muito a mão, o que o fez estremecer todo.

A noite foi cruel para o colchoeiro, ou antes deliciosa e cruel, ao mesmo tempo, porque sonhou com a viúva de princípio até o fim. O primeiro sonho foi bom: imaginava-se que passeava com ela e mais a família toda em um jardim e que a viúva lhe dera flores, sorrisos e beliscões. Mas o segundo sonho foi mau: sonhou que ela lhe enterrava um punhal. Dêsse pesadelo passou a melhores fantasias, e a noite correu toda entre imaginações diversas. A última, porém, sendo a melhor, foi a pior de todas: sonhou que estava casado com Rufina, e de tão belo sonho caiu na realidade do celibato.

O celibato! Gil Gomes começou a pensar seriamente nêsse estado que já lhe durava muitos anos, e perguntou aos céus e à terra, se tinha direito de não casar. Esta pergunta foi respondida antes do almoço...

— Não! disse êle consigo: não devo casar nunca... Aquilo foi uma fantasia de uma hora. Leve o diabo a viúva e o resto. Ajuntar uns cobres menos máis para os dar a uma senhora que os desfará em pouco tempo... Nada! nada!

Almoçou tranqullo; e despediu-se dos donos da casa com muitas manifestações de agradecimento.

— Agora não esqueça o número de nossa casa, já que se nillhou curado, disse a filha de José Borges.

O pai corou até os olhos enquanto a mãe nuncia a indiscrição da filha com um beliscão que lhe fez ver as estrelas.

— Salta lá para dentro! disse a boa senhora.

Gil Gomes fingiu não ouvir nem ver nada. Abertou a mão dos amigos, prometeu-lhes uma eterna gratidão e saiu.

Seria faltar à verdade o dizer que Gil Gomes não pensou na viúva Rufina. Pensou: mas procurou vencer-se. Durou a luta uma semana. Ao fim dêsse tempo teve impeto de ir passar-lhe pela porta, mas recuou, envergonhou-se.

— Nada! é preciso esquecer aquilo! Quinze dias depois do encontro da viúva, Gil Gomes parecia ter efetivamente esquecido a viúva. Para isso contribuíram alguns acidentes. O mais importante dêles foi o caso de um sobrinho que passava a vida a trabalhar quanto podia e numa bela noite foi recrutado em plena rua dos Ciganos. Gil Gomes não amava ninguém neste mundo, nem no outro; mas devia certas obrigações ao finado pai do sobrinho; e, ao menos por decôro, não pôde recusar ir vê-lo, quando recebeu a notícia do desastre do rapaz. Pede a justiça que se diga que êle procurou durante dois dias retirar o sobrinho do exército que o esperava. Não lhe foi possível. Restava dar-lhe um substituto, e o recrutou, quando viu perdidas todas as esperanças, insinuou esse recurso derradeiro. O olhar com que Gil Gomes respondeu à insinuação gelou todo o sangue que havia nas veias do moço. Esse olhar parecia dizer-lhe:

— Um substituto! dinheiro! sou algum pródigo? Não é mais do que abrir os cordões à bolsa e deixar cair o que se custou a ganhar? Alma perversa, que espírito mau te meteu na cabeça esse pensamento de dissolução?

Outro incidente foi haver-lhe morrido insolúvel o único devedor que êle tinha — um devedor de seiscentos mil réis, com juros. Esta notícia poupou a Gil Gomes um jantar, tal foi a magua que o acometeu. Êle perguntava a si mesmo se era lícito aos devedores morrer sem liquidar as contas, e se os céus tinham tanta crueldade que levassem um pecador deixando uma dívida. Esta dor foi tão grande como a primeira, posto devesse ser maior; porquanto, Gil Gomes, em varios negócios que tinha tido com

o devedor finado, havia-lhe colhido aos poucos a importância da dívida extinta pela morte; idéia que de algum modo o consolou e lhe fez mais tolerável a coisa.

Estava, portanto, D. Rufina, se não esquecida, ao menos adormecida na memória do colchoeiro, quando este uma noite recebeu um bilheteinho da mulher de José Borges. Pedia-lhe a megera que êle fosse lá jantar no próximo sábado, aniversário natalício da filha do casal. Este bilhete foi levado pelo próprio pai da moça.

— Podemos jantar contigo? disse este logo que o viu acabar de ler o bilhete.

— Eu sei! talvez...

— Não ha talvez, nem meio talvez. É festa íntima, só parentes, dois amigos, um dos quaes és tu... Senhoras, ha só as de casa, a comadre Miquelina, madrinha de Mafalda, e a prima Rufina... Não sei se a conheces?

— Tua prima?... Conheço! acudiu o colchoeiro expellindo faíscas dos olhos. Não te lembrás que ela lá passou a última noite que estive em tua casa? Até jogamos a bisca...

— E' verdade! Não me lembrava!

— Boa senhora...

— Oh! é uma pérola! Ora, espera... agora me lembro que ela, ainda ha poucos dias, esteve lá e falou em ti. Perguntou-me como estavas... E' uma senhora de truz!...

— Pareceu-me...

— Vamos ao que importa, podemos jantar contigo?

Gil Gomes interiormente tinha captulado: queria declará-lo, mas por modo que não parecesse exultante. Fez um gesto com as sobrancelhas, apertou a ponta do nariz, olhando para a carta e murmurou:

— Pois... sim... talvez...

— Talvez, não quero! Ha de ser por força.

— És um diabo! Pois bem, vou. José Borges apertou-lhe muito a mão, sentou-se, contou-lhe duas anedotas; e o colchoeiro, tocado subitamente da suspeita de que o primo da viúva quisesse pedir-lhe dinheiro, entrou a cochilar. José Borges saiu e foi levar à casa a notícia de que Gil Gomes compareceria à festa. Chegou como a Providência, fazendo suspender de cima da cabeça da filha uma chuva de ralhos com que a mãe castigava uma das infinitas indiscrições da pequena. A Sra. D. Ana não se alegrou logo, mas abrandonou, ouviu a notícia, expectorou ainda seis ou sete adjetivos cruéis, por fim calou-se. José Borges, que, por medida de prudência, estava sempre do lado da mulher, disse solenemente à filha que se retirasse, o que era servir ao mesmo tempo à filha e à mãe.

— Então êle vem? disse D. Ana quando, o temporal começou a amainar.

— Vem, e o resto...

— Parece-te?

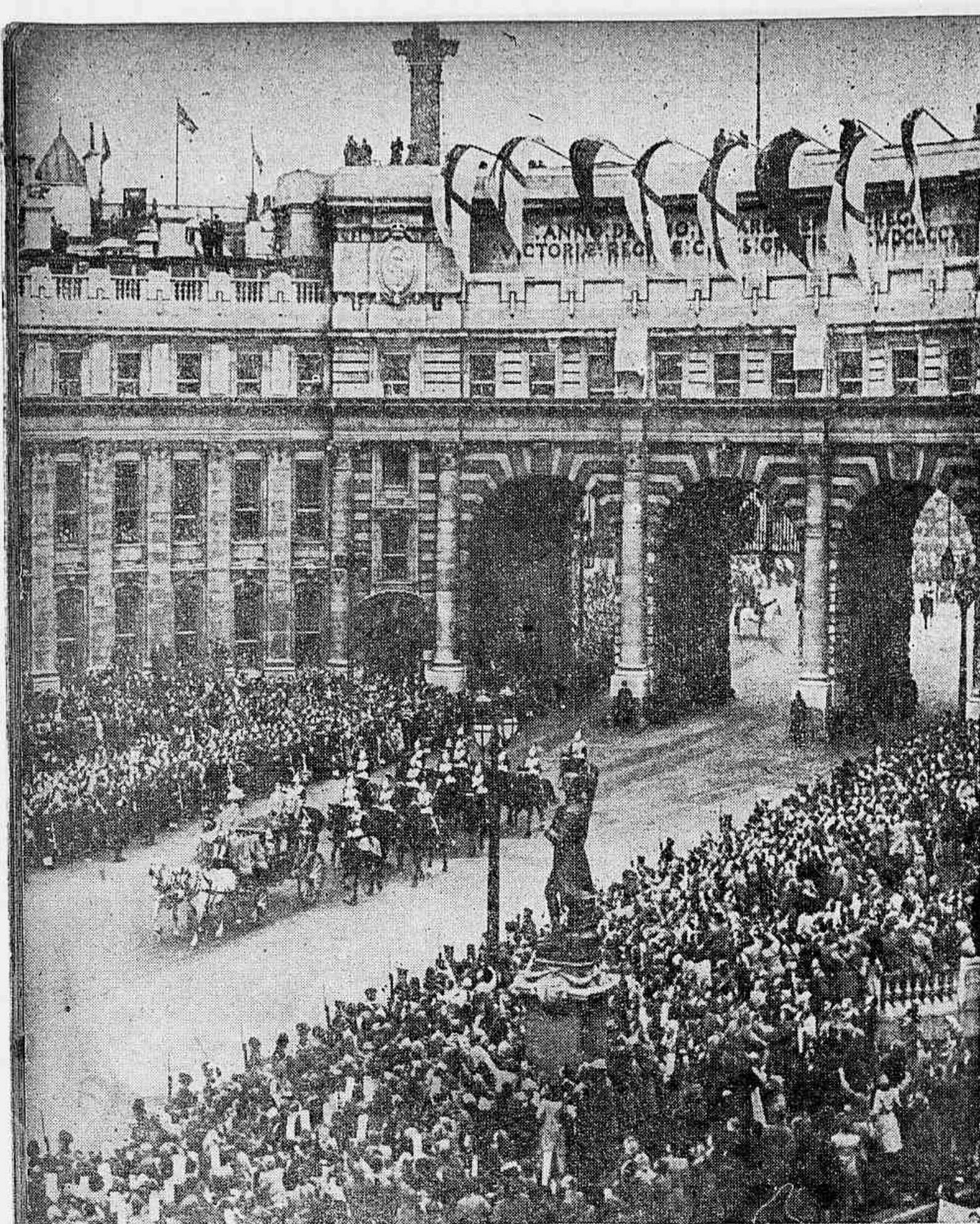
— Eu creio...

No dia apazado compareceu em casa de José Borges a gente convidada, os parentes, a comadre e os dois amigos. Entre os parentes havia um primo, pálido, esguio e magro que nutria em relação a Mafalda uma paixão, correspondida pelo pai. Este primo tinha três prédios. Mafalda dizia gostar muito dêle; e se, na verdade, os olhos fossem sempre o espelho do coração, o coração da moça derreteria-se pelo primo, porque os olhos eram dois globos de neve tocados pelo sol. O que a moça dizia no coração era que o primo não passava de uma figura de presepe; não obstante, autorizava-o a pedi-la nesse dia ao Sr. José Borges.

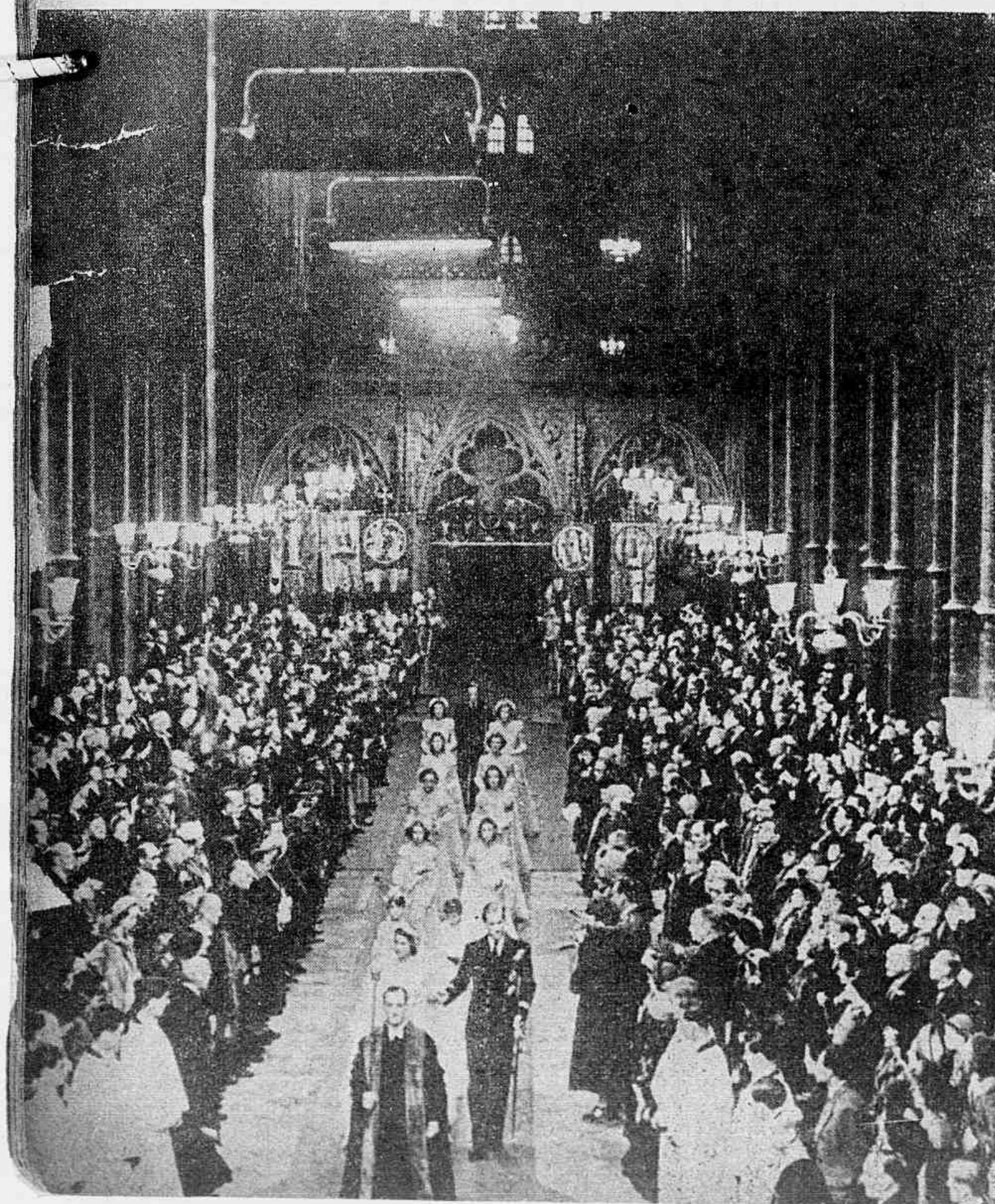
Por esse motivo entrou o jovem Inácio duas horas mais cedo que os outros; mas entrou sómente. Falou, é verdade, mas falou só de coisas gerais. Três vezes investiu com o pai da namorada para pedir-lha, três vezes a palavra morreu-lhe nos lábios. Inácio era tímido; a figura circunspecta de José

(Continua na pág. 53)





Em cima: o cortejo real passando pelo Pall-Mall, vendo-se ao fundo os arcos do Almirantado. Em baixo: os noivos e Damas de Honor desfilando através da histórica Abadia de Westminster, onde são sagrados os soberanos ingleses e onde repousam os grandes da Inglaterra.



O Duque e a Duquesa de Edinburgo, — título que adotaram o tenente Philip Mountbatten e sua esposa, a princesa Elizabeth, no palácio de Buckingham.

O CASAMENTO DA HERDEIRA

"REVISTA DA SEMANA" APRESENTA A SEUS LEITORES COPIA REAL, QUE DESPERTOU A ATENÇÃO

REVISTA DA SEMANA, afim de fazer condignamente o registro do casamento da princesa Elizabeth Alexandra Mary, herdeira do trono inglês, encomendou à "France-Press" o serviço fotográfico especial que apresenta nestas páginas. A repercussão que teve esse acontecimento foi enorme. A princesa e seu marido são aparentados, pois ambos são tetra-netos da rainha Vitória, a Grande, ela através da linha masculina, ele através da linha feminina. A princesa Elizabeth — apesar de bem jovem — já está empenhada na sua árdua tarefa de deveres públicos. Este ano a princesa se dedicou ao serviço de seus povos e à causa da paz e da

humanidade em geral e todos que há dias pronunciou pelo rádio ficaram impressionados com a inocência e emoção de suas palavras.

A princesa, porém, também com o entusiasmo de todas as jovens, participou de dançar e de passear no Grande Parque em torno do Castelo de Windsor, a residência da família.

Fotografia em que aparecem os noivos e as Damas de Honor, os pais da noiva e a rainha Mary.





Philip Mountbatten e sua esposa, a princesa real Elizabeth, agradecem as aclamações do povo inglês, no palácio de Buckingham.

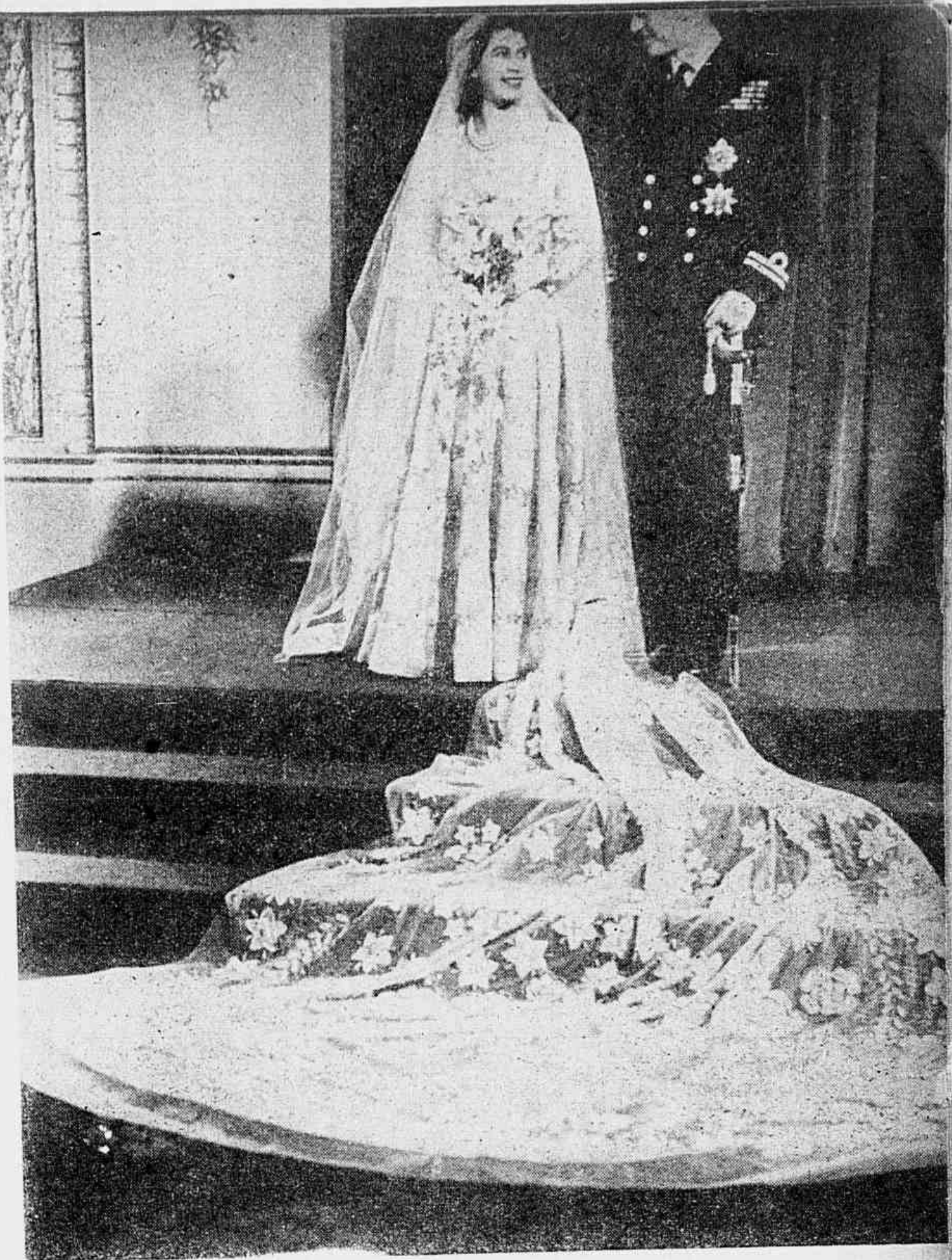
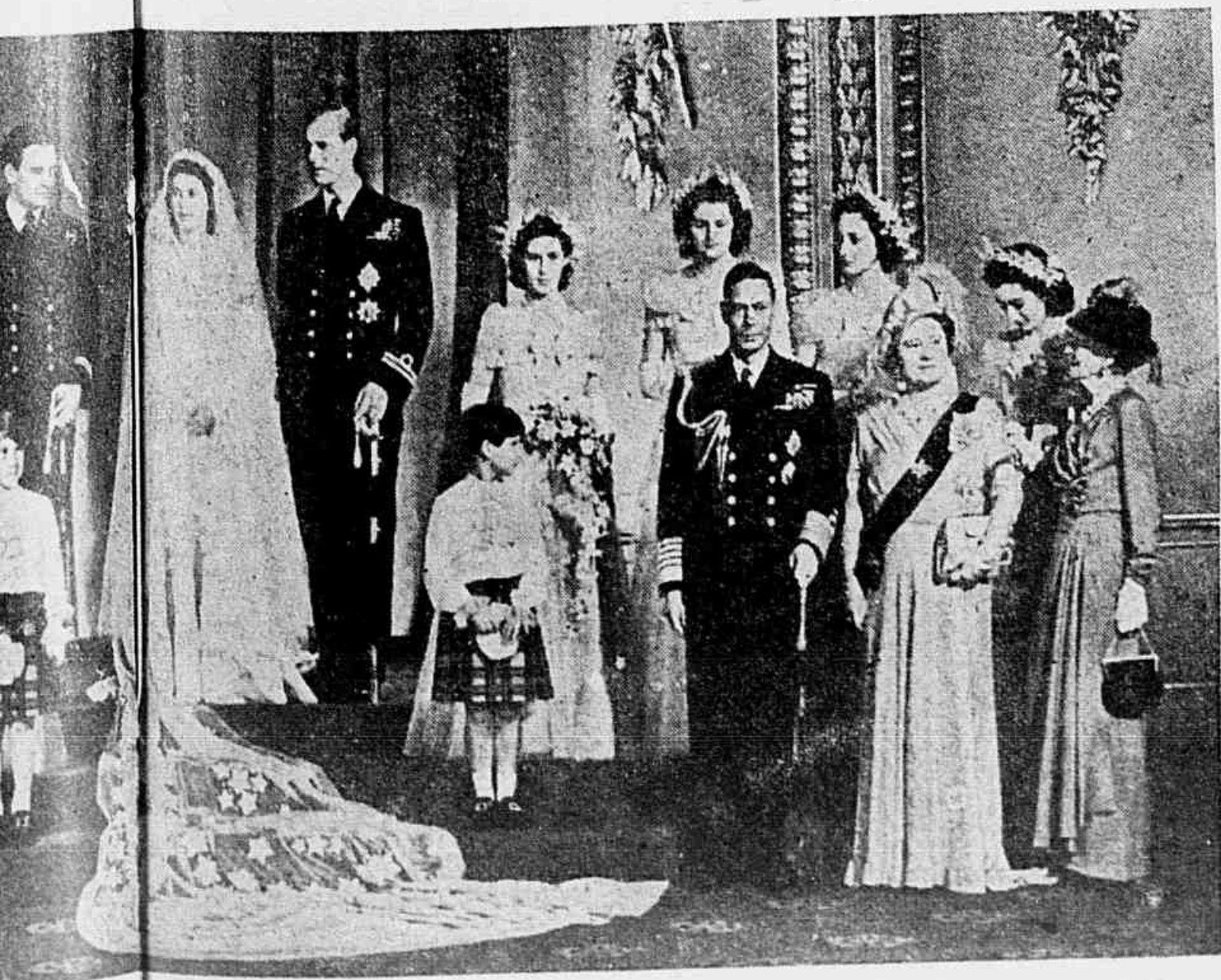
HERDEIRA DO TRONO INGLÊS

LEITORES COPIOSA DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DO ENLACE
ERTOU A ATENÇÃO DO MUNDO INTEIRO.

nde em geral todos que ouviram o discurso
dias pronun- ou pelo rádio, através da BBC,
impressionados com a indisfarçável sinceridade
o de suas palavras.
cesas, porém, também compartilha dos prazeres
asmos de todos as jovens de sua idade. Gosta
amente de dançar e de andar a cavalo no
Parque em torno do Castelo de Windsor, que
o a residência da família real, há cerca de
la em que aparecem os noivos, os padrinhos, Da-
Honora, os pais da noiva e a avó de Elizabeth, a
rainha Mary.

900 anos. Malgrado todos os seus afazeres, a verdade é
que a jovem princesa vive grandemente isolada e senti-
mo-nos, portanto, muito satisfeitos em saber que a no-
sa futura rainha vai consorciar-se com um jovem e sim-
pático marinheiro, iniciando uma nova fase de sua vida.

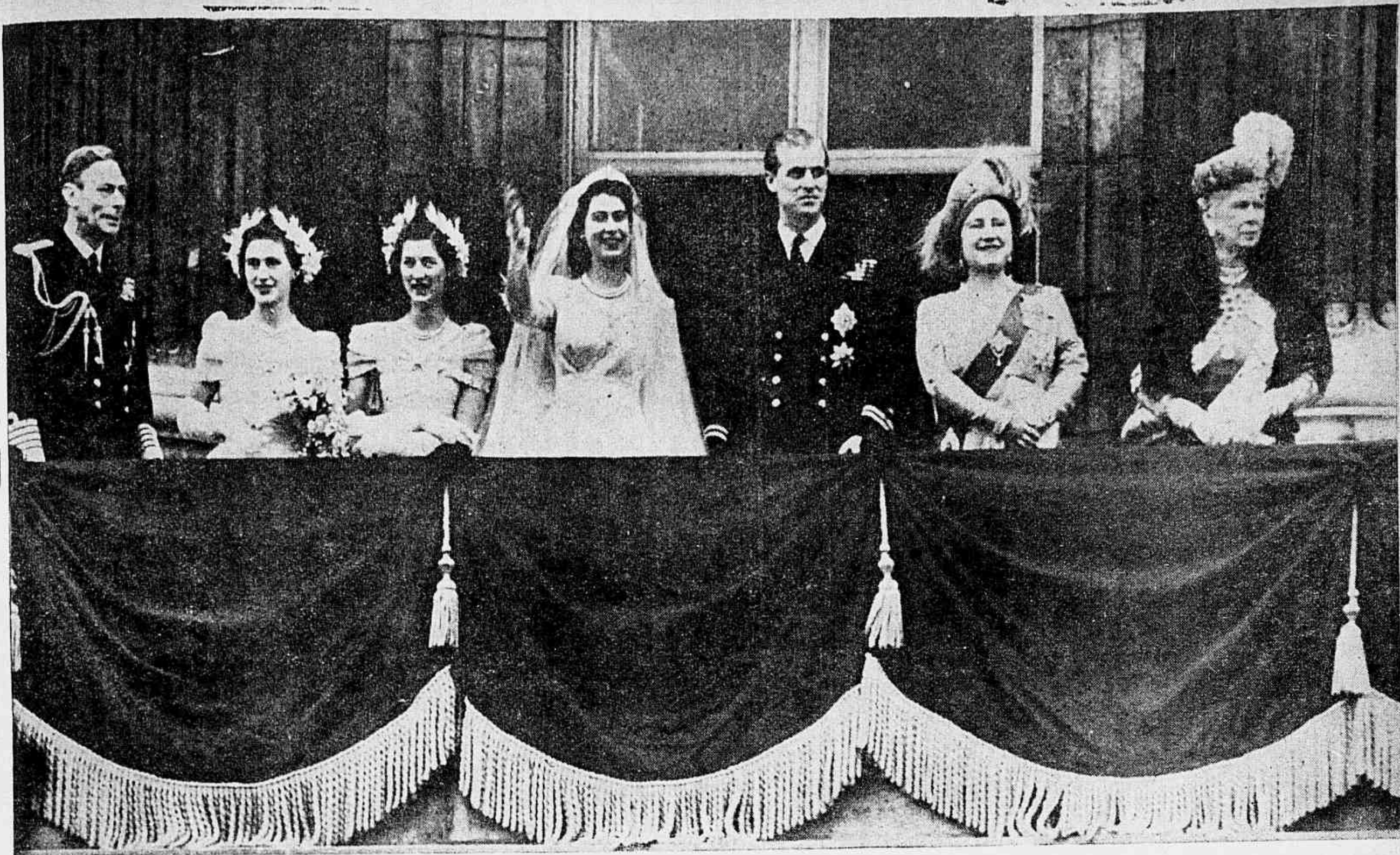
O tenente Philip Mountbatten tem 27 anos. E' um
príncipe ligado às Casas Reais da Grécia e da Dinamar-
ca e serviu sete anos na Armada Real e durante toda a
última guerra, na qual nossos países foram aliados. Es-
pecializou-se, particularmente, nas operações e instru-
ção de pequenos navios. E' alto e simpático e foi edu-
cado nas tradições da Marinha Britânica.



Em cima: A futura rainha da Inglaterra e seu marido, ambos descendentes de Vitória, a gran-
de, fotografados logo após a cerimônia. Em baixo: Durante o casamento, na Abadia de West-
minster, vendo-se ao lado dos noivos, os dois padrinhos, rei George VI e o marquês de Mil-
ford Haven, os dois pagens, vestidos à escocesa, são os príncipes Michael de Kent e William
de Gloucester.







Na página a esquerda: A futura rainha da Inglaterra, Elizabeth Alexandra Mary, quando falou através da BBC, ao povo inglês, a propósito de seu casamento. Em cima: A princesa real, seu marido e os reis da Inglaterra, a rainha Mary e princesas reais, na sacada do palácio de Buckingham, recebendo aclamações.

O casamento realizou-se na Abadia de Westminster, famosa Igreja no centro de Londres, próxima às Câmaras do Parlamento, onde durante séculos os reis vêm sendo coroados.

Chegaram a Londres presentes de todos os chefes de Estado e visitantes de todo o mundo para assistir ao desfile e à cerimônia. Não foi, porém, uma cerimônia tão vistosa e magnífica como teria sido em dias meados

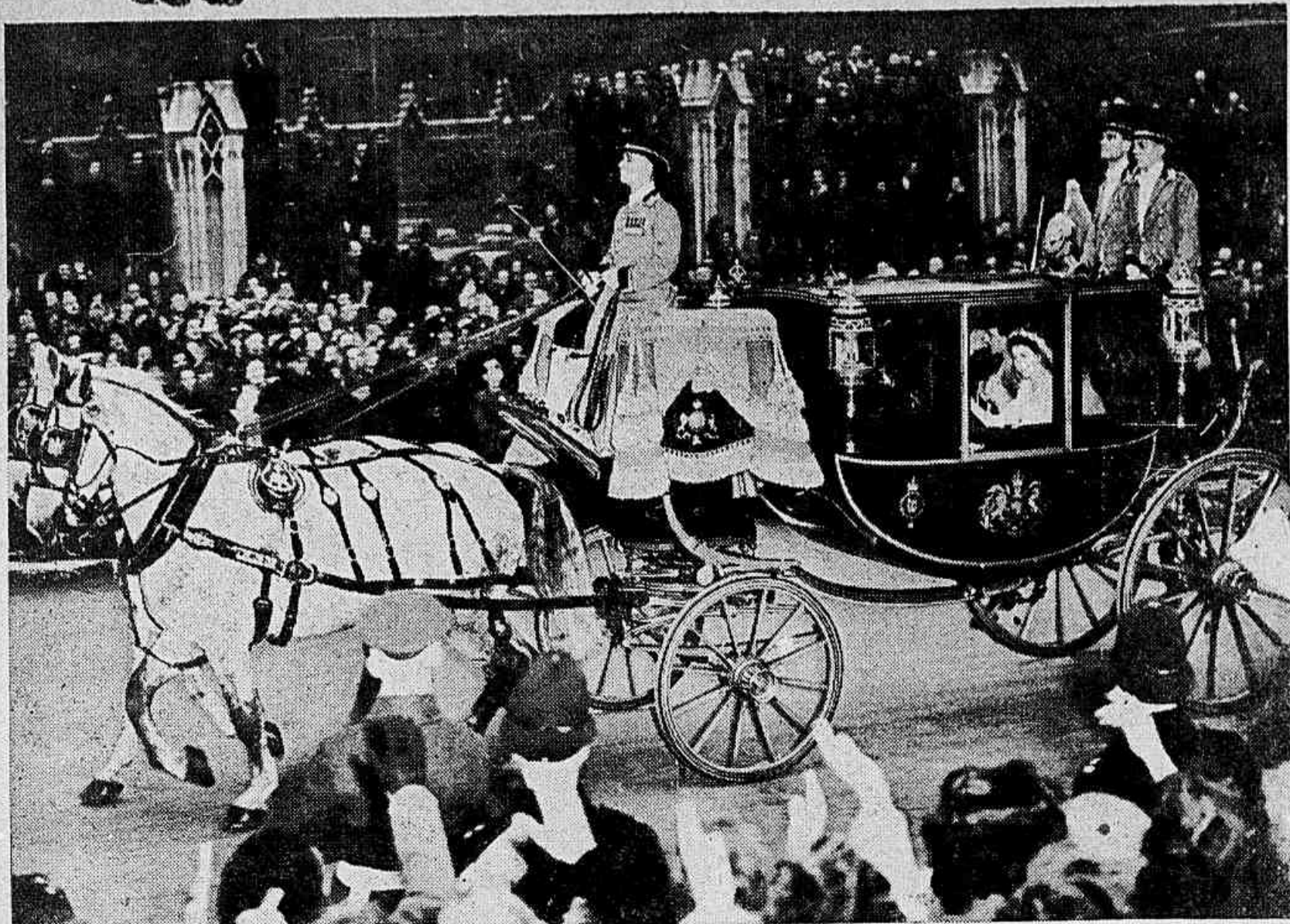
conturbados. Na última guerra, a Grã-Bretanha gastou mais de seus recursos do que qualquer outro aliado. Durante um ano travou a guerra sozinha. Tendo em vista essas circunstâncias, o rei George VI resolveu que as celebrações seriam mais modestas, que deveriam ser discretas, de maneira que os materiais e o trabalho humano não fossem desviados do esforço principal em que

está empenhado nosso país. A própria princesa não teve um enxoval de casamento. Trata-se, apenas, de mais um exemplo da maneira com que a Família Real compartilha as dificuldades de seu povo, do mesmo modo que compartilha suas alegrias e triunfos.

A princesa Elizabeth, quando suceder a seu pai, será rainha não somente da Grã-Bretanha, como de todas as partes do Império Britânico.

Em baixo: A compacta multidão que, em Trafalgar Square, aguardava a passagem do cortejo real, a caminho da Abadia de Westminster. Ao fundo vê-se o edifício da South African House, que domina a Praça.





Em sua carruagem, a futura rainha da Inglaterra e seu marido Philip Mountbatten, agradecem as aclamações da multidão que os aguardava de regresso da Abadia de Westminster, após a celebração do casamento.

PETER PAN NA FÁBRICA DA BOMBA ATÔMICA

A PROPÓSITO DO CASAMENTO DA PRINCESA ELIZABETH

Por HERMAN LIMA

(Autor de "Na Ilha de John Bull")

O casamento da princesa Elisabeth da Inglaterra, desses romances que somente a imaginação dos ingleses, na sua específica manipulação do maravilhoso e do cotidiano, poderia criar no momento atual.

Na verdade, nada mais simples e justificável do que o idílio dessa gentil criaturinha, destinada, pela primo genitura, a ocupar um dia o mesmo trono da sua grande tetra-avó, de quem parece, aliás, ter herdado, não somente o prenome, como também o sentimento que a fazia proclamar aos membros do Parlamento, à hora de morrer: "Embora Deus me elevasse tão alto, no entanto conto como glória da minha coroa o ter reinado com o vosso amor." Desde que correram os primeiros rumores sobre a possibilidade do seu casamento com o jovem príncipe da Grécia, a nota predominante desse namoro real foi justamente a de que se tratava, não do complicado arranjo de interesses diplomáticos, discutidos nos bastidores de dois países, mas da natural inclinação amorosa dum rapaz de bom gosto por uma prima graciosa e bonita. O protocolo foi banido, desde o primeiro dia, para dar lugar ao código dos sentimentos mais corriqueiros, mas também os mais poderosos de quantos podem mexer com o coração do homem, desde que este nosso planeta se arvorou em primado do mundo.

O que dá, no entanto, a nota maravilhosa a esse enlace de dois príncipes de algumas das mais velhas dinastias da Europa é a universal simpatia com que os outros países, sem exceção talvez nem sequer da Rússia, acompanharam, há uma semana, o decorrer da cerimônia nupcial mais suntuosa dos últimos tempos, mas, igualmente a de cunho mais íntimo, numa hora em que a Grã-Bretanha se debate na mais dura crise interna de toda a sua história e do mesmo passo irrita e choca o resto do universo, com o seu trato do problema dos judeus e da Palestina.

E' que a família real inglesa, antes de mais nada, é uma família comum da Inglaterra, sem muito que a distinga da de qualquer dos súditos de Sua Magestade Britânica. O augusto bisneto da Rainha Vitória, com o seu discreto puritanismo, soube subir ao trono do maior império da terra, nos dias da ante-véspera do cataclisma de 39, fazendo praça principalmente de ser uma vítima dos caprichos do acaso, que o traziam, do modo mais imprevisível, à frente do governo do seu país, quando no seu gostoso retiro bucólico da Escócia, entre partidas de "cricket" e a gerência de certo clube de futebol local, nunca lhe passara pela mente que o estroina do irmão pudesse jogar um dia, numa estúpida cabeçada, de amor, o reino, não por um cavalo, mas por uma mulher.

Dai esse seu jeito meio de quem pedindo desculpas sempre por ocupar um lugar que não pretendeu, essa discreta e simpática atitude que o rei George VI tem sabido manter em todos os momentos públicos da sua vida, que o destino marcaria precisamente com o selo dos acontecimentos capitais da história da humanidade. Mas, o certo é que ele também singulariza em extremo o caráter da atual família reinante da ilha de John Bull, desde que, de tímido Duque de York, retraído ao máximo, por via de certa gagueira de que um lento e laborioso treino da palavra, como o de Demóstenes, o acabaria de livrar quase por completo, passou a incorporar-se às figuras reais de mais nobre heroísmo e de mais denodado relevo cavalheiresco, no correr da última guerra. No particular, todavia, não é demais que se lembre a sua atuação sem alarde mas das mais decididas, quando, rapazinho ainda, no castelo de proa dum cruzador dos de ação preponderante, tomava parte, como simples tenente de Marinha, na rude página da batalha da Jutlândia, na guerra de 14. De fato, mal investido ainda no governo de sua pátria, viu-se logo de que admirável firmeza de espírito, de que fria e grave decisão era feito esse nobre rei democrata.

Vinda a guerra, todos se recordam da sua permanente presença nos bairros mais devastados pelos bombardeios

aéreos, especialmente na tenebrosa zona do West End, e das Docas de Londres. Pode-se mesmo dizer que o sinal de "all clear" era dado talvez por ele, pois mal o céu se limpava das frotas do demônio, os moradores dos cortiços da beira do Tamisa, que emergiam do fundo dos seus sepulcros anti-aéreos, para revistarem os escombros dos tugúrios, a primeira pessoa que viam ao lado dos policiais intocáveis e poderosos como torres humanas, era o Rei, quase sem outra companhia, senão a da Rainha.

Enquanto a cada invasão alemã se sucedia a fuga dum monarca, vigorosamente resistindo às prudentes sugestões do governo e do próprio povo, para que se refugiasse também nos domínios, a família real inglesa afrontou sem medo e sem mancha o cruel desfecho da guerra aérea contra a sua capital. Nem no mais tremendo dos ataques, quando Londres inteira repercutia, como um tambor monstruoso, ao raptaplum dos explosivos de alto calibre arrasando quarteirões e bairros, igrejas e hospitais, muros milenários, palácios de séculos, monumentos veneráveis, solares de surpreendentes riquezas; quando o inferno se abria por todos os lados em crateras donde escapava o gás de iluminação, ameaçando imensas áreas da cidade, perdia-se a água de beber em lagamares de roturas da rede subterrânea, não funcionavam os telefones.

Já casados, em trajes de passelo, o tenente Philip Mountbatten e sua esposa seguem em carro aberto para a estação de Waterloo, para tomar o trem que os levaria a uma aldeia de Hampshire, escolhida por eles para o lugar de sua lua-de-mel.



as ruas viravam tulpas de ruínas, por onde não se podia passar sem riscos de alpinistas e casas inteiras se esfarelavam no ar, como sopradas por bocas misteriosas, céu e terra convulsionados por um cataclisma que nem a imaginação de Wells abrangeria em toda a sua pavorosa extensão, o Rei George VI, com a Rainha e as duas filhinhas ainda crianças, permanecia estóicamente no seu palácio de Buckingham, ele próprio, mais de uma vez atingido em chelo, pela pontaria dos morteiros dos "junks". Nem um dia sequer os londrinos se queixaram da falta do seu exemplo de impavidez e destemor, do admirável sentimento de solidariedade humana com que se despojara das prerrogativas divinas da casta, para ser apenas um homem do seu povo, um dos heróis obscuros e fatalistas que deixavam o abrigo subterrâneo para virem, como aquela extraordinária mulherzinha de certa foto dos jornais americanos, escrever cá fora, sobre os últimos tijolos da parede da casa pulverizada, o V da vitória.

Foi esse esplêndido procedimento dos soberanos britânicos que os tornou, pouco a pouco, de par com a natural simplicidade de suas vidas, em verdadeiros parentes da comunidade inglesa. Por mais humilde e desamparado que se sentisse o último operário das usinas da Inglaterra, tinha a certeza de que os seus sofrimentos e as suas amarguras eram também compartilhados, integralmente, pelos reais ocupantes da mansão vitoriana que defronta Pall Mall e o grandioso monumento da velha e gloriosa rainha. Dai o afetuosos carinho que a mais pobre das mulheres do povo sentia pelas duas princesinhas, sem muita vez distinguir direito se alguma coisa as diferenciava dos garotos que lhe enchiam o miserável cubículo no subúrbio da capital. A princesa Elizabeth principalmente pelo seu destino de ser um dia a rainha, pode dizer que cresceu assim, desprezivelmente, nos braços, como no coração de todas as mães da Inglaterra.

Lembro-me, a propósito, de certo episódio dos fins de 1938, quando Elizabeth andava pelos nove anos e a irmã Margaret não passava dos sete. Saíndo a passeio, numa doce manhã de primavera, deu-lhes na idéia de fazerem uma pequena farra urbana, metendo-se numa longa viagem pelo trem subterrâneo, com a dama de companhia que temerosamente acedeu ao inocente capricho. Na primeira estação do "underground" onde chegaram, passaram-se para outro trem a subirem e descerem gostosamente as escadas volantes, torcendo aqui uma galeria, enfiando ali pelo primeiro indicador de conexão que lhes aparecia, a pagarem os "tickets" das borboletas, como qualquer cidadão sem nome. Uma das vezes, abancadas no carro, coube ficarem ao lado duma pobre mulher do povo, dessas da última escala social dos trabalhadores, uma das limpadores de loias e escritórios, "charwoman" chamada. A um jornalista que por acaso viajava no mesmo trem contou a mulherzinha, depois, em comovente ingenuidade sua impressão do encontro: "Quando as duas meninas entraram, com a 'lady', bem me pareceu que conhecia aquelas caras. Logo mais tive a certeza de que eram mesmo as princesas. Bem que me deu, então, uma vontade doida de falar com Elisabeth. Era só me virar para ela e dizer o que queria. Mas, me lembrei de que meu pai me dizia: que nunca devemos falar com estranhos e por isso calei minha boca. Foi uma coisa 'silly', agora que vejo, não tenha dúvida, por que a gente pode já pensar que a nossa princesinha seja uma estranha? Eu, por mim, é como se tivesse dado de mamar a ela quando pequena, com licença da palavra."

E' portanto envolta nesse inefável carinho de todo um povo, ao qual se junta, como uma bênção, a simpatia e o respeito do resto do mundo, que a jovem herdeira do trono inglês celebra ditosamente o seu casamento, no último ou melhor dito no primeiro capítulo do seu romance de amor. Não importa que a seus pés rujam estultos pessimismos, clamando pela desagregação do império. Bem sabe a fragil princesinha que haverá sempre uma Inglaterra — "there will always be an England", como ouviu dizer desde que entendeu a primeira palavra materna. O véu branco com que se ajoelhou, na Abadia de Westminster, para receber das mãos de Deus, pela palavra do Deão de Canterbury, o destino e do dilúvio. Se a essa doce palpação dum veu nupcial a vida de Philip Mountbatten, tem assim o claro significado do adejo das asas da pomba da aliança, ao fim o melhor signo de se ter fechado, finalmente, para a pequena e gloriosa ilha da resistência de Churchill, a sua crônica de sangue, suor e lágrimas.



NOS BASTIDORES FEMININOS

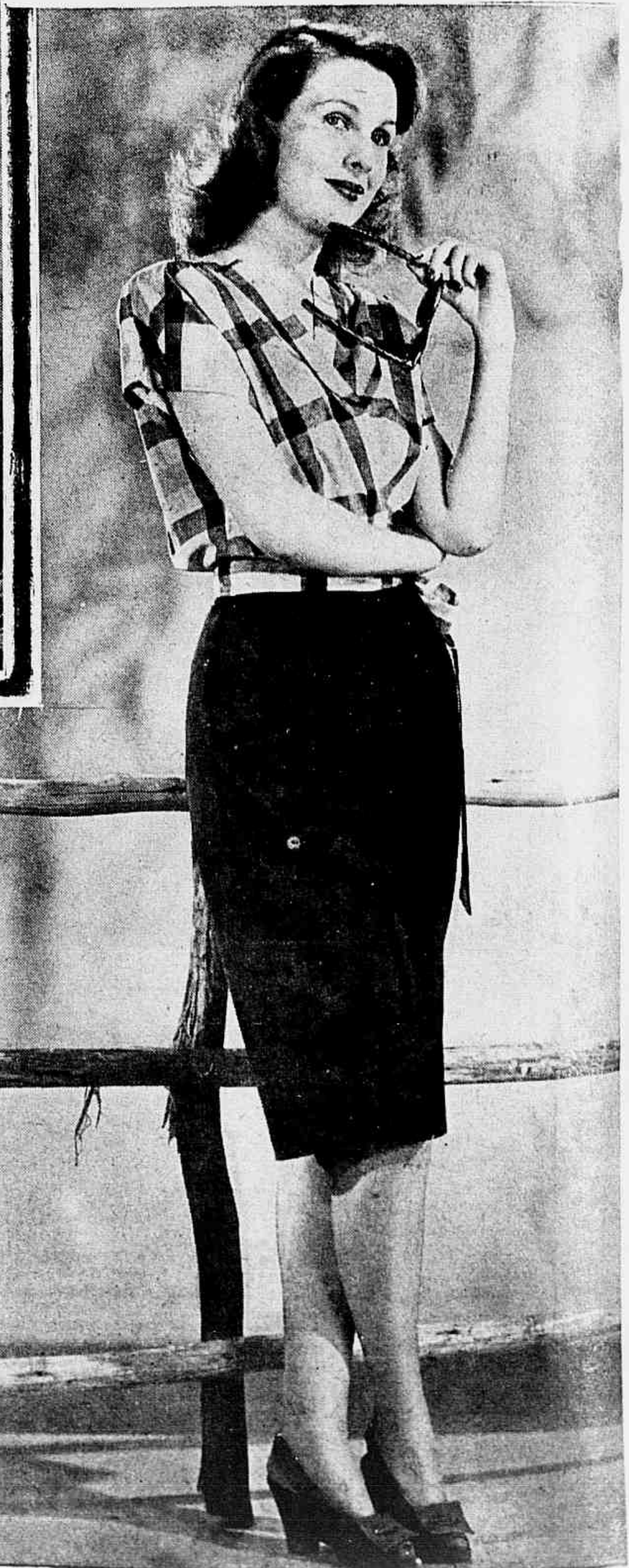
NEM sempre se compreende que o valor de uma amizade sincera possa ser tão grande que compense a falta de outros afetos. No entanto, existem pessoas que não têm família a quem dedicar suas emoções, suas esperanças, suas tristezas e suas alegrias e que nem por isso se sentem isoladas, porque trazem dentro de si esse sentimento de inestimável valor: a amizade. Há ocasiões em que a vida nos exige muito valor e muito esforço: é aí que sentimos que a amizade nos torna mais fortes e agradecemos do fundo da nossa alma o termos inspirado um sentimento que nos traz palavras que denunciam o interesse e a dedicação pela nossa vida. Porque a amizade é isso: interesse por tudo o que concerne às pessoas amigas. Muitos creem que a amizade consiste em sair, passear, rir e divertir-se juntos, excluindo tudo o que seja sofrimento e amargura. É um erro. Podemos chorar facilmente ao lado de qualquer ser desconhecido e indiferente, mas para chorar necessitamos de um peito amigo. Não falamos dessa amizade que nasce com a força avassaladora para declinar pouco depois, enchendo-nos de decepções. Sabemos que a amizade que se baseia na compreensão e no desinteresse. Sabemos que muitos dirão que na época atual — onde o egoísmo enche todas as almas — não há lugar para essa espécie de amizade. Todavia, vemos, diariamente, cenas onde a amizade nos reconcilia com a vida. Pessoas que estiveram unidas desde a infância e cresceram ligadas por um sentimento profundo. São protagonistas de muitas dessas cenas. Uns se elevam sobre os outros, espiritualmente ou economicamente; porém, sempre estão unidos por esse grande afeto, sem permitir que a superioridade de um os separe.

Por muito que nos custe, temos que reconhecer que esse sentimento é muito mais acentuado no homem do que na mulher. Para eles, a amizade tem um extraordinário valor e eles a conservam durante quase toda a vida. Há neles maior lealdade e um desejo imenso de ser útil, de afastar das dificuldades aqueles que lhes inspiram amizade. Nós que devíamos nos orgulhar de encontrar um homem assim, um noivo ou um marido que conservasse sempre o mesmo interesse pelos amigos, somos as primeiras a afastá-los deles, egoisticamente, reclamando para nós a atenção que é dada a eles. Se soubéssemos compreender a diferença de sentimentos que os une aos amigos e à nós; se procurássemos até nos interessar pelos seus amigos ao invés de afastá-los, subiríamos muito mais no seu conceito e na sua estima. O homem precisa de amigos por muito grande que seja o seu amor pela mulher. É diante dele que ela pode desnudar inteiramente a sua alma, descarregar o peso da sua consciência e revelar os sentimentos mais íntimos. Até para nos enaltecer ele precisa de amigos! Se pelo menos compreendéssemos isso! Não há amigo que possa ocupar o nosso lugar como também nunca poderemos ocupar o lugar de um verdadeiro amigo. Você que vai casar ou você que já casou, não tente afastar do noivo ou do esposo aquilo que vocês não podem substituir. Se o homem que você escolheu para companheiro de sua vida é um homem íntegro e de caráter, os seus amigos também o serão, pois ele saberá escolhê-los. Em seu próprio benefício, cultive as amizades do seu marido.

Ao alto da página: Jacqueline White, "estrelinha" da RKO Radio, apresenta às nossas leitoras um modelo elegantíssimo, em palha rosa claro de feltro muito original.

PARA O VERÃO

Os novos trajes de verão são mais discretos do que os que se usaram no ano passado, mas nem por isso deixam de ser mais atraentes. Os "maillots" são íntimos e elegantes e alegres vestidos estão substituindo os "shorts" e os curtíssimos roupões. Aqui têm alguns exemplos da nova moda para este verão: À esquerda: Aqui, as duas encantadoras "estrelinhas" da RKO exibem os bonitos trajes que usam sobre o "maillot". O de Suzi Crandall, é uma saia franzida e um bolero com decote quadrado e mangas fartas. O de Bette Arlen, é inteiro, abotoando atrás. Mangas japonesas bastante largas. Ambos são feitos com tecido idêntico ao "maillot". Em baixo, à esquerda: Sobre um "short" de tecido quadriculado, Madge Meredith, da RKO, usa uma saia do mesmo tecido, com barra em tecido unido. O bolero é de duas cores — as principais cores do outro tecido — fechando na frente de forma muito original. À direita: Uma calça de tropical até os joelhos e uma blusa de algodão quadriculado, é o que Lynne Roberts, da Republic, usa para os seus passeios de bicicleta. Na página ao lado: Suzi Grandall usa um "maillot" muito gracioso, de tecido preto brilhante, com estampa em cores vivas. O calção é fôfo, preso por elásticos. O "maillot" de Bette Arlen, também peça inteira, é em algodão de diversas cores. A parte posterior é toda franzida.





WEEK-END na Cozinha

POR incrível que pareça, você poderá ser admirada mesmo que não possua beleza ou fortuna. Bastará que conheça a "arte de bem receber". É provável que você se tenha retraído justamente por lhe faltarem os dois predicados acima, mas está em tempo de tudo corrigir. Procure, antes de mais nada, entre as suas relações aqueles que lhes são mais simpáticos. Reuna-os em sua casa — um ou dois casais de cada vez — e ofereça-lhes um almoço ou uma ceia feitos com capricho e bom gosto. Seja amável, esqueça a sua timidez e faça com que os seus amigos se sintam inteiramente à vontade em sua casa. Tenha o interesse de procurar sempre qualquer coisa diferente para lhes oferecer. Em pouco tempo você verá aumentado o seu prestígio entre os seus amigos; para eles você será uma criatura encantadora, amável e simpática. Quanto ao seu esposo, ele ficará contente e orgulhoso com os elogios que os outros fizeram a você.

Não perca tempo, comece desde já, prepare, você mesma, as coisas gostosas que lhes irá oferecer e, também, pode contar com a nossa colaboração.

★

FRANGO A "LA COCOTTE"

Trata-se e limpa-se um frango e depois corta-se em pedaços, tempera-se com sal e refoga-se na banha quente. Quando estiver corado, junta-se-lhe 50 grs. de manteiga, 1 cálice de vinho do Porto, batatinhas miudas, cenouras raspadas e cebolinhas. Tapa-se a caçarola e deixa-se cozinhar em fogo fraco sem levar água, somente com o bafo. No momento de servir, o frango é colocado no centro da travessa enfeitando-se em volta com as batatinhas e as cenouras.

★

CAMARÕES A MILANESA

Tratam-se e temperam-se 500 grs. de camarões frescos e grandes e cozinham-se em água a ferver com sal. Escorrem-se numa peneira, passam-se em farinha de rosca, em seguida em ovos batidos e novamente em farinha de rosca. Fritam-se no azeite bem quente e põem-se sobre um papel pardo para escorrer bem a gordura. No momento de servir, arruma-se no centro da travessa um purê de batatas e o camarão em volta. Servem-se com molho de tomates à parte, numa molheira.

★

CREME FINO

Despejam-se dois litros de leite numa caçarola, juntando 250 grs. de açúcar e a casca ralada de uma laranja. Leva-se ao fogo mexendo sempre até ferver. Deixa-se até reduzir a dois terços, passa-se então para uma vasilha e leva-se à geladeira. Serve-se bem gelado.

★

PUDIM DE ABACAXI

Misturam-se 250 grs. de açúcar com $\frac{1}{2}$ copo de caldo de abacaxi, acrescentam-se 8 ovos, um a um, e passa-se tudo por uma peneira. Despeja-se em uma fôrma barrada de caramelo e leva-se para assar em forno regularmente quente.

Depois de completamente frio, vira-se num prato de vidro e enfeita-se por cima com pedacinhos de abacaxi, cristalizados.



DOIS MODELOS ORIGINAIS

A PERSONALIDADE da Semana

HENRIQUETA LISBOA



▲ poetisa mineira dá uma grande impressão de doçura. Parece viver um pouco fora da vida, como se olhasse as coisas através duma nuvem branca, uma nuvem que se desejaria pegar antes de desmanchar-se para reproduzir com pa-

lavras suas leveza efêmera.

Falou-me do seu próximo livro de versos — "Flor da Morte" — escrito depois da morte do pai, que muito a afetou. Descreveu-me com emoção o pai, que era um verdadeiro amigo, e a mãe, com quem está vivendo.

— Tenho um grande respeito à família. Você me perguntou, há pouco, se achava o trabalho necessário para a mulher. Acredito que quando uma vocação é muito forte, e quase impossível deixar de segui-la. Eu, por exemplo, dificilmente poderia deixar de me exprimir em versos. Entretanto, se minha família fizesse oposição formal ao meu trabalho, não sei se não teria obedecido. Felizmente, sempre encontrei compreensão e nunca tive que enfrentar este dilema.

Falando de modo geral, acho que o trabalho é necessário para as moças. Aliás, em Minas quase todas trabalham. A mocidade é estudiosa. A maioria das jovens faz um concurso ao sair da escola. O trabalho ajuda a dignidade e a felicidade. Também desenvolve um sentido da responsabilidade que ajudará ao marido na vida em comum. Ao meu ver, o exemplo típico da mulher que soube equilibrar sua vida e seu trabalho é Gabriela Mistral, que muito admiro. Estou acabando uma tradução de quarenta dos seus poemas: vinte poemas trágicos e vinte canções de ninar.

Alguns pormenores sobre sua atividade literária.

Quando me perguntaram um trabalho sobre o Aleijadinho, respondeu, com ternura na voz, e também um livro de versos, que se chamará "Margarida Lua". É o livro da terra de Ouro Preto, com a sombra de Aleijadinho, sempre presente, as visões proféticas, a atmosfera de Minas.

Quando me perguntaram se Henriqueta Lisboa fala da sua terra, seu rosto, um pouco severo, se ilumina e uma grande doçura envolve seus olhos bons. Fala com a simplicidade dos que têm uma vida muito cheia. Escreve muito. Também é catedrática de literatura hispano-americana na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Maria. Enfim, é inspetora federal do Ensino Secundário.

Seu sorriso tem algo infantil. Aproxima-se das crianças que tão bem conhece e cujos estados de alma reproduz em todas as páginas do "Menino Poeta".

"O menino poeta
quero ver de perto
quero ver de perto
para me ensinar
as bonitas coisas
do céu e do mar"

do menino-poeta que tanto lhe ensinou; do menino-poeta que possui

"Cavallinho de pau
de nome Alazão"

do menino-poeta que anda na praia

"Estrelinha do mar
dizem que ao nascer
dormiu no regaço
da madrinha Serela

do menino-poeta que trepa nas jaboticabeiras:

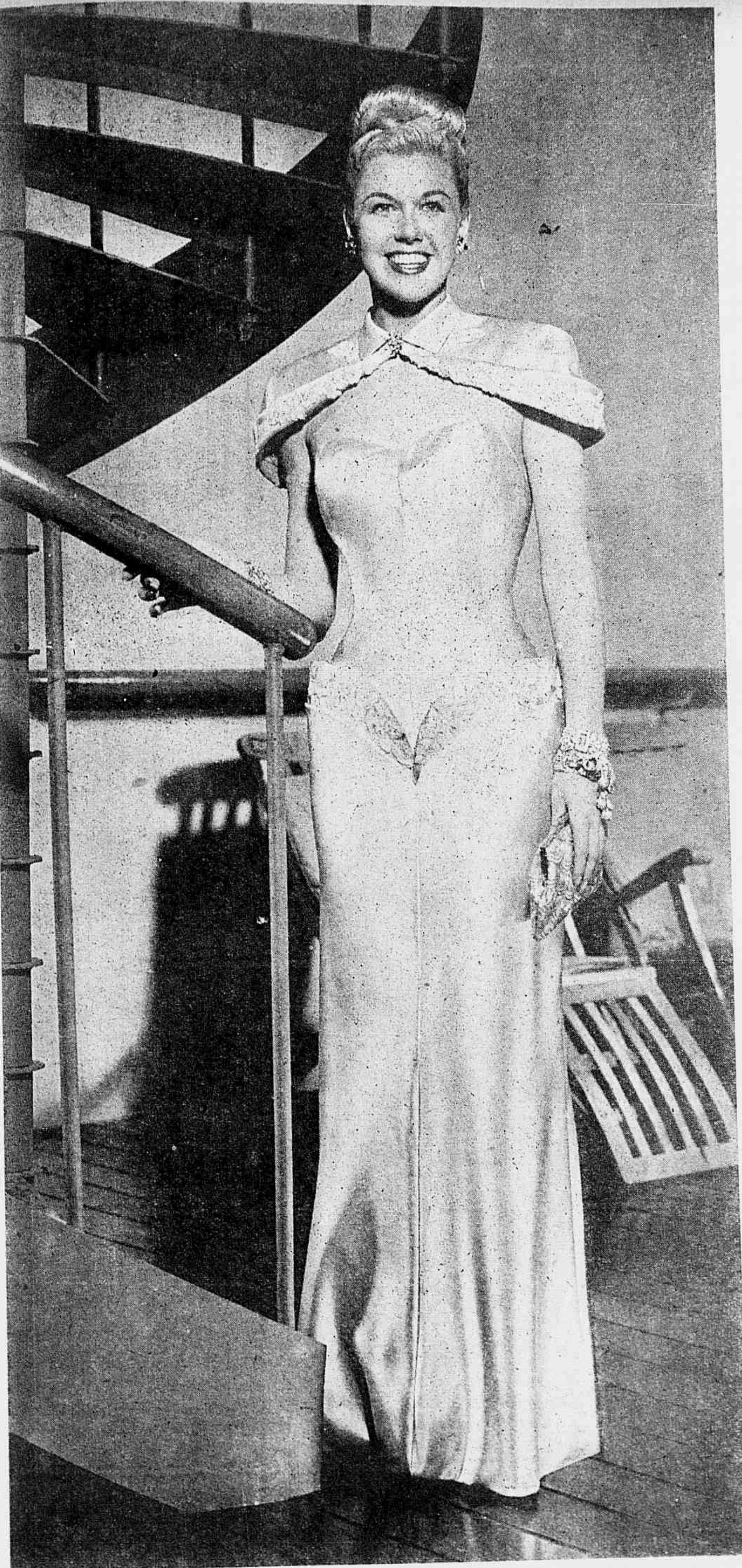
"Menino-madrugada
o pomar não foge!
(Pitangas maduras
dão água na boca!)

E Henriqueta Lisboa que começou a "Prisioneira da Noite" com o pranto:

"Quero os caminhos da madrugada e es-
[t]ou presa
quero fugir aos braços da noite e estou
[per]dida..."

é exatamente o contrário da sua triste prisioneira. Henriqueta Lisboa coloca-se na luz, bem longe da noite, pois é uma alma pura.

YVONNE JEAN



Patricia Vaniver, da M.G.M. é quem apresenta na página à esquerda, este originalíssimo traje para noite, em seda estampada. Nesta página temos Doris Day, com um vestido também para noite, em cetim pérola, com bordados em vidrilho, modelo de grande elegância e bastante vistoso.



SIMPLICIDADE

O estampado é o tecido preferido para o verão. Em cores alegres e vivas, sobre um fundo claro ou fundo escuro, eles removem sempre a figura, e oferecem ainda a vantagem de dispensarem fechos complicados. Ao alto, à esquerda: Modelinho de Janet Martin em jersey de seda estampado. Decote redondo. Uma "basque" na frente dá idéia de "duas-peças". À direita: Este modelo em linho estampado tem apenas um ligeiro drapeado no lado esquerdo. O talhe é alto, arrematado por vistoso colar. Mangas muito curtas. Em baixo: Blusinha muito elegante é esta que Eve Arden, da Warner Bros., apresenta. Interessante recorte na frente. Faixa dupla na cintura, terminando em laço atrás. Na página ao lado: Com uma saia azul marinho, Jane Frazee usa um blusão listrado em diversas cores. Cinto de couro azul marinho. Vera Ralston sugere este gracioso modelo estampado com pregas soltas na saia. Fita de gorgurão aplicada na blusa.

Cinto azul marinho.





MUITO MIMO DAS TIAS E EXCESSIVO RIGOR PATERNO...

BEMAVENTURADAS as mães que se dão conta de que os filhos são uma questão a resolver, que se colocam diante da criança e dos seus problemas numa atitude compreensiva e simpática. — eis o que encontro para dizer, de início, à senhora Cora Pelxoto, leitora desta coluna, que me escreve: "... meu filho é alegre, estudioso, e inteligente; mas é muito mimado pelas tias e tratado com excessivo rigor pelo pai; este não lhe admite a menor falta; por sua vez, a criança fica nervosa e chega mesmo a dizer que quer morrer."

Trata-se, evidentemente, de um conflito mais de orientação educacional, que da personalidade da criança; temos aí o caso do regime do chicote e açúcar, como o denomina Artur Ramos: excessivo carinho da parte de alguns, intransigente severidade da parte de outras pessoas que rodeiam a criança; esta sente a flutuação do ambiente e, como não pode criar padrões próprios, desorienta-se e sofre por isto.

Estamos diante de uma grave questão, que deve ser sanada a tempo, apelando para a boa vontade e compreensão dos adultos, porque a insistência desta alternativa, de amor e violência, pode levar muitas vezes a criança a manifestações neuróticas sérias.

Não estou ao par das condições familiares da sua casa, mas se lhe fosse possível, o afastamento das tias seria a ação mais indicada, no momento; os mimos prestados esporadicamente não teriam o mesmo inconveniente de uma atitude constante e prolongada.

Quanto ao pai, poderia ser esclarecido, afirm de que abrandasse a ação corretora sobre a criança; muitos pais, no entanto, exageram a repressão aos meninos, quando percebem que as mulheres da casa tendem a tratá-los com demasiado carinho; no, daí se tornarem carrancudos e austeros, como reclam, logicamente, que se efeminilize o menino protótipo da masculinidade, ocorre, então, uma espécie de círculo vicioso, o rigor a neutralizar o mimo e o mimo a compensar o rigor; mas acontece que eles não se neutralizam e agem antagonicamente, como dois polos contrários, cada qual atraindo a atenção da criança para o seu lado, e causando, desta forma, profundos malefícios na mentalidade em formação. Afastada a convivência das tias, talvez, o pai, insensivelmente, atenuar a sua severidade.

A criança deve ser aproximada do pai como se fosse um companheiro; habilmente a senhora procurará oportunidades em que o menino possa privar com o pai, quer no ambiente do trabalho, quer em distrações; acredito que seu marido, tendo contato mais íntimo com o menino, terá ocasião de comprovar os dotes de espírito do garoto; e não há pai que não se sinta orgulhoso das prendas do filho.

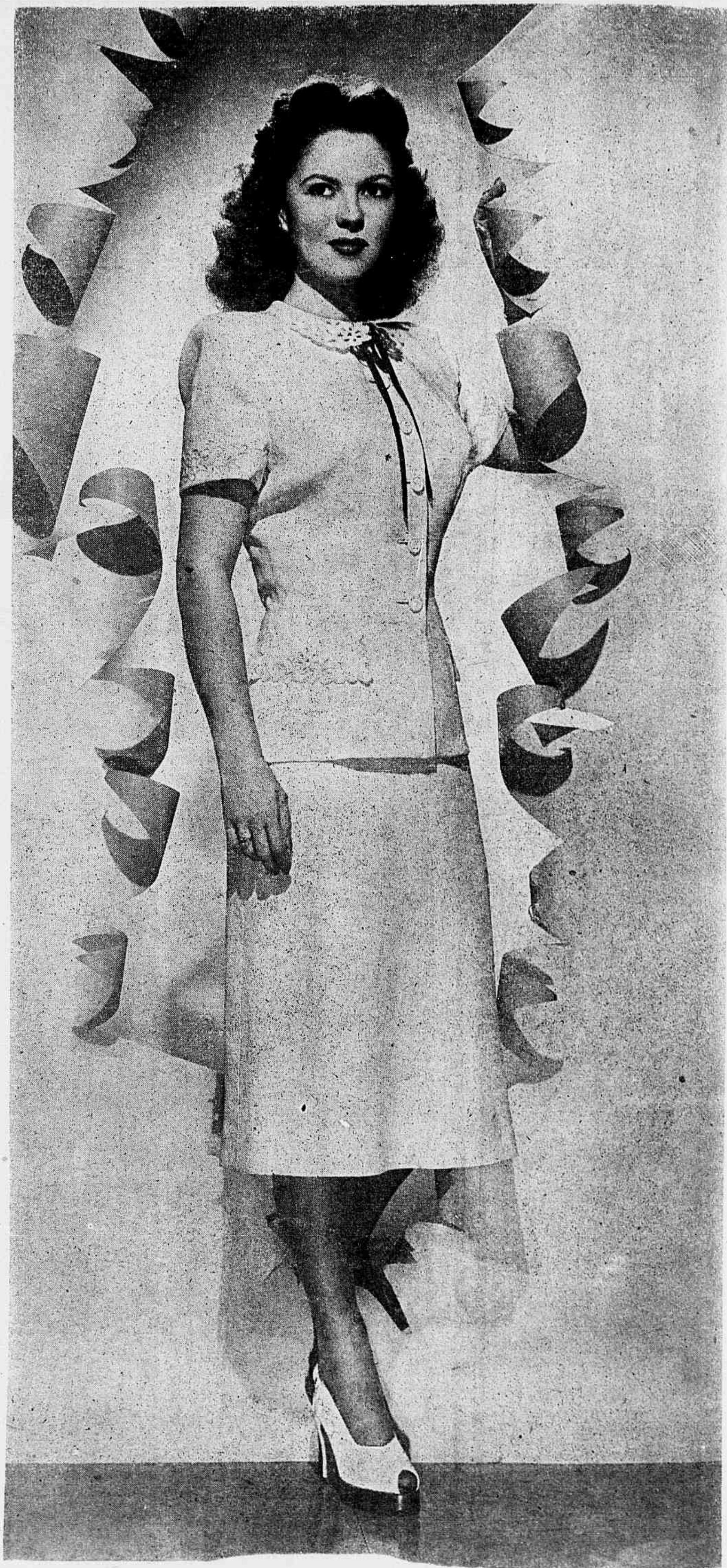
"... a criança fica nervosa, chora e chega mesmo a dizer que quer morrer". Acho conveniente que um psicoterapeuta seja consultado, para que um estudo pormenorizado da personalidade e reações da criança seja feito ao vivo; a idade, a escolaridade e as atitudes constantes da criança não me são conhecidas, dados indispensáveis para uma orientação pessoal. Uma orientação direta e ajustada ao caso torna-se necessária, visto que a criança já reage por um desequilíbrio emocional grave.

Neste caso, não se trata, apenas, de estabelecer direções educacionais, mas de sanar efeitos já instalados e decorrentes de erros antigos; daí a conveniência, insisto, de uma ação pessoal, impossível de ser realizada por uma consulta epistolar.

Acredito, porém, que a modificação do ambiente exerça uma reação salutar na mentalidade de seu filho, porque ele, ambiente, é que foi o principal responsável pela situação atual.

Agradeço, finalmente, as gentis palavras com que se dirigiu a mim, e ponho ao seu dispor esta secção para as consultas que desejar fazer.

ZOLA DE LAET



DO GUARDA ROUPA DE SHIRLEY TEMPLE

MURO DAS Lamentações

VIDA ORGANIZADA

UMA das coisas a que é mais avesso o espírito dos brasileiros é a organização. Isso não nasce apenas de um defeito, mas do defeito inerente às qualidades do talento espontâneo, de fácil improvisação e de arrebatamento juvenil próprios de uma raça em formação como a nossa. Sim, porque tudo neste mundo tem mais de um aspecto, e o espírito da organização, só em si, pode não constituir uma apreciável qualidade — como acontece a certos exemplares das raças nórdicas destituídos completamente de imaginação que acabam obsecados pelo mito de uma ordem criada para servi-los mas de que acabam escravos irremediavelmente mediocres.

E' o caso das donas de casa para as quais tudo tem seu lugarzinho sagrado e nada pode ser tocado; para essas criaturas, uma poeirinha em cima do móvel constitui tragédia em cinco atos; um espirro, uma passada menos leve, um vaso quebrado inadvertidamente, motivo para lamentos, imprecções, fúrias e até separação entre casais.

Não percebem essas maniacas que casa não é vitrine de loja, que casa é para ser usada, livremente, com alegria e sem temores pueris. O que se sujar, limpa-se. O que se quebrar substitua-se. Só não se substitui o tempo, aquele que perdemos sem dele tirar plenamente o prazer de viver. E nada mais gostoso do que poder estar em casa comodamente, à vontade, sem preocupações mesquinhas! Uma casa impecável, assim, pode abrigar muitas vezes um lar infeliz...

Nos homens, as qualidades de ordem podem resultar também em graves defeitos, como acontece a certos tipos de funcionários e de empregados em geral. Aprendem eles uma regra de trabalho, que a princípio cumprem com admirável rigor. Ao fim de certo tempo, no entanto, transformam-na em rotina, em lei intransponível, em tabu, e não admitem a menor possibilidade de que possa ser melhorada, ou mesmo substituída por outra mais consentânea com novas condições posteriormente surgidas. Tal estreiteza leva frequentemente a uma total fossilização da inteligência, com repercussões inevitáveis, estagnação e mesmo retrocesso nas condições de vida.

Esses, os principais defeitos próprios às qualidades da ordem. Nós, brasileiros, que somos francamente pela desordem, temos deste defeito as qualidades de saber viver alegre e despreocupadamente, numa permanente festa dos sentidos. Mas já estamos em tempo de verificar que não poderemos continuar eternamente a viver como cigarras, cantando, cantando; porque já passou a época paradisíaca em que tudo era fácil no Brasil, e hoje nos encontramos em situação idêntica à de vários países imprevidentes igualmente vítimas de inflação e de baixos níveis de vida. Se não nos organizarmos eficientemente, principalmente no setor da produção, ficaremos numa rabeira vergonhosa diante de outras nações guiadas com maior inteligência.

Isso, que acontece em nossa vida pública, acontece também em nossa vida particular. O brasileiro precisa aprender a organizá-la, a planejá-la não a deixando, como até agora tem feito, ao sabor de todos os ventos. Não queremos dizer com isso que devamos cair naqueles excessos de meticulosidade que já criticamos acima, e sim que devemos, sem perder nossas qualidades de espontaneidade, procurar orientá-las com um pouco mais de lógica e de previsão.

Entre nós, são bem raras as pessoas que se dão ao trabalho de organizar um pequeno orçamento para suas vidas. De um lado, a receita, tudo o que se ganha; do outro, a despesa, tudo o que se gasta. Depois de um levantamento consciencioso da situação, vista em sua irretorquível realidade de cifras, cabe-nos tomar decisões — ou estudar meios para aumentar a receita, caso seja ela insuficiente ou muito exígua; ou, sendo possível, obter meios de reduzir as despesas.

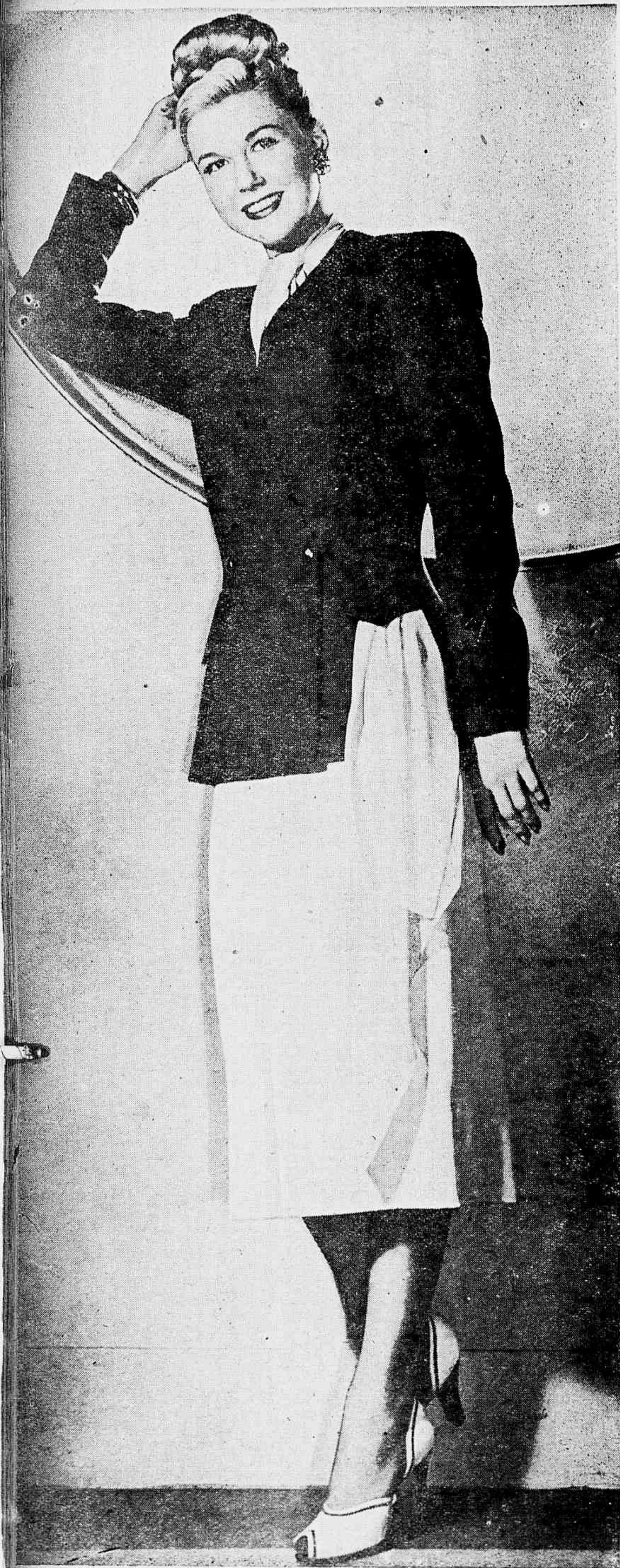
Parece simples, mas para o nosso espírito avesso a medidas é bem difícil, embora outros povos há séculos tenham o costume de agir assim. Os ingleses e os franceses, especialmente, sempre se destacaram no saber conduzir com inteligência suas finanças domésticas. Deles devemos aproveitar a lição, que pode não ser muito divertida mas que é seguramente muito útil.

Verificada a situação econômica da família, será conveniente dirigir as entradas e as saídas do dinheiro segundo estas regras, que admitem naturalmente, um sem número de variantes.

Em primeiro lugar, deve haver uma caixa comum para as "entradas" — isto é, com exceção das crianças, todos os membros da família devem entregar ao "Secretário da Fazenda" tudo o que ganharem. Deduzidas todas as despesas obrigatórias, haverá um saldo, que deverá ser dividido entre todos segundo um critério justo, previamente estabelecido. Convém que o "Secretário" seja o pai, mas todos os membros da família devem estar a par das entradas e das saídas de dinheiro, não só para evitar perguntas e reclamações desnecessárias, mas principalmente para que to-

(Cont. na pág. 56)

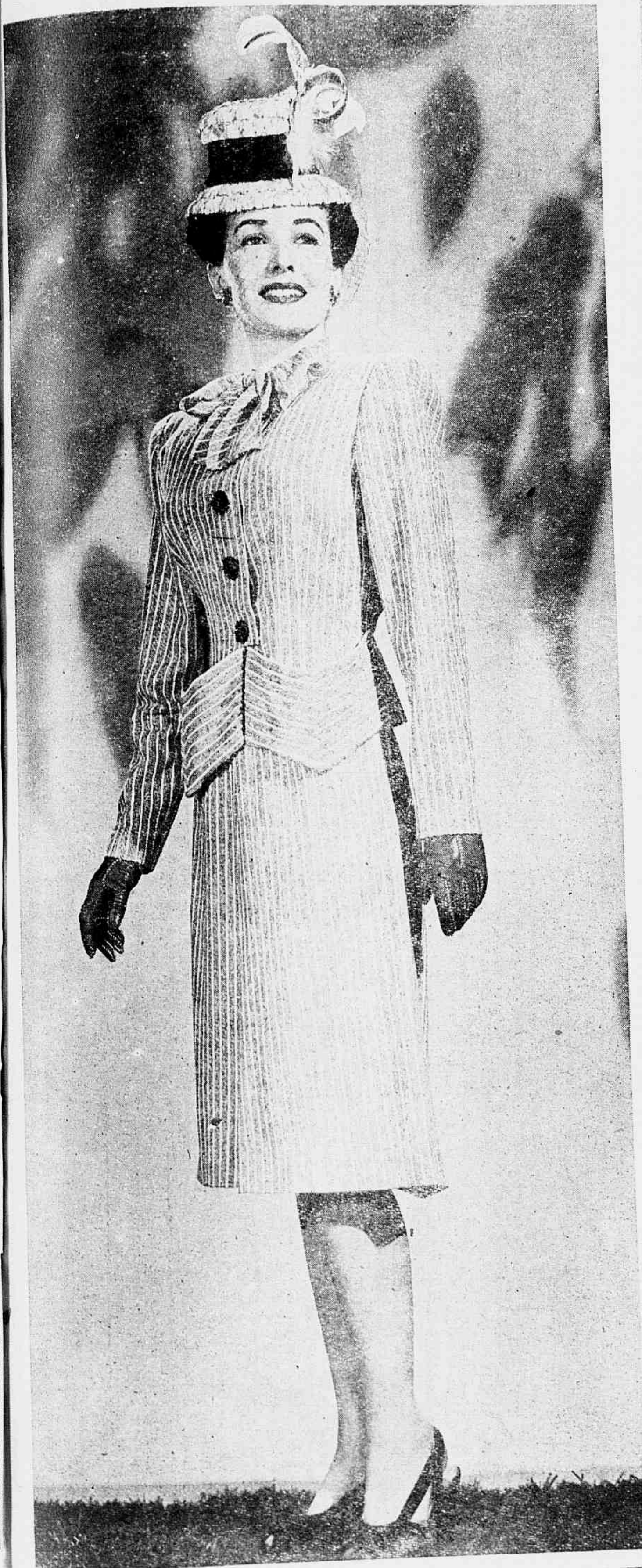
Shirley Temple, aliás Mrs. John Agar, encantadora "estrelinha" de Hollywood, que atualmente filma "That Hagen Angel", na Warner Brothers apresenta aqui dois encantadores e juvenis modelos de verão. O primeiro em linho branco com bordados em azul bem claro. O segundo em algodãozinho estampado rosa claro e branco. Ambos de fácil execução e bastante afeto.



“TAILLEURS” SOFISTICADOS



Aqui estão quatro “tailleurs” diferentes que apresentamos às nossas leitoras. O primeiro, apresentado por Doris Day, é executado em linho azul-marinho e branco. O segundo, em “gros-grain” azul-marinho, é um modelo encantador apresentado por Martha Vickers, da Warner; é um “tailleur” em fina lã cinza-claro. Casaco terminan-



do em interessantes bolsos, gola arrematada por grande laço. Apresenta-o Catherine McLeod, da Republic. Finalmente, Alex Smith, da Warner Brothers, exibindo um moderníssimo modelo em finíssima casemira cinza mescla. Lenço multicolor em seda natural.



Caixa de RESSONÂNCIA

A propósito de Jean Cocteau



JEAN Cocteau é um poeta, mas não é um contemplativo. É um homem de ação, também. Desenhista, ator, diretor cinematográfico, dramaturgo, romancista, ensaísta, viajante, — que diabo terá ele deixado de ser? No cinema, começou confuso, mas propositalmente confuso. Fez filmes surrealistas, com algumas belas imagens e muita ex-

centricidade, muito grotto. Não chegaram até nós seus primeiros filmes. Mas vi, em Nova York, um desses filmes, "O sangue do poeta", de que ele era o autor, o diretor e principal intérprete. Muita audácia, pouca lógica. Mas pode-se querer lógica num sonho? A verdade é que Jean Cocteau, sem ser levado a sério pelos espíritos ponderados e rotineiros, influiu em muita gente, na França. Mas ele próprio se converteu ao cinema comercial, ao cinema de bilheteria, fazendo, ultimamente filmes a que não faltam qualidades poéticas, mas com uma boa coordenação dramática, com uma continuidade lógica e um desenlace normal. Em "A bela e a fera", que escreveu e dirigiu, apresenta, — segundo leio nos jornais franceses, — um conto de fadas, da fera humanizada pela beleza de uma mulher e, pelo amor transfigurada, afinal convertida em um autêntico "prince charmant". Coisa assim do King Kong que acaba sendo um Tyrone Power, — do Mr. Hyde que vira o Dr. Jeckyll...

Foi através do teatro, — e não do cinema, ou da poesia, que começamos a tomar contacto com Jean Cocteau. Embora Jean Cocteau seja um autor moderno e tenha sido muito precoce na revelação dos seus dons literários, tem ele nada mais nada menos que um quarto de século de atividade teatral. Antes, dele só nos chegara, através de atrizes francesas e da declamadora Berta Singerman, a bela obra dramática que é "A voz humana", monólogo que exige, da intérprete, toda a gama dos sentimentos. Mas, no ano passado, a senhora Henriette Rissner Morineau teve a feliz idéia de pôr em cena, no Regina, do Rio, e mais recentemente, no Santana, de São Paulo, a peça de Cocteau, "Les Parents Terribles", que Carlos Brant, um jovem e entusiástico animador do nosso teatro, traduziu com o título de "Pecado Original". Criada em 1938, no teatro Ambassadeurs, de Paris, essa peça foi, até então, a obra de maior agrado de Jean Cocteau. O talento que ele já havia revelado na sua versão de "Antígona" no seu "Orfeu", criado pelos Pitoeff, e na sua "Machine Infernale", nos seus Chevaliers de la table ronde", transbordou, em "Les Parents Terribles".

Esse êxito aproximou Jean Cocteau do teatro ao agrado do público e ele descobriu que podia fazer peças menos excêntricas do que "Les Mariés de la Tour Eiffel", sem sacrificar as qualidades literárias de suas obras, antes tirando proveito disso. Foi então que escreveu "Les Monstres Sacrés", representada em 1940, já em plena guerra, no teatro Michel. Dessa peça, diz o crítico Georges Pillement: "Et quelle pièce du boulevard est mieux construite et mieux équilibrée que 'Les Monstres Sacrés'?" Esse mesmo crítico nos chama a atenção para o fato de que os personagens de Jean Cocteau são geralmente "seres excepcionais", ou parecem sê-lo, porque ele sabe pôr em destaque o que há de "excepcional" no carácter de cada um deles. Em nenhuma outra peça isso é tão verdadeiro como em "L'Aigle à Deux Têtes" (A Águia de Duas Cabeças), uma tragédia de vibrante entonação dramática, cujos personagens centrais são um anarquista e uma rainha excêntrica, que havia desposado um rei jovem e formoso, enviuvando virgem e palpitante de amor insatisfeito. No prefácio da edição N. R. F. em que apareceu a peça, diz Jean Cocteau que foi buscar na vida real os personagens centrais da sua obra. Imaginou, por exemplo, a rainha Elizabeth, da Áustria, casada não com Francisco José, mas com o rei Ludwig II, da Baviera, — o rei louco por Wagner. Embora tendo muito de filosófica e de política, a nova peça de Cocteau, criada em Paris por Jean Marais e Edwige Feuillère, é sobretudo um "exposé" das fragilidades e dos contraditórios sentimentos humanos. Cada personagem aparece justificado pelo autor, acabando todos tendo razão e nenhum a tendo, tal e qual nas obras de Pirandello. E ao público que cabe discernir. O êxito de Paris repetiu-se em Nova York, com Tallulah Brankhead e Heimit Dantine, — e ora se repete em Londres e outras capitais. Sobre a obra de Cocteau, diz Georges Pillement: "Por mais diversa e contraditória que nos pareça à primeira vista, a obra teatral de Jean Cocteau tem uma profunda unidade de inspiração, quer quando motivada pelos mitos antigos, as canções de gestas ou pela vida moderna, porque é essencialmente a obra de um poeta que está sempre à escuta das vozes novas e mais habilitadas a orientar a arte de uma época". Nessa definição, está todo Jean Cocteau.

R. MAGALHAES JUNIOR



Seis modelos práticos para a praia. O primeiro e o sexto são guarnecidos de babados. O segundo e o quinto, têm as costas inteiramente descobertas. Os outros três modelos, denunciam a linha moderna. Os três modelos em baixo, são modelos idealizados pela

SOL E



O ESPIRITO Feminino ATRAVÉS DOS TEMPOS

A VINGANÇA DA PRIMEIRA MÉDICA DO RIO DE JANEIRO

Quando se formou em medicina a primeira brasileira houve um enorme alarido em torno do fato. Discutia-se, aprovava-se, repelia-se, combatia-se, e a doutora Ermelinda Vasconcelos recebeu seu grau com distinção. No meio desses contras e a favores, surgiu um artigo de Sílvio Romero, bastante indignado. Era contra. Mas tão contra que dizia assim: "Fique certa a doutora que os pés da Machona não pisarão o meu lar". Aliás, "Machona" era o título do seu artigo e embora os louvores vindos de outros lados a deixassem comovida, aquilo amargou, e bastante, a vitória da jovem médica.

Muitos anos depois, Sílvio Romero, completamente esquecido de tudo e vencido pela reputação da médica, foi bater-lhe à porta e pedir-lhe que salvasse sua mulher e a criança que estava para nascer. A doutora Ermelinda cumpriu seu dever. O ilustre historiador da literatura brasileira pediu mais. Que não lhe cobrasse muito e, ainda, que lhe permitisse pagar em prestações. A essa voz, a doutora protestou:

— O senhor me pagará caro e de uma vez!
E entregou-lhe um envelope. Dentro do envelope, estava o artigo de anos atrás.

★

DEFINIÇÕES

Quando Maude Adams era ainda criança, estava longe de possuir o dom do controle pessoal e se atormentava durante os exames. Aquela que seria mais tarde uma das maiores glórias do teatro de língua inglesa sempre se atormentava em frente de uma banca examinadora. No dia em que fez exame de catecismo, foi-lhe perguntado o que vinha a ser o estado matrimonial.

— É um estado — recitou a pequena, — para o qual se entra debaixo do mais terrível tormento e que se é obrigado a aguentar por um determinado tempo, afim de se ficar preparado e purificado para a vida eterna.

E não houve quem a convencesse de que aquilo era a definição do purgatório.

★

SUGESTÃO A PROPOSITO DE UM EPITÁFIO

Uma viúva fez escrever na tumba do marido: "Minha luz se apagou". Esse romântico epitáfio era muito citado e a tristeza da viúva parecia autêntica. Até que um dia se casou de novo. Ficou, então, muito apreensiva, achando que talvez fosse melhor acabar com aquele epitáfio. Cheia de escrúpulos e apreensões foi consultar Clare Booth. A célebre escritora ouviu-a com toda atenção e tratou de dissuadi-la da idéia de apagar o epitáfio.

— Não faça isso, — aconselhou a autora de "Margin for Error". — Em lugar de apagar mande acrescentar mais isto: "Acendi outro fósforo".

★

BATALHA

Catarina de Medicis passeava numa carruagem quando um popular começou a lhe dirigir os maiores insultos. O cardeal de Lorena, que a acompanhava, imediatamente pediu-lhe licença para prender o homem.

— Não, deixem-no em paz, — retrucou ela, — Quero que todos saibam que uma rainha de França sabe vencer seus ressentimentos.

★

DRAMA EM TORNO DE UMA FOLHA DE PAPEL...

Quando Catarina Gaussin era ainda muito jovem teve um ardente apaixonado na pessoa de Bouret. Este deu-lhe de presente uma folha em branco com a sua assinatura afim de que a moça escrevesse nela o que bem entendesse. Os anos se passaram e a pequena Catarina tornou-se uma das maiores atrizes do seu tempo. Por sua vez Bouret se fez general e, ainda por cima, um homem riquíssimo.

A idéia daquela folha em branco nas mãos de Mlle. Gaussin não o deixava.

Sabedora disso, Catarina mandou chamá-lo, dizendo que havia enfim preenchido a folha. O ex-namorado acudiu, muito alarmado, para então receber o papel com a seguinte frase: "Prometo que amarei Catarina Gaussin por toda a vida".

(Seleção de L. B., especialmente para "REVISTA DA SEMANA")

CHUVA

América do Norte. As aberturas são tôdas na cintura. Enfim, os modelos n.º 10 é em linho branco ornado de tafetá quadriculado. E agora, uma coleção para os dias de chuvas. São capas dos mais diversos feitios. As mangas "raglan" são as preferidas.

MÚSICA

UMA ESCOLA PARA ALUNOS E PARA PROFESSORES — A PREPARAÇÃO DE EX-COMBATENTES INSPIRA NOVOS MÉTODOS DE ENSINO — O "VETERAN'S BU- REAU" TRANSFORMADO EM ÓRGÃO RENOVADOR E EXEMPLO PARA OS MESTRES

De ROBERTO LYRA FILHO

(Especial para "REVISTA DA SEMANA")

O ensino profissional, organizado, especialmente, em cursos intensivos, para os ex-combatentes, é um dos problemas que têm preocupado as nações amparadas na tarefa de readaptar os homens que serviram à pátria durante a guerra, e carecem de um amparo efetivo para que reingressassem no ritmo da vida em tempo de paz, evitando os desajustamentos.

Nos Estados Unidos, escolas especiais foram fundadas com esse objetivo, compreendendo os programas variados de male divinos male da música e da arte. Procura-se assim atender dentro das possibilidades às tendências e necessidades dos desmobilizados, dotando-os, em certos casos, de gratidão de treinamento necessário para que eles possam iniciar uma carreira ou retomar o rumo de sua formação, de modo a não perderem o contato com a realidade, para servir às exigências imperiosas da defesa nacional, em atividade militar nos campos de batalha.

A primeira questão importante que teve que ser resolvida foi a do tempo. Reconhecendo nos tempos normais de ensino, a não penetrar na vida, os soldados da guerra, não imbuídos para no mais curta prazo, reconhecerem os meses ou mesmo, anos perdidos. Assim, tornou-se necessário graduar as aulas de acordo com a idade dos alunos. Alguns, ainda muito jovens, podem desfrutar um período mais longo, outros, já mais maduros, exigem um tratamento de emergência, concentrado numa preparação que os habilite, logo, a enfrentar do aspecto prático, imediato, que é situar-se em posição vantajosa para encetar uma luta, não menos dura do que a das trincheiras: a luta pela vida.

Toda a atenção pedagógica de uma escola de professores acha-se, neste momento, empregada na procura de métodos pedagógicos que concentrem um máximo de conhecimento num mínimo de tempo necessário para a apreensão e assimilação das noções indispensáveis.

Dividida em muitos ramos, o ensino dos ex-combatentes não poderia deixar de abranger um departamento especial destinado à música. É este que nos interessa particularmente.

ABAIXO O CONTRAPONTO!

O ensino da música, como é feito, normalmente, nos conservatórios, não se adapta às finalidades dos Cursos de Ex-Combatentes. Os longos períodos de gradual introdução na teoria, a par dos exercícios laboriosos, todas as pequenas etapas da formação de um músico: instrumentista, compositor, cantor, têm a demorada aplicação que se exige, para obter um rendimento adequado, tudo tem que sofrer um processo de condensação, que se traduziu, principalmente, no sacrifício da teoria.

Depois de longas conferências os mestres resolveram dar razão ao jovem aluno que, em certa aula, subitamente berrou:

— Abaixo o contraponto!

O contraponto, ali, era um símbolo. No espírito fatigado do ex-combatente, identificava-se, naquela palavra, todas as mistérios da teoria musical. Foi um grito espontâneo partido do íntimo dos que desejavam ver render-se, aos seus avanços sófregos, a arte, a ser tomada de assalto, como uma cidadela...

Evidentemente, não foi possível satisfazer aquela impulso em toda a sua extensão. Mas a teoria foi reduzida ao essencial. Nem se discute a evidente a falta de medida, quando se levam em consideração as condições excepcionais que requerem sua adoção. Conviém assinalar, aliás, que têm sido desobediências por métodos de aplicação no ensino regular, métodos inventados pelo desejo ardente dos ex-combatentes de dominarem, em pouco tempo, o que lhes teria custado, normalmente, um aprendizado mais lento.

PRIMEIRO OS RESULTADOS

É fácil calcular que a principal preocupação dos professores é mostrar ao aluno os resultados imediatos dos seus estudos. Naquela ansiedade de preparar-se, os discípulos só se tranquilizam quando sentem que estão caminhando, a passos rápidos mas seguros, para o objetivo que têm em vista. Assim, os mestres vão organizando, desde o início, a carreira dos estudantes, fazendo-os empregar, logo, os conhecimentos adquiridos em concertos especiais, custeados pelo governo.

Não se deve pensar, porém, que esse processo envolve um amparo de mera caridade patriótica a moços sem talento. Não. O que é realmente animador — e justifica plenamente o esforço dos professores — é que eles descobriam um meio de fazerem desabrochar, antes do tempo, em várias florestas, as vocações cuja condução à maturidade, por outros processos, seria obra de muitos anos.

As conclusões pedagógicas que se extraem dessas realizações, porém, se aplicam em outros setores, muito diversos do VETERAN'S BUREAU. A prática está dando magníficas confirmações deste fato: uma das condições que estimulam o aluno e aceleram, portanto, a sua formação é essa forma de encontrar imediato emprego para o que estudam. Isso desperta a consciência de que toda a tarefa é útil que as horas de aula não são catequeses de professores exigentes, contém os ímpetus dos mais insipientes, reconcilia a teoria com os que desatariam somente aulas práticas, mostrando as ligações íntimas desses dois aspectos do aprendizado, robustecendo a teoria com a sua aplicação instantânea, dando-lhe um aspecto dinâmico, funcional, que, por outro lado, a livra de tanta tela de aranha e põe os séculos que continuam a ser impingidos aos estudantes como regras indispensáveis.

Em suma, o VETERAN'S BUREAU está se transformando, gradualmente, numa das mais avançadas e aperfeiçoadas escolas de música... para os professores, que ali adquirem uma experiência preciosa no sentido de reduzir as suas aulas ao essencial e dar a esse essencial força e vigor. Caberia, até, a sugestão de organizar, ali, um curso paralelo de aperfeiçoamento para os mestres, pois, frente a frente, com a prova experimental dos novos métodos, tornar-se-iam os chefes de um movimento no sentido de revolucionar o ensino da música.

História triste

(Cont. da pág. 18)

mal à professora, mas porque os seus olhos ainda não haviam pousado numa pessoa assim. Sentem como que um desejo de a apanhar, como fazem com as borboletas de lindas cores. Rir, responder torto, não obedecer, é a sua maneira de reagir em presença de uma coisa estranha.

Tardes longas de Outono, com o sol a fugir por detrás dos montes, e o badalar das campainhas dos rebanhos penetrando-se na alma como a tristeza de uma despedida! Casas vazias, móveis sem significação, o silêncio de mundo acabado!

Carlota encosta o rosto ao vidro da janela e sente que uma coisa, lá dentro, vai despedaçar o seu corpo e atirá-lo em mil pedaços ao sol, à lua, às estrelas... qualquer coisa como morrer para viver mais intensamente.

A escuridão caíra sobre a aldeia.

Carlota pensava em deixar o lugar, em pôr fim à aventura da independência, quando um contacto mais elevado veio pôr novamente em jogo a sua curiosidade. O pai de uma aluna, chefe da estação dos correios, viera tomar informações sobre o adiantamento da filha. Conversaram. Veio uma vez, e outra, e outra... Era a única pessoa com quem podia falar. Com o seu jeito de analisar, olhava-o nos olhos, sentia-lhe as aspirações. Eduardo era um homem que abalara ali a sua vida. Acabara por lho confessar. Uma noite, as suas mãos procuraram-se; passou uma luz por Romaril e a aldeia desnudou-se. Era uma maravilha!

★

Na cidade, a mãe e a irmã mais nova rezebam a mesada de Carlota, o que, com um pouco que tinham, lhes permitia viver descansadas. "Havemos de lá ir", diziam nas cartas. Mas as incomodidades da viagem faziam-nas sempre adiar a visita, e o que seguia era uma série de bons conselhos: "Tem juízo, porta-te bem, não apanhes sol, junta algum dinheiro..." Carlota começou a ter grande desprêzo pela família e quase deixou de lhe escrever. Lia as cartas a Eduardo e atirava-se-lhe ao pescoço com desespero, porque aquela frase: "porta-te bem" começava a envenená-la.

"Com que direito lhe davam conselhos? Não tinham sido as suas opiniões que a haviam atirado para ali? Desde criança que não fora a preferida. A sua ânsia de viver, o seu desejo de abarcar o mundo, dava-lhes muito trabalho a conter. Atirada para longe, só, num recanto da Terra, não haveria perigo e era mais cómodo para elas." Carlota começava a ver tudo, a compreender tudo. Mas esse isolamento com que contava a família para seu descanso, fora tecendo a sua obra.

Ao cair da noite, os montes, as árvores e os vales diluíam-se numa bruma cinzenta que se confundia com o céu. Car-

lota ficava-se horas por trás dos vidros, impregnada de nostalgia.

Para que lhe servia, afinal, a liberdade? Se ia passear pelos campos e lhe zumbia nos ouvidos o silêncio eterno das grandes distâncias, procurava, em vão, um braço onde se arrimar. A solidão apoderava-se da sua alma, corrompia-a. A que vinham essas cartas da família? E' fácil aconselhar quando se têm todos os confortos.

A sua falta ressaltava na monotonia dos dias semelhantes; se o relógio marcava as horas, era para anunciar a chegada de Eduardo; se a noite fechava as portas da Terra, era para que a sua ausência lhe renovasse o desejo de tornar a vê-lo.

— Eduardo! prende-me as mãos, não me deixes fugir!

★

Na escola, as crianças cochichavam e tinham para ela olhares cheios de malícia. Algumas deixaram mesmo de aparecer, e as mães não a saudavam ao passar. Uma das pequenas, que fora sua aluna, atrevera-se mesmo a dizer: — "Olha! vai ter com ele!".

Carlota tem a impressão que vai envelada numa torrente, sem ter onde se agarrar. Romaril é um extenso mar onde o seu corpo se afunda. Grita por Eduardo, mas a sua voz perde-se na solidão.

★

— Venha por aqui! Não se demore, senão perde o combolo.

De novo a antiga professora a acompanhar, agora de regresso à estação, Romaril vai ficando para trás. Quem resuscitara aquela mulher dos velhos contos de bruxas? Onde comprara aquele ar de honestidade forçada? Por que lhe roubara o único bem que tinha? Carlota não ouve as palavras venenosas que a senhora lhe dirige, porque a antiga professora só diz o que ela imagina ouvir-lhe:

— Eu não lhe disse que Romaril era um cemitério? A senhora ficou lá, como eu também fiquei; a outra desapareceu. Romaril é um cemitério.

Carlota vai cheia de medo porque ouve as palavras que se não dizem.

Romaril rejeitara-a, e Eduardo não pudera aparecer-lhe.

Carlota regressa a casa. A sua história era uma história triste que se não podia contar. As lágrimas corriam nos olhos dos meninos, que só querem histórias que acabem bem, e Romaril era um cemitério onde Carlota ficara enterrada.

NÚMEROS ATRASADOS DESTA
REVISTA NO PARÁ

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.
Travessa Campos Sales, 58
BELE'M



Tenha sempre na idéia a idéia de um presente da **NOTRE DAME**.

Nas suas famosas "Seções Especializadas" a Sra. encontrará os mais belos **Presentes de Festas** para toda a Família.

Notre Dame de Paris

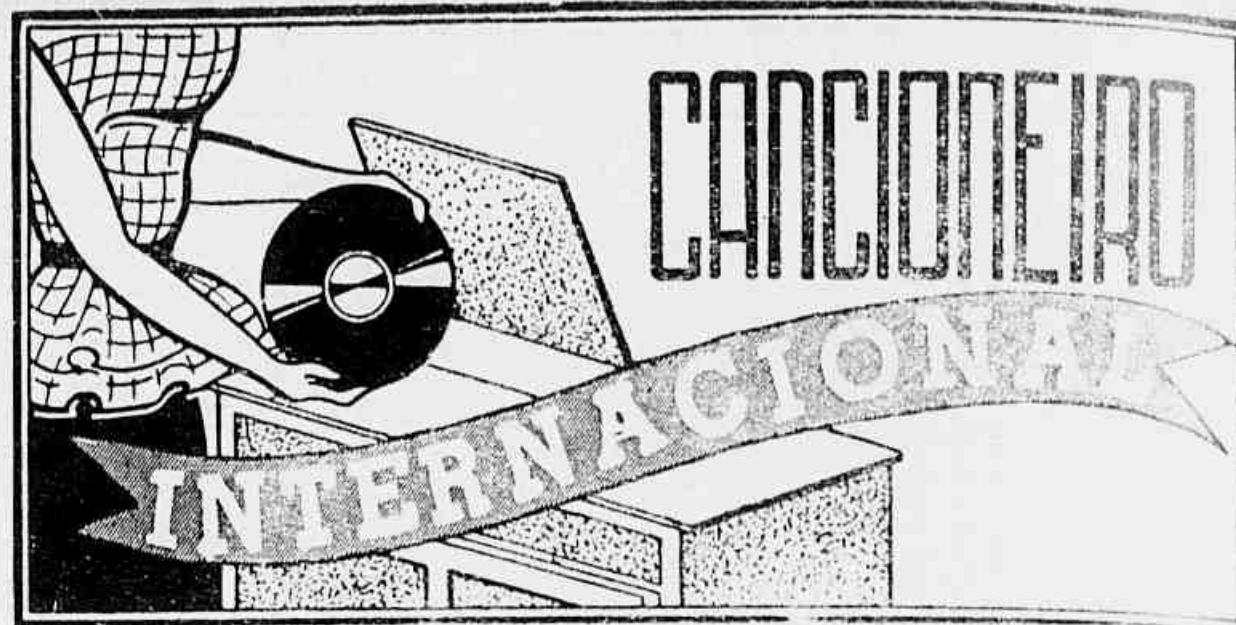
SEDAS, LINHOS, TECIDOS FINOS
ROUPAS E ENXOVAIS PARA CRIANÇAS
ROUPAS DE CAMA E MESA
LINGERIE — CINTAS

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE NO RIO DE JANEIRO—OUVIDOR, 182

BONS LIVROS
BONS BRINQUEDOS
PARA CRIANÇAS



EDIÇÕES MELHORAMENTOS



DISCOS PARA CRIANÇAS

ANTIGAMENTE, era a vóvó quem contava histórias da carochinha aos netinhos. Hoje, porém, vóvó passa todo o tempo nos salões de beleza, e, por isso, deu para andar pelas lojas de discos à procura de alguma coisa que, uma vez posta a girar na vitrola, possa sossegar as impertinências do filhinho do seu filho. Encontrou dois pequenos álbuns: "A formiguinha e a neve" e "O chapéuzinho vermelho", ambos gravados pela "Continental", uma fábrica brasileira de discos brasileiros. Levou-os para casa e foi um sucesso. Mas, de tanto ouvir as histórias, a garoto acabou quebrando os discos, justamente chateado. Vóvó voltou a correr as lojas, mas não encontrou nada mais. Não havia outras fábricas no Brasil? A Victor? A Odeon? Porque elas não gravavam, também, histórias para crianças? Não há saída? Disseram-lhe que aqueles dois álbuns estavam constantemente esgotados. Protestou. Iria falar com um amigo do falecido, que tinha um amigo que, por sua vez, era amigo do líder da maioria e haveria de dar um jeito. Não há jeito, vóvó. Você não viu o caso do selo de circulação sobre o disco estrangeiro? Perdeu-se a batalha, porque disco estrangeiro traz cultura no seu bojo. Porque não ensina inglês ao seu netinho? A Lecca, cujas matrizes são aqui regravadas pela Odeon, possui uma discoteca infantil de 100 álbuns. Ela espera ganhar 20 milhões com a venda dos mesmos, ainda este ano. A Victor, até o próximo Natal, espera lançar uns cinquenta álbuns. São histórias contadas por um Lionel Barrymore, uma Ginger Rogers, um Eddie Cantor e outros grandes nomes do cinema, do teatro e do rádio dos Estados Unidos. O que você deve fazer, é aconselhar que elas regravem essas matrizes e inundem o mercado com mais esse veículo de cultura popular. Vamos! Procure um bom professor de inglês para o seu netinho. Ele precisa, quanto antes, aprender a não ser brasileiro...

F. CORREIA DA SILVA

COSTA RICA

Fox de Harry Ruby, Sunny Skylar e Ernesto Lecuona. — Do filme MASCARADA TROPICAL, da 20th Century.

Hearts are gay in Costa Rica
September's just like May in Costa Rica
All the sights are so magnific
Between the Caribbean and Pacific.
Why do songbirds sing here yearly?
Because the winter's just like spring or
nearby,
Seven days a week you'll find the joy
you seek.
Love is the language that we speak in
Costa Rica,

Romance is always in season,
The climate's the reason,
It helps it to ripen and grow.
Each day departs without sorrow
And then comes tomorrow,
And yesterday is long ago,
Hearts are gay in Costa Rica,
There's music night and day in Costa
Rica,

Nights are all that one desires,
The moon takes over when the sun
retires.
All the cares you know will vanish,
When Señoritas say hello in Spanish.
If you're looking for a thing we call
amor,
You'll find it here, si, si Señor,
In Costa Rica!

★

TWO LOVES HAVE (J'ai Deux Amours)

— Fox de J. P. Murray, Barry Trivers e Vincent Scotto.

All my life I yearned for love
And searched for happiness.
And I dreamed of some one
I could worship and caress;
Then one day love said to me:
"I am yours!"
But I learned that when it rains, it
pours.

Two loves have I and they tear me
apart.
Two loves have I, both are in my heart.
One is a flow'r and the other a flame.
Two loves have I, but they're not the
same.

When I'm in a gay mood,
'Tis then my light love I crave;
Then again at times,
My other love can make me a slave.
I can't deny that to both, I am true;
Two loves have I, both of them are you!

I'LL KNOW IT'S LOVE

Fox de Harry Ruby e Ernesto Lecuona. — Do filme MASCARADA TROPICAL, da 20th Century.

Love will find a way
To my heart some day;
I can only say that the moment it
happens

I'll know it's love,
It will cast a spell,
And I know quite well;
I could never tell you I'll know,
But I'll know it's love,
I will hear a breeze,
Rustling through the trees;
Gentle as the sight of the flight of a
dove

Then I'll hear my heart,
It will stop and start
With the first romantic glow,
I'll know it's love!

★

ENRIQUE DELFINO (Delfy)

Tango argentino de Roberto Nieres Blanco e Oscar Rubens.

I

Con un pincel de melodías
Intaste notas de dolor y amor...
En el teclado de tu piano
Tu alma entera
Se grabó.
Al corazón de Buenos Aires
Nojó tu lluvia de canciones
Que cada tango reflejaba
La emoción de tu ciudad:
Por eso nos embriaga tu cantar!

II

Escuchando tu Griseta
Urge un recuerdo feliz
Que al son de sus compases
Tu cariño conseguí.
Esthercita se llamaba,
En un tango vos Delfino,
Solamente le cantabas.
...Esthercita...
¿He perdido para siempre...?
¿Hoy tu tango nuevamente,
Tristemente,
Trae su voz.

I Bis

¿agan tus notas por el mundo,
Con un mensaje de tu corazón
Ambien el alma de Esthercita...
Ya enredada en tu canción,
¿us tangos hablan de mis sueños
De mi alegría y mi tristeza:
¿ues cada tango va diciendo,
La emoción de tu ciudad:
Por eso está mi vida en tu cantar!

GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS /



DÔRES /
de CABEÇA

TRANSPIROL

**ETERNA**15 Rubis - antimagnético
amortecedor de choques

Ouro 18 K... Cr\$ 2.800,00
Folheada a ouro com
fundo de aço..... 950,00
Aço inoxidável 900,00
Cromado fundo aço 650,00

1

**ENIGE**

Elegante - 15 Rubis

Folheada a ouro com
fundo de aço.... Cr\$ 650,00
Cromado, fundo aço 550,00

2

**ENIGE**

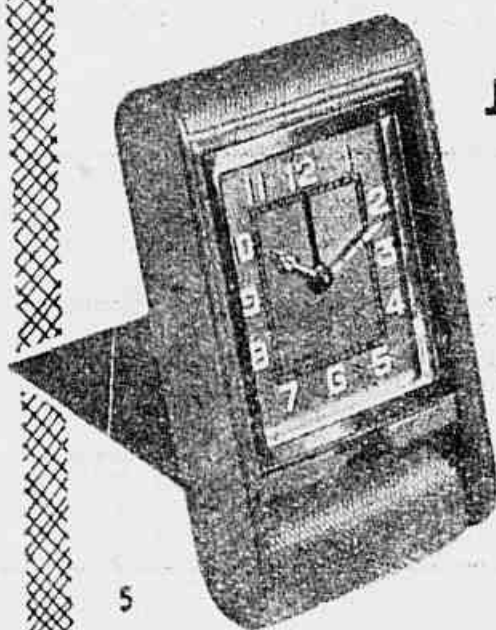
Preciso e de fina apresentação
Folheada a ouro fundo
de aço..... Cr\$ 580,00
Cromado fundo aço... 450,00

3

**SOREL**

Jóia de fino acabamento,
relógio e pulseira em ouro
do 18 K..... Cr\$ 3.800,00
Modelos desde.... 2.900,00

4

**JAEGER LE
COULTRE**

Despertador suíço de
precisão - 15 Rubis
- corda para 8 dias -
modelos diversos...
..... Cr\$ 850,00

5

**ETERNA**15 Rubis - antimagnético
amortecedor de choques

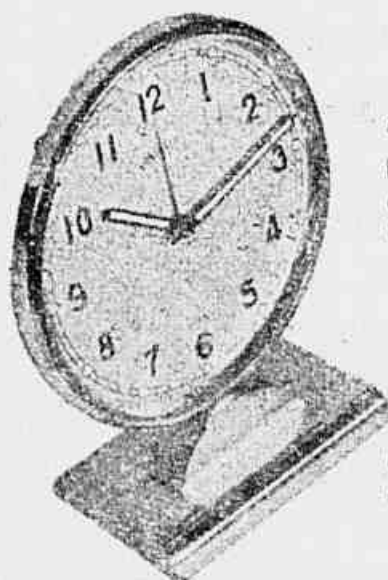
Ouro 18 K.... Cr\$ 2.950,00
Folheada a ouro com
fundo de aço..... 1.200,00
Em aço inoxidável . 1.050,00
Cromado, fundo aço 900,00

6

**MASSON**

Em ouro 18 K .. Cr\$ 2.200,00
Folheada a ouro com
fundo de aço.... Cr\$ 750,00
Cromado, fundo aço 600,00

7

**ANGELUS**

Despertador suíço de pre-
cisão - 15 Rubis - corda p.
8 dias - luminoso - dourado

Modelo redondo Cr\$ 800,00
Modelo quadrado... 700,00

8

**SOREL**

17 Rubis - Imper-
meável - antimag-
nético - amort. de
choques - pulseira
de matéria plástica.

Folheada a ouro com
fundo de aço Cr\$ 800,00
Cromado, fundo
aço 650,00

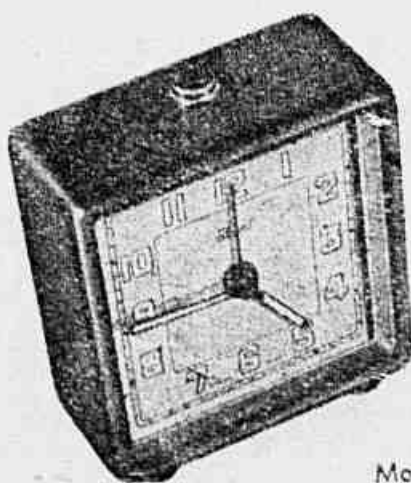
9

**MASSON**

De parede, corda para
8 dias, em 6 tamanhos

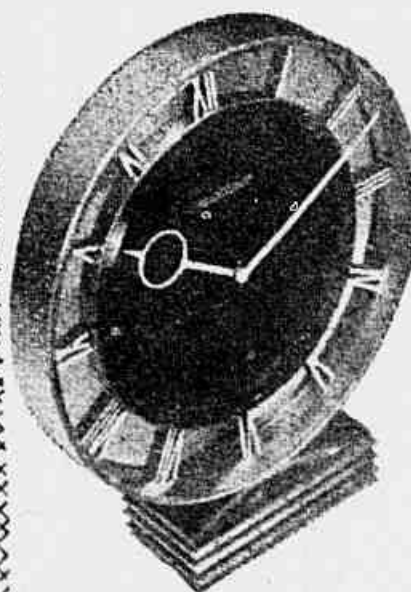
De 45 centímetros ... 900,00
De 35 centímetros ... 700,00
De 19 centímetros Cr\$ 400,00

10

**SOREL**Ótimo desper-
tador suíço

Modelo quadrado Cr\$ 150,00
Modelo redondo..... 140,00
Luminoso, mais..... 10,00

11

**JAEGER LE
COULTRE**

Finíssima penduleta para
ornamento de seu lar -
20 cms. de altura Cr\$ 1.900,00
Variada sortimenta

12

*Sugestões
para o Natal*

CASA MASSON

A casa dos Bons Relógios desde 1871

LINCOLN

Os pedidos superiores a Cr\$ 1.000,00 devem ser acompanhados de um cheque ou vale
postal da quantia excedente. Todos os relógios seguirão com o famoso certificado de garantia,
ENVIAMOS PELO REEMBOLSO POSTAL

PEDIDOS À CASA MASSON R. OUVIDOR, 91 - RIO

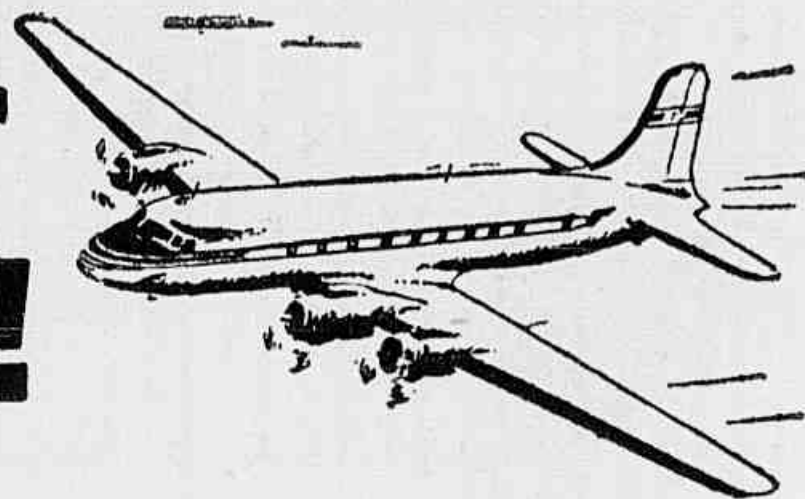
Favor enviar-me o modelo de relógio N.º..... de Cr\$

Nome.....

Endereço.....

Cidade..... Estado.....

Voar por Clipper ...é mais fácil!



Quando V. S. se instala na confortável poltrona de um *Clipper* gigante, ficará satisfeito por ter escolhido a Pan American World Airways...



...e mais satisfeito ainda, quando verificar quantas comodidades encontrará a bordo de um *Clipper*... até para "tirar o brilho do nariz" antes de desembarcar.



A frequência e a organização conveniente do horário dos *Clippers* permitem que funcionários trabalhando em pontos distantes possam comparecer a tempo a assembleias e reuniões.

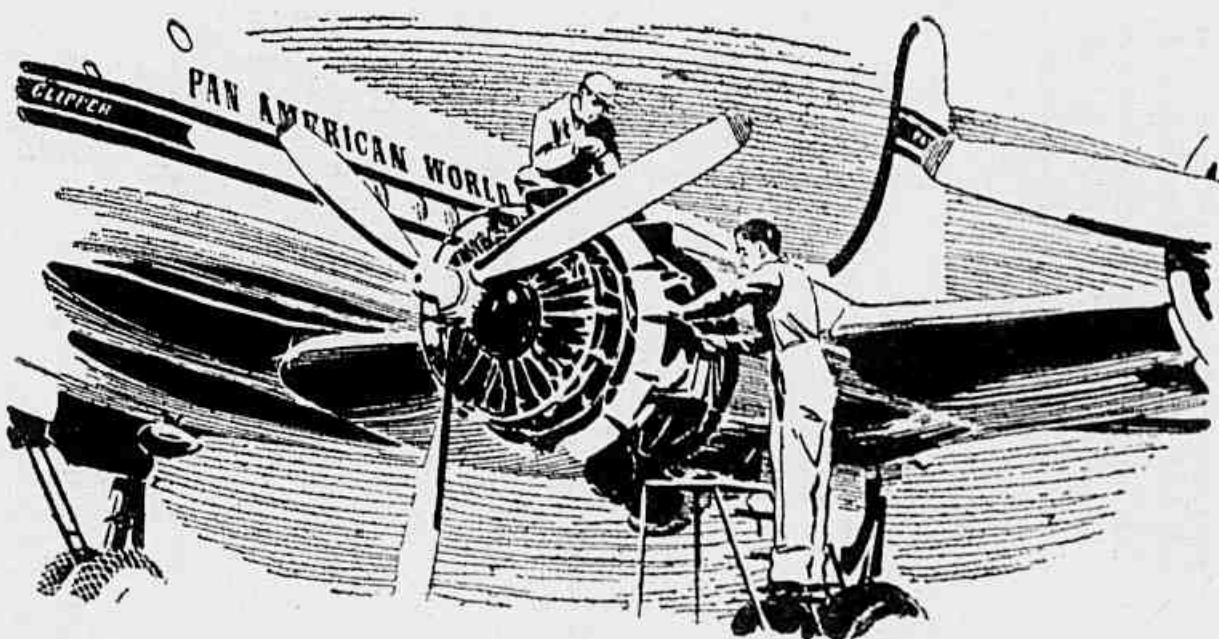


A aero-moça estará sempre pronta a atendê-lo em tudo que fôr necessário, e pendurar seu paletó no guarda-roupas do *Clipper*, por exemplo.

Voar pela PAA... experiência SEM PAR!

Todo o equipamento empregado pela Pan American World Airways é constantemente examinado afim de que ofereça a mais completa segurança. Uma rede mundial de mecânicos especializados mantém os seus *Clippers* no auge da perfeição mecânica.

VIAGENS PARA QUALQUER PARTE
CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

A Rede dos Clippers Voadores



Alasca — Antigua (Índias Ocidentais Britânicas) — Argentina — Áustria — Açores — Bahamas — Bélgica —
Bermudas — Bolívia — Brasil — Chile — Colômbia — Congo Belga — Costa Rica — Cuba — Curaçao —
Equador — Estados Unidos da América — Filipinas — França — Guadalupe — Guam — Guatemala — Guiana
Francesa — Guiana Inglesa — Haiti — Havai — Honduras — Ilha do Cantão — Ilhas Fiji — Ilha Midway —
Ilha Wake — Inglaterra — Irlanda — Itália — Jamaica — Libéria — Martinica — México — Nova Caledônia —
Nova Zelândia — Nicarágua — Panamá — Paraguai — Perú — Portugal — Porto Rico — República Dominicana —
República do Salvador — Sta. Lúcia (Índias Ocidentais Britânicas) — São Tomás (Ilhas Virgens) — Senegal — Surinam —
Tchecoslováquia — Terra Nova — Território do Yucon (Canadá) — Trinidad — Uruguai — Venezuela — Zona do Canal

Corta os resfriados

Instantina



Alivia as dores

A vida de Franz Liszt

(Cont. da pág. 24)

Czerny, fazendo improvisações ao passar de um tema a outro. Encerrada a improvisação, voltou-se para ele o rei. "Meu filho, acho que você é melhor do que Moscheles".

Pediu-lhe depois que continuasse e Franz tocou Hummel, Rossini, Mozart, Ries, Beethoven. Ia alta a noite quando o concerto chegou ao fim, e o rei convidou Franz e o pai a passarem a noite no castelo de Windsor.

"Imagine", murmurou o pai tanto que foram introduzidos no quarto de hóspedes. "O boiadeiro de Doborjan dormindo no palácio do rei da Inglaterra!"

Franz, entretanto, limitou-se a bocejar. Sentia-se demasiadamente cansado para responder.

Essa delicada criança de doze anos vivia a trabalhar como um homem adulto e fisicamente perfeito. Celebrou o seu décimo terceiro aniversário completando a primeira ópera. Nunca foi criança alguma dotada de tamanho gênio. Nunca houve criança alguma tão sequestra por brincar.

Mas o pai não lhe permitia fazê-lo. Mais trabalho, mais concerto, mais fama. Não havia tempo para descansar. Viajavam a Europa inteira e nunca viam nenhuma das suas paisagens. Do carro para o quarto, do quarto do hotel para a sala de concertos, da sala de concertos para o carro seguinte.

Atual, entretanto, teve de tomar umas férias obrigatórias. O médico mandou-o para Bolonha-do-Mar. Ao passo que ele se quedava, tímido, na praia, em seus trajes de banho, as crianças queimadas do sol olhavam desdenhosamente para a sua pele branca e as suas pernas finas. Disse-lhe o pai que fosse brincar com os outros meninos. Franz tentou fazê-lo durante alguns minutos, e depois voltou, a correr, para Papai Liszt. "Eu não posso brincar com os meninos. Não sei o que fazer a eles".

Depois de passar duas semanas à luz pouco, familiar do sol, retornou às luzes artificiais e familiares da sala de concertos onde se sentia mais à vontade. A sua ópera fora aceita para ser levada em Paris. Nova série de ensaios, concertos triunfos e intermínio cansaço. No entanto, mau grado a aparência delicada, ele possuía uma constituição de ferro. O primeiro a fraquejar em consequência desse esforço contínuo não foi ele, senão o pai. Estavam novamente em Bolonha-do-Mar quando o velho

se queixou de uma febre. Franz, a princípio, motejou-o, pois Adam Liszt vivia a queixar-se de uma coisa ou outra. Mas a febre recrudescceu e, no dia 24 de agosto de 1827, Franz remeteu uma carta para a mãe, que estava em Paris, dizendo-lhe que viesse antes que fosse demasiado tarde. Quando Adam Liszt morreu, ela não tinha chegado ainda. No ferreteiro alento, murmurou para o filho uma palavra de conselho e de aviso: "Não largue da sua música, meu filho... e cuidado com as mulheres".

v

Morto o pai, Franz esqueceu-lhe prontamente a advertência. Apaixonou-se por uma moça que ocupava posição superior à sua, Lilie Saint-Cricq, filha do ministro do Comércio de França. Franz fora contratado como seu mestre de música, e a mãe dela, a condessa Saint-Cricq, assistia às aulas para fazer companhia à filha. A condessa não obstava ao caso de amor entre ambos e fazia, pelo contrário, quanto estava ao seu alcance para favorecê-lo. Mas a condessa morreu e o conde pôs termo a esse sonho impossível. Uma noite, quando ele se abeirava do Hotel Saint-Cricq, o porteiro fechou-lhe a porta no nariz. Alguns dias depois veio a saber que Lilie estava noiva do conde d'Artigaux, pertencente à aristocracia francesa. A todas as suas súplicas para ver de novo Lilie, nem que fosse por um só momento, respondeu o pai com uma laconica recusa. O caso estava encerrado.

Tentativas de suicídio. Tenções de ordenar-se. Leitura de livros amargos de Byron e Voltaire. Uma longa e crítica enfermidade. Depois, emergiu Liszt como o favorito fascinador, brilhante e temerário, cínico e irresistível dos salões franceses. Apolo, o Deus da Música, Baco, o Espírito da Intriga. Sedutor e seduzido das mais belas e jovens matronas de Paris. Camilla Pleyel, a condessa Plater, a condessa Lapruna, a princesa Duras, George Sand, a princesa Belgiojoso — uma por uma reuniu ele nos braços como ramalhete de flores cuja fragrância o embriagava. O homem mais elegante de Paris, e o maior pianista do mundo, foi pintado, modelado e elogiado pelos principais artistas, escultores e poetas. Quando passava pelos bulevares, toda a gente o apontava, murmurando: "Esse é o grande Liszt". Plenamente consciente dessa adulação, sorvia-a como uma rica

Inesquecível



...esta palavra exprime
bem o valor de

NARCISO DE PHEBO

o perfume novo

que é a grande

atração

do momento.

NARCISO DE PHEBO

Extrato

Loção — Colônia

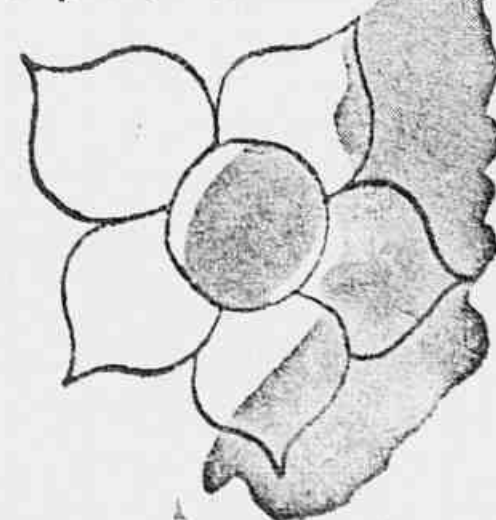
três mágicos

poderes

de sedução!



NARCISO
CRIAÇÃO PHEBO



PARIS PERFUMARIAS PHEBO LTDA



BONS PRESENTES

OCULOS DE METAL
DOURADO OU NIQUELADO
COM ESTOJO ESPECIAL DE COURO
VIDROS LEGÍTIMOS
AMERICANOS
CR\$ 80,00

PULSEIRAS
PARA RELOGIOS
TIPO MILANESA
DOURADA CR\$ 70,00
CROMADA CR\$ 60,00

PELO
REEMBOLSO
POSTAL

"A FORNECEDORA"
RUA DO OUVIDOR, 169
RIO DE JANEIRO

ARTIGOS
DE FINO
ACABAMENTO

CIRCULAR
AGS NOSSOS FREGUESES
EM TODO O BRASIL

OFERTA ESPECIAL

Remetemos sem despesas as famosas "PARKER"
 JUNIOR - Cr\$ 150,00 — AÇO "51" - Cr\$ 375,00
 MAJOR - Cr\$ 265,00 — FOLH "51" - Cr\$ 450,00

ACEITAMOS AGENTES LOCAIS

A CANETA IMPERIAL
 Departamento de canetas da
 PAN — ÓTICA
 Avenida Nilo Peçanha, 31 - A - Castelo - Rio

Nome
 Rua
 Cidade
 Estado
 Qual caneta?

Do reembolso postal
jogo completo só **Cr\$ 45,00**

ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA E APERITIVA

NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCÊNCIAS

MENAGOL
 REGULA

Menagol
 So e
 Natureza Falta

MENAGOL
 REGULA

champanha. "Veja como sou encantador!" exclamava para a mãe, mostrando um dos seus retratos.

"Você é uma criança estragada com mimos, meu filho".

"Eu sei", retrucava ele, a sorrir. "Mas como posso deixar de o ser depois de dez anos de adoração como criança proligio?"

A adoração do público estragara-lhe a moral mas não lhe comprometera a música. A orquídea de seu gênio crescia ao influxo dos aplausos. Orquídea de deslumbrante beleza como raramente havia visto o mundo. O seu virtuosismo artístico e mental seduzia não só as viúvas mais encantadoras senão também os homens mais brilhantes de Paris — Heine, Hiller, Berlioz, Hugo, Mendelssohn, Chopin. Gloriosa sociedade, onde a música fluía como o vinho e a conversação era o palrar dos deuses. Era um jovem deus irrequeto, esse músico sempre em busca de novos triunfos, esse amante sempre à cata de novas aventuras.

Ocorreu, por fim, uma aventura que lhe trouxe uma taça de vinhos de múltiplos sabores — excitação, romance, paixão, alegria, desilusão e sofrimento. Mas não lhe trouxe a paz. Porque não pertencia ao tempestuoso temperamento de Franz Liszt experimentar jamais as bênçãos da paz.

Uma noite, tocava ele em casa da marquesa La Valette. Entre os presentes figurava a condessa d'Agoult, fisicamente a mais sedutora e socialmente a mais intransigente senhora da alta sociedade parisiense. Unicamente os aristocratas eram convidados a frequentar-lhe a casa. Liszt contemplou-lhe os cabelos dourados, os olhos de um azul ultramarino, a pele suave, o corpo esguio e elegante, e resolveu-se a conquistá-la incontinenti. Heine asseverara-lhe que tal conquista seria impossível, visto que ela trazia encerrado o coração em diversas polegadas de gelo. Todavia, ao falar com ela e ao observar-lhe as reações, começou Liszt a imaginar-se a cobertura externa de gelo não ocultaria um vulcão de fogo.

Cedo haveria de verificá-lo. Ela convidou-o a ir à sua casa e confessou-lhe que fizera um casamento infeliz. Liszt sugeriu, atrevidamente, que fugissem juntos. Ela recuou, horrorizada. Mãe de dois filhos, tinha ainda uma posição social que zelar. Que diria o mundo se ela, a orgulhosa condessa d'Agoult, fugisse com outro homem como qualquer loureira ordinária das sarjetas de Paris?

Liszt engoliu em seco a decepção e deu tempo ao tempo. Sabia que, ao

cabo de tudo, acabaria vencendo. Voltando reiteradamente ao assunto, conseguiu, a cada vez, dissolver parte da reserva da condessa. Um dos filhos dela morreu e a mãe verteu a sua angústia numa carta que enfiou a Liszt: "Busco uma mão que me conforte. Essa mão é a sua... Releve-me Deus o pecado que cometi amando-o com todo o coração". Em resposta a essa confissão, Liszt replicou: "A sua carta encheu-me de orgulho!... Mas não é ainda chegada a hora... Ouço as palavras de sua filha que dos céus a bendiz e consola".

Após breve período de luto tornou-se ao assédio até que Marie, por fim, "protestando que jamais consentiria, consentiu". Embarcaram para a Suíça e instalaram-se em Genebra.

E assim não se casaram e viveram infelizes para sempre. Dessa união profana três filhos resultaram, destinados a não proporcionar ao pai alegria alguma. Durante a infância e a adolescência deles, Liszt raramente os viu, uma vez que as exigências impostas ao seu gênio o obrigavam a ciganear constantemente de um extremo a outro da Europa. A cada concerto seu, acrescentava-se-lhe a fama — e o descontentamento. O fogo da sua paixão por Marie extinguiu-se nas cinzas de amarga desilusão. O amor entre eles convertera-se em ódio. As crianças viviam agora com a mãe de Liszt. Quando este ia visitá-los, após uma ausência de vários anos, tratavam-no com o respeito distante devido a um grande homem, mas sem a afeição espontânea por que ansiava o seu coração. Quanto mais velhos ficavam, tanto mais se distanciavam dele. Sem embargo, mesmo de longe, estava o pai fadado a ter dos filhos somente notícias más. Daniel, o filho, tornou-se prêsia precoce da consunção. Blandine, a filha mais velha, morreu ao dar à luz. E Cósima, a outra filha, seguiu as pegadas do pai. Abandonando o marido, Hans von Bulow, fugiu com outro homem — Richard Wagner.

VI

A fuga de Cósima com Wagner foi o golpe mais amargo que Liszt sofreu em sua vida, pois constituiu, para ele, dupla traição. Ele implorava não só a Cósima senão também a Wagner que lhe poupassem essa tragédia. Havia ambos prometido atender-lhe às súplicas e ambos haviam quebrado a promessa, depois de tudo o que ele fizera por Wagner, para garantia de cujo futuro sacrificara, ano após ano, o seu próprio futuro. Tendo sido nomeado

Conversão de um avaro

(Cont. da pag 28)

José Borges, os olhos terríveis da Sr. D. Ana e até os modos ríspidos da namorada, tudo lhe metia medo e fazia perder a última gota de sangue. Os convidados entraram sem que ele houvesse exposto ao tio suas pretensões. Custou-lhe o silêncio um repêllo da namorada: repêllo curto, a que sucedeu um sorriso animador, porque a moça compreendia facilmente que um noivo, ainda que seja Inácio, não se pesca sem alguma paciência. Vingar-se-ia depois do casamento.

Pelas quatro horas e meia entrou o Sr. Gil Gomes. Quando ele apareceu à porta, José Borges esfregou os olhos como para certificar-se que não era um sonho, e que efetivamente o colchoeiro ali lhe entrava pela sala. Pois que! Onde, quando, de que modo, em que circunstâncias Gil Gomes calçara nunca luvas? Trazia um par de luvas. — É verdade que de lá grossa, — mas enfim luvas, que na opinião dele eram inutilidades. Foi a única despesa séria que fez: mas fê-la. José Borges, durante um quarto de hora, ainda nutria a esperança de que o colchoeiro lhe trouxesse um presente para a filha. Um dia de anos! Mas a esperança morreu depressa: o colchoeiro era oposto à tradição dos presentes de anos: era um revolucionário.

A viúva Soares fez a sua entrada na sala (já estava na casa desde as duas horas), poucos minutos depois de ali

chegar Gil Gomes. Este sentiu no corredor um farfalhar de vestido e um pisar grosso, que lhe contundiu o coração. Era ela, não podia ser outra. Rufina entrou majestosa: fosse acaso ou propósito, os primeiros olhos que fitou foram os dele.

— Nunca mais o vi desde aquela noite, disse ela baixinho ao colchoeiro daí a cinco minutos.

— É verdade, concordou Gil Gomes sem saber que respondesse.

Rufina reclinou-se na cadeira agitando o leque, melo voltada para ele, que respondia trêmulo.

Não tardou que a dona da casa convidasse a toda a gente a passar à sala de jantar. Gil Gomes levantou-se com idéia de dar o abraço à viúva: José Borges facilitou-lhe a execução.

— Então, que é isso? Dê o braço à prima. Inácio, dá o braço a Mafalda. Fu levo a comadre... valeu? Você, Aninha...

— Eu vou com o Sr. Pantaleão.

O Sr. Pantaleão era um dos dois amigos convidados por José Borges, além dos parentes. Não vale a pena falar dele: basta dizer que era um homem silencioso: não tinha outro traço característico.

Na mesa, Gil Gomes foi sentado ao pé de Rufina. Ele estava aturdido, satisfeito, desvairado. Um gênio invisível adivinhava-lhe faíscas aos olhos: e entornava-lhe pelas velas abaixo um fluido, que ele supunha ser celestial. A viúva parecia, na verdade, mais bela do que nunca: fresca, repousada, ostentosa. Ele sentia-lhe o vestido a roçar-lhe as cal-

VARIZES
E HEMORRÓIDAS
Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

diretor musical em Weimar, tinham-se-lhe deparado todas as ocasiões para cimentar a própria fama por meio da composição de sinfonias, oratórios e óperas. Negligenciara-as todas, porém. Verdade é que, nos seus momentos de lazer, se entretinha em composições de segunda ordem — canções ciganas, sonatas, rapsódias húngaras, algumas sinfonias ligeiras e coisas do mesmo jaez. Não lhe sobrava tempo, entretanto, para os sonhos maiores da sua imaginação, pois gastava-o todo com Wagner, o obscuro Titã cujas visões pairavam acima da compreensão das massas. Dedicara o teatro de Weimar e a própria vida a fazer que o público ouvisse, compreendesse e aplaudisse a música de Wagner. E fora aquela a sua recompensa. Wagner arrebatara-lhe a filha ao seio da família.

Pois bem, já era tempo de esquecer Cósima e Wagner e retornar à sua música, senão a mais profunda, pelo menos a mais deslumbrante do seu tempo. Por que não afogar as aflições no vinho dos aplausos do público e nos braços das mulheres mais belas de Paris, Londres, Viena, São Petersburgo, Munique e Budapeste? Liszt voltou a tocar diante dos auditórios seletos da Europa e foi saudado em toda a parte como o mestre inquestionável dos mestres. Havia agora na sua execução uma nota nova — a nota do sofrimento, do desafio, da rebelião contra as pompas e

PARA CABELOS BRANCOS
LOÇÃO
LEBLON

Contra Caspa, Seborréia e Queda dos Cabelos

MANIPULADO COM AS ÁGUAS
RADIOATIVAS DE SERRA NEGRA

PERFUMARIA LEBLON S.A.
 SERRA NEGRA

Fume! Mantenha porém,
seus dentes livres das anti-
éticas Manchas de Nicotina!

O Crem-Dental Nicotan (de origem americana) é recomendado especialmente para fumantes. Remove completamente as manchas de nicotina acumuladas nos interstícios dos dentes e causa ao pelo uso contínuo do cigarro. Nicotan dá aos dentes um brilho deslumbrante e às gengivas uma coloração natural e sadia. Na ataca o mau hálito. Não contém pedrapomes nem substâncias ácidas ou corrosivas. Tem sabor de cerejas. **NICOTAN**, creme Dental especial para fumantes.



Até você está em perigo

de ter PIORRÉIA!

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Gengivas moles e sensíveis... gengivas que sangram ao escovar os dentes... são sinais de que a implacável Piorrêia — que numas gengivas e faz perder os dentes — está à espreita.

Se notar qualquer destes sintomas de mau agouro — acautele-se! Comece a proteger-se logo contra a Piorrêia usando o método **experimentado Forhan**. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan para evitar a Piorrêia. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram notável melhora em apenas 30 dias deste tratamento simples.

Vá ao seu dentista com regularidade. Siga as indicações dele. E para manter seus dentes firmes e brilhantes, suas gengivas são e vigorosas — comece a usar **hoje mesmo** o dentífrico Forhan's.

Escove os dentes com Forhan's



A beleza e obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feliz quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as espinhas e a tendência para pigmentação.

O vício, o brilho de uma pele viva e saudável volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Eternamente.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.



O menino Roberto, filho do casal Djalmá-Lídia Fraga, cujo 7.º aniversário natalício transcorreu em 12 de Novembro deste ano.

do mundo. Não se flava de ninguém, nem se ajoelhava diante de ninguém, nem mesmo das cabeças coroadas da Europa. Certa noite, enquanto tocava diante da corte russa, conturbou-o, no meio do concerto, o ruído de uma conversação em voz baixa. Erguendo os olhos, verificou que o czar, conversando com o seu ajudante, não prestava atenção à música. Liszt parou inopinadamente de tocar, no meio de um acorde, e depois as mãos sobre os joelhos. Volvido algum tempo, advertiu-se o czar de que a música cessara. "Que aconteceu?" perguntou.

"Quando o czar está falando", retorquiu, sarcástico, o pianista, "devem os músicos calar-se".

Fitou nele o czar, por alguns momentos, dois olhos coléricos e penetrantes, mas logo fez sinal para que Liszt prosseguisse.

No dia imediato, um dos generais do czar resolveu tomar as dores do seu imperial amo, intentando, rude e deliberadamente, insultar o pianista. "Diga-me", perguntou, "o senhor já foi soldado alguma vez?"

"Não", retrucou Liszt. "E o senhor, alguma vez, já deu um concerto?"

Ouvindo essa resposta, afastou-se o general com severo semblante. Não assim o czar Nicolau, que encontrara um instrumento conveniente para pôr Liszt a tormento; o divórcio ainda não concluído da princesa Sayn-Wittegenstein, a última das namoradas de Franz. Namorada, mas não amante, pois era uma mulher possuída dos mais profundos es-

gas; via-lhe os olhos embeberem-se nos seus. Era um jantar aquilo ou um sonho? Gil Gomes não podia decidir.

José Borges alegrou a mesa como podia e sabia, sendo acompanhado pelos parentes e pela comadre. Dos dois estranhos, o colchoeiro pertencia à viúva e o silencioso era todo do seu estômago. José Borges tinha um leitão e um peru, eram as duas peças melhores do jantar, dizia ele, que já as anunciava desde o princípio. Começaram as saúdes; fez-se a de Mafalda, a de Dona Anna, e de José Borges, a da comadre, a da viúva. Esta saúde foi proposta com muito entusiasmo por José Borges e não menos entusiasticamente correspondida. Entre Rufina e Gil Gomes foi trocado um brinde particular, de copo batido.

Gil Gomes, apesar da revolução amorosa que se operava nele, começou a farta. Um bom jantar era coisa para ele fortuita ou problemática. Só assim, de ano em ano. Por isso não deixou passar a ocasião. O jantar, o vinho, a palestra, a alegria geral, os olhos da viúva, talvez a pontinha de seu pé, tudo contribuiu para desatar os últimos nós à língua do colchoeiro. Ele ria, falava, dizia graças, fazia cumprimentos à dona, arreava todas as bandeiras. A sobre-mesa quis por féria que ela comesse uma pera, descascada por ele, e a viúva para lhe pagar a fineza, exigiu que ele comesse metade.

— Aceito! exclamou o colchoeiro fora de si.

A pera foi descascada. Partiu-a a viúva e os dois comeram a fruta, de par-

crupulos religiosos. Filha de um proprietário rural polonês e esposa de um oficial a serviço do czar, a princesa Caroline Sayn-Wittegenstein votava a Liszt um amor menos físico que místico. Tinha três paixões — a literatura, a música e a religião. Aspirava, com todo o coração a unir-se a Liszt, mas unicamente por meio de um matrimônio sagrado. Em vista disso, procurou conseguir do marido a sua liberdade. O príncipe, homem que gostava do vinho e das outras mulheres, mostrou-se perfeitamente disposto a libertá-la. O czar porém, interveio. Tinha velhas contas que ajustar com Liszt, e lá se lhe antolhava uma oportunidade para vingar-se. Para Nicolau, foi uma vingança suave e prolongada. Repetidas vezes esteve o divórcio a ponto de ser concedido a ele, outras tantas, obsteu-lhe a concessão. Brincava com os sentimentos de Liszt como um gato brinca com um rato.

Ano após ano aguardaram os dois o ensejo de casar-se. Ensejo, todavia, que nunca chegou. O misticismo de Caroline transformou-se numa superstição estreita, a esbelteza esgula do seu talhe degenerou nos ângulos agudos e caducos da velhice, e a língua se lhe transformou num azorrague com o qual açoitava Liszt incessante e desapiedadamente. Franz, todavia, sofreu-o com paciência. Era aquela, dizia, a punição adequada dos seus pecados de outrora. Dera-lhe a má fortuna um rosto belo demais e um coração demasiado inconstante. Fora seu destino desmanchar os lares alheios. E, agora, em compensação, via-se incapaz de construir um lar para si.

Valdade das valdades! O amor, o luxo, a fama, a música, as riquezas — tudo isso não era senão a sombra de um sonho. Em todas as efêmeras aventuras da vida humana havia apenas uma coisa de valor perdurável — a fé em Deus. Danem-se o mundo e os falsos prazeres! A felicidade só poderia ser encontrada num lugar — o claustro.

Centralizou-se-lhe cada vez mais a atenção na igreja. Recusou todas as honrarias terrenas. Dignou-se a aceitar uma patente de nobreza, que lhe oferecera o Imperador Francisco José. Começou a ler a Bíblia enquanto caminhava pelas ruas. Por fim, decidiu-se. Foi a Roma e ofereceu-se como prisioneiro de Deus. Fez-se padre católico.

Cinco dias antes da consagração, deu o derradeiro concerto secular. Envergou, pela última vez, os trajes de gala e as decorações — alegre gesto de adeus à glória passada. Depois, ao passo que

ceria, com os olhos modestamente no prato, José Borges, que não perdeu a cena de vista, parecia satisfeito com a harmonia dos dois. Ergueu-se para fazer uma saúde ao estado conjugal. Gil Gomes correspondeu ruidosamente; Rufina nem tocou no copo.

— Não correspondeu ao brinde do seu primo? perguntou Gil Gomes.

— Não.
— Por que?
— Porque não posso, suspirou a viúva.
— Ah!
Um silêncio.
— Mas... porque... isto é... que calor!

Estas palavras incoerentes, proferidas pelo colchoeiro, não pareceram que as ouvisse a viúva. Ela olhava para a borda da mesa, seria e fixamente, como quem encara o passado ou o futuro.

Gil Gomes achou-se um pouco acanhado. Não compreendia muito o motivo do silêncio de Rufina e perguntava a si próprio se ele havia dito alguma tolice. De repente, levantaram-se todos. A viúva tomou-lhe o braço.

Gil Gomes sentiu o braço de Rufina e estremeceu da cabeça até os pés.

— Por que motivo ficou triste ainda agora? perguntou ele.

— Foi?
— Sim.
— Fiquel triste?
— E muito.
— Não me lembro.
— Talvez fosse zangada.
— Por que?
— Não sei: pode ser que eu a ofen-

AS MULHERES LINDAS AFIRMAM:



RUGOL

facilita o tratamento da pele porque equivale a

2 CREMES NUM SÓ!

O Creme Rugol simplifica extraordinariamente o seu tratamento de beleza, por ser ao mesmo tempo um creme embelezador e de limpeza! Suaviza, clareia e nutre a pele. E serve também como excelente creme-base. Rugol é muito indicado nos casos de pele imperfeita, com espinhas, cravos, rugas ou manchas. Comece a usar hoje mesmo o Creme Rugol, que dá à cutis maravilhosa brancura, diáfano esplendor de primavera.



Quase todas as imperfeições da cutis nascem nas chamadas camadas subcutâneas, onde é necessário estimular e nutrir a pele.



Aplique Rugol todas as noites, com massagens de 3 a 5 minutos.

CREME Rugol

Mantém em segredo sua idade, porque LIMPA, CLAREIA E EMBELEZA A PELE

Publicidade para a
REVISTA DA SEMANA
em São Paulo:

TRATAR COM
JARBAS DE FREITAS GALVÃO
RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 613

2.º AND. SALA 217
FONE — 6-6718

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

ainda lhe ressoava aos ouvidos o eco dos aplausos, vestiu a sotaína de seda e encerrou-se no mosteiro.

L'Abbé François Liszt.

VII

Wagner morrera. Liszt mandou, por telegrama, os pésames a Cósima, perguntando se poderia ir assistir aos funerais. Cósima, contudo, recusava-se a perdô-lo, apesar das próprias aflições. Em vez de responder, mandou que a filha, Daniela, enviasse a resposta seguinte: "Mãe pede-lhe que não venha, e que faça o favor de ficar em casa".

Um ano depois. Preparava-se o mundo musical para a apresentação do Parsifal de Wagner em Bayreuth. Liszt escreveu uma carta à filha — desta feita, para não lhe perguntar se podia ir, mas para comunicar que iria. Tornou a receber uma resposta de Daniela. "Mãe me pediu que lhe comunicasse que a nossa casa será um lugar pouco confortável para hóspedes, visto que anda muito atarefada com as preparações do Parsifal... Ela, entretanto, arranhou um lugar aqui perto onde o senhor poderá se instalar confortavelmente".

Liszt chegou a Bayreuth. Os netos foram vê-lo, mas Cósima não foi. A mãe, explicaram os primeiros, andava muito ocupada para poder visitá-lo.

Na manhã anterior à apresentação do Parsifal, Daniela procurou-o para dizer-

— O senhor?

— Eu sim.

Rufina negou com os olhos, mas uns olhos que o colchoeiro antes quisera fossem duas espadas, porque atravessariam tão cruelmente o coração, por mais morto que o deixassem.

— Por que?

Rufina apertou muitos os olhos.

— Não me pergunte, disse ela afastando-se dele rapidamente.

O colchoeiro viu-a afastar-se e levar-lhe o coração na barra do vestido. Seu espírito sentiu pela primeira vez a vertigem conjugal. Ele, que deixara de fumar por economia, aceitou um charuto de José Borges para distrair-se, e fumou-o todo sem poder arrancar de si a imagem da viúva. Rufina, entretanto, parecia evitá-lo. Três vezes quis ele entabular conversa sem conseguir detê-la.

lhe que a frisa da família no teatro estaria ocupada por estranhos vindos de outros países, mas que lhe fôra reservada uma cadeira separada.

Liszt sacudiu a cabeça e sorriu. Quando Daniela se foi, arrumou os seus pertences e saiu de Bayreuth. Ele era apenas um estorvo para os netos, para a filha, para si mesmo. Velho tão que chorava como criança, feia e decrepita ruíria de um corpo outrora magnífico. Perdera os dentes, engelhara-se-lhe a pele do pescoço, os ombros curvavam-se-lhe debaixo do peso de setenta e três anos e o nariz avançava como o bico de uma coruja entre os dois olhos vermelhos e pestanejantes.

Nada mais lhe restava senão esperar pacientemente pela morte.

Dois anos mais tarde, um raio de luz rompeu as nuvens do ocaso da sua existência. Sua neta Daniela devia casar-se, e ele recebeu um convite para o casamento. Chegou a Bayreuth em pleno verão, mas já o frio do inverno lhe habitava o sangue. No dia do casamento, despertou com uma dor aguda no peito. Não obstante, fez questão de assistir à cerimônia.

Depois do casamento sentiu-se ainda pior, mas, assim mesmo, não quis ir para a cama. O festival de Wagner ia novamente em meio. Durante toda a representação do Parsifal conservou o lenço à altura da boca. Ao regressar a casa, teve um acesso de tosse. Chamou-se o médico. Era tarde demais. Liszt fôra acometido de uma pneumonia dupla.

Morria. Mas as coisas, afinal, não estavam tão más assim. Porque, ao cercarem-se-lhe os olhos, Cósima apertava-lhe a mão entre as dela.

(Do livro "Vidas de Grandes Compositores").

— Que é isso? perguntou o colchoeiro consigo.

Aquêle procedimento deixou-o ainda mais perplexo. Ficou triste, amado, não sentiu correr as horas. Eram onze quando deu acôrdo de si. Onze horas! E ele que quisera assistir ao fechar a porta! A casa entregue ao calceiro tão longo tempo, era um perigo: pelo menos, uma novidade que podia ter graves consequências. Circunstância que ainda mais lhe ensombrou o espírito. Irritado consigo mesmo, fugiu à companhia dos outros e foi sentar-se em uma saleta, deu corda a uma caixa de música que ali achou e sentou-se a ouvi-la.

De repente, foi interrompido pelo passo forte da viúva, que fôra buscar o chale para sair.

— Vai embora? perguntou ele.

— Vou.

— Tão cedo!

Rufina não respondeu.

PARA O HOMEM E PARA A MULHER

Divirta-se, instrua-se, aprenda e aproveite seu tempo, lendo **ALMANAQUE EU SEI TUDO**, para 1948, que será posto à venda em todo o Brasil, na primeira quinzena de Dezembro do ano corrente.

Por Cr\$ 15,00, — no país inteiro, — os seus leitores conhecerão o que há de mais moderno e interessante em todo o mundo e o que guarda, através dos tempos, a eterna beleza do passado. Ciência, arte, esporte, literatura, charadas, diversões, acontecimentos palpitantes, e um calendário completo para 1948.



ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL

SEM AUMENTO DE PREÇO

Pedidos à COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Rio de Janeiro.

ALMANAQUE EU SEI TUDO

— Parece que a senhora ficou mal comigo.

— Pode ser.

— Por que?

Rufina suspirou; e depois de um silêncio:

— Não me fale mais, não procure ver-me, adeus!...

Saiu.

Gil Gomes, atordoado com a primeira impressão, não pôde dar um passo.

Mas, enfim, dominou-se e saiu em procura da viúva. Achou-a na sala a abraçar a prima. Quis falar-lhe, chegou a dizer-lhe algumas palavras; mas Rufina não pareceu ouvir. Apertou a mão a todos. Quando chegou a vez do colchoeiro, foi um apêto, um só, mas um apêto que valia por todos os apêtos do mundo, não que fosse forte, mas porque era significativo.

(Cont. no próximo número)

REGULADOR XAVIER

★ O remédio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES:



N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias

N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras

Congresso internacional...

(Cont. da pág. 19)

servidão". O fascismo concedia-lhe apenas o direito de procriar, fiel ao princípio de que no número está a força". A esta altura, estudou-se no Congresso as questões relativas às responsabilidades da mulher, dos direitos da criança, e da superpopulação agindo como instrumento de guerra. A sra. Handdo Kosori Jai (Índia) debateu uma tese que teve, praticamente, igual número de apoiantes e opositoras, relativa ao dever da mulher de controlar a natalidade excessiva nos países onde era cru-

cial o problema da nutrição e do espaço. Apoiava, também, a representante indú as medidas relativas à esterilização de débeis e tarados.

Uma intervenção bastante documentada da duquesa de Atholl sobre a crueldade organizada, mereceu do congresso que fosse incluída entre as resoluções finais esta:

"O indivíduo é sagrado. Por conseguinte, o congresso pede a todas as associações femininas do mundo e a todas as mulheres que tenham participação na vida política, influir em seus governos para que sejam proibidas sobre todas as formas: a tortura, o exílio, a deportação, o trabalho forçado, os campos de concentração, o tratamento inumano de todo prisioneiro ou de toda pessoa por razões de discriminação política, religiosa, racial, etc. O Congresso propõe os meios seguintes de controle:

1.º) Direito para todas as vítimas assim maltratadas de apelar para uma Corte de Justiça Internacional dependente das Nações Unidas.

2.º) Instituição de um controle internacional sobre as jurisdições empregadas em cada país ou sobre as administrações penitenciárias nacionais.

3.º) Criação de uma força de controle internacional, obrigando os governos recalcitrantes a respeitarem essas diretrizes."

Esses foram, em linhas muito resumidas, alguns dos aspectos do Congresso Internacional de Mulheres realizado em Paris. Várias resoluções que acreditamos bastante construtivas, foram tomadas. Em todo caso, tal

Muro das lamentações

(Cont. da pág. 12)

dos tinham igualmente o peso das responsabilidades que cabem à família.

Na antiga família patriarcal brasileira, o chefe, o pai, era sempre o "burro de carga" que arcaria com toda a autoridade e toda a responsabilidade econômica. Hoje, com o desenvolvimento social da mulher e com o senso de independência que a vida moderna desenvolveu nos jovens de ambos os sexos, é inútil querer concatenar uma família pelo medo à figura do seu chefe. A família moderna pode ser bem mais feliz, e devem os seus membros estar ligados apenas pelos laços do amor, nascidos na infância dos filhos, e que devem perdurar pela vida afora com o respeito mútuo de todas as personalidades, que a formam.

Porisso, dividido esse salto em partes previamente combinadas, e estas entregues a seus respectivos donos, ficam eles inteiramente livres para empregar o que receberam do modo que melhor entenderem. Esse sistema tem a vantagem de permitir o máximo de liberdade individual dentro de uma fórmula anti-egoísta, que desenvolve em todos o sentido de cooperação na vitória da causa comum; o bem estar da família.

E' incrível o número de aborrecimentos e de questões que este sistema pode evitar. Experimente-o, organizando com inteligência a vida de sua família que poderá vir a ser muito melhor do que é hoje.

CONFIDENTE

congresso serviu mais como base para congressos futuros, que darão, sem dúvida, resultados mais objetivos. Reunindo mulheres de tão diversos países já deu a "Entente Mondiale Pour La Paix" um grande passo em prol da concórdia universal.

SOFRE DO FIGADO?

TOME

BIO-HEPAX

produto do laboratório da GUARAMIDINA



— Esqueça todo o mundo, Jinny, se o deseja...

DURANTE todo o longo verão, depois da morte da criança, Cass e Jinny viveram envolvidos numa atmosfera de ternura. Ela não queria ver mais ninguém além dele, e seguiu a dieta contra a diabetes tão rigorosamente que Roy chegou a não gostar: — Não fique dessa maneira, Jinny. Uma vez ou outra você pode variar um pouco... — Cass levou-a por alguns dias para a beira de um lago, onde ela parecia ainda mais frágil, ao lado dos enormes pinheiros. E Jinny pediu: — Deixe-me bancar a eremita ainda por algum tempo... — Ao que ele respondeu: — Esqueça todo o mundo até para sempre, se é isso o que você quer.

Mas pouco depois Jinny começou a jogar golfe e a frequentar a sede de um clube, onde um bando de alegres bebedores, libertava-a da melancolia. De eremita ela foi passando à notoriedade, e lá por volta de setembro já dava festas toda a noite. E nem as repreensões de Cass a impediam mais de beber de vez em quando.



— Seja boazinha para o seu marido!

Bradd, o amigo, saltou em auxílio dele, rugindo para Jinny, que o ouviu atentamente: — Creio que seria uma boa idéia que você ficasse em casa e se lembrasse do seu marido pelo menos uma noite por ano. E talvez até eu venha aqui, jogar cartas com vocês dois, se insistirem um pouco.

— Muito bem, eu insisto, seu bruto!
E surgiu de novo o velho grupo de três, rindo familiarmente, e Cass ficou bastante contente até que notou que em todas as pequenas discussões surgidas Jinny tomava sempre o partido de Bradd, contra ele. Então veio outra série de brigas... as guerras do matrimônio.

A mais aguda contenda verificou-se quando Jinny chegou tarde da Cruz Vermelha, no dia do jantar em casa de Madge Dedrick. — Bradd chegará ainda mais tarde do que nós, — Jinny explicou. — Ele acaba de me trazer aqui e ainda precisa mudar de roupa... — Pensel que você estivesse na Cruz Vermelha...



— Levo uma vida insípida, com você.

— Fiquei com dor de cabeça e saí com ele para apanhar um pouco de ar fresco. Fomos ao Unstable, tomar qualquer coisa...

Cass respondeu: — Bradd tem sido sempre um amigo leal, mas parece que é ele quem sempre a impede de chegar na hora. E parece que é só ele também quem a pode levar a tomar qualquer coisa...

— Cass! Você está com ciúmes de Bradd Criley? Seu mais íntimo, seu maior amigo?

— Não! Eu apenas quis dizer... — E impérios têm caído, por guerras que começaram com um "eu apenas quis dizer". E a coisa piorou mesmo na volta do jantar de Madge, quando Jinny solapou:

— Francamente, meu bem, eu levo uma vida insípida, com você.

Ele respondeu: — Jinny, você está querendo aniquilar-me. — Retirando-se, Jinny rebateu: — Bobagens. — E naquela noite eles dormiram sem voltar às boas...



Maravilharam-se: "Como podiam ter feito aquilo?"

E a temporada de brigas, no outono, foi para Cass tão devastadora e absurda como uma trovoadas. Jinny estava sempre adoentada ou aborrecida, sem reparar no entanto que também ele vivia aborrecido e já farto daquilo. Havia inúmeros motivos aparentes para as discussões, mas só um real... eles não sabiam o que queriam. Palavras duras eram pronunciadas, malhas arrumadas e novamente desfeitas. Quando faziam as pazes, como sempre, ballam: — Oh, eu não devia ter falado aquilo para você. — E ficavam maravilhados: — Como pudemos agir daquela maneira? — E juravam: — Nunca mais brigaremos.

Quando vinha a paz, Cass sentia-se como um homem



Levaram cinco minutos para trazer a sobremesa...

que acabasse de delirar. Pensava: "Ela está doente e anda muito interessada em outros homens. Mais alguns anos e estará desenvolvida o bastante para parar com isso..." E procurava não pensar em Bradd Criley. Procurava descobrir outras razões para as atenções de Bradd com Jinny... qualquer razão exceto a de que os seus dois entes mais chegados, neste mundo, conspiravam contra si.

Na noite da folga da sra. Higbee, Jinny convidou Bradd para uma ceia fria. — Você vai ficar aqui muito quietinho, sem se incomodar. Eu e Jinny vamos para a cozinha, tratar da boia, — disse Bradd Criley, protetoralmente, ao Velho Timberlane. O Velho ficou irritado,



— Dê um parafuso a essa situação, Cass!

e não conversou muito durante a refeição. Reparou que Bradd e Jinny levavam cinco minutos na cozinha apenas para trazer três pratinhos de bolo com sorvete... No dia seguinte, no Clube Federal, depois do almoço, Roy Drover chamou Cass: — Vamos até o bar. Quero falar com você. — Uma vez lá, Roy desabafou: — Sou seu amigo, Cass, e também de Bradd. Eu sei que vou arriscar essas amizades, mas não quero vê-lo em má situação. Começam a falar e é preciso resolver esse negócio de sua esposa com Bradd. — Cass objetou: — Mas eles só se encontram na minha presença.

— E se eu disser que é engano seu? Abra os olhos, Cass!

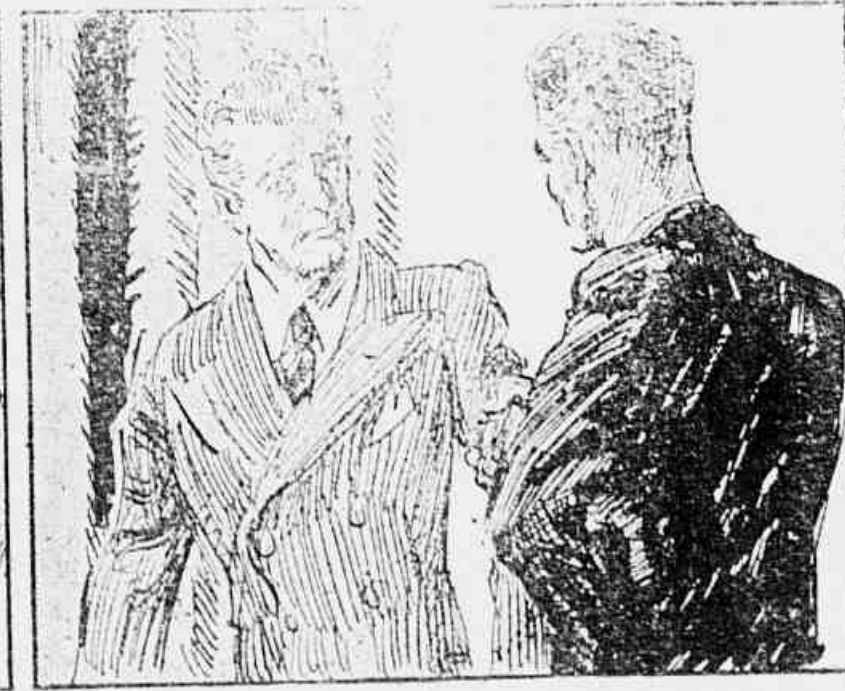


Cass falou: — E' importante. Explicarei aqui.

Cass procurou não dar importância ao aviso de Roy. Mas naquela noite, após o jantar, ele falou a Jinny: — Sente-se aqui. Preciso conversar com você. Bradd Criley tem andado muito por aqui! E' um ladrão de amor. Estou lhe avisando. A sério.

— Já acabou?

— Espero que sim. Exceto que estou agora completamente convencido de que é Bradd quem está por trás de toda a nossa desarmonia. — Jinny respondeu: — Por que falar comigo? Por que não com ele? — Cass disse: — Muito bem. — Foi para o telefone, chamou Bradd e pediu: — Gostaria que você aparecesse aqui. E' importante. Explicarei pessoalmente. — E na meia hora de espera os dois trataram-se com muita delicadeza. Bradd entrou, calmo e sorridente, e Cass falou sem o calor usual na voz: — Quero que você tenha cuidado na resposta ao que lhe vou dizer. Bradd. E não fique sentido



— Tenha cuidado com o que vai dizer...

pois não quero perder a sua amizade, para mim muito valiosa.

— Bradd. Você tem sido muito atencioso com Jinny. E estão falando. Isso não é o principal... o principal é que eu tenho pensado!

— Você está querendo dizer...

— Exatamente. Você já está passando do simples companheirismo, mas acho que ainda há tempo de voltar atrás. Seremos de novo amigos, em vez do estúpido triângulo.

— Mas por que isso, assim de repente?

— Fui forçado a ouvir o que já sabia.

— Que provas tem você dessas suspeitas?

— Não tinha nenhuma até agora, quando você fez aquela pergunta defensiva.

— Você chama a isso prova? — Bradd falou esperamente



— Amo você, Cass... ele é covarde!

— Bradd, não banque o insultado, o vilão de comédia. Há muito pouco amor e amizade neste mundo. — Pegou o braço de Bradd e insistiu: — Eu a amo, e gosto muito de você. E você precisa decidir se quer me odiar ou não. Mas se nós três, decentes que somos, não podemos viver juntos honestamente, então não há esperança para ninguém, neste mundo.

— Boa noite, — disse Bradd secamente, retirando-se. Pela primeira vez em vinte anos o juiz Timberlane viu o amigo embaraçado.

Cass então voltou-se para Jinny, pronto para o pior. Ela caminhou para ele, encabulada, e disse: — Você é tão superior a esse camarada! Eu sempre soube disso, mas parece que quis mesmo bancar a estúpida. Eu o amo, Cass, e ele... ele é um covarde. Você me livrou dele, Cass...

"CASS TIMBERLANE"

Este folhetim continuará na próxima semana, nestas mesmas páginas.

Direitos adquiridos ao King Features Syndicate
Tradução de JORGE A. FORTES



O Natal foi alegre. Beberam pelos amigos...

Bradd e Cass reconciliaram-se mais tarde. Cass convidou: — Queremos você em nosso jantar de Natal.

— Eu vou, e muito satisfeito, — disse Bradd. — E... Veja, Cass, eu nunca mais direi uma só palavra sobre isso, mas você exagerou os meus sentimentos para com Jinny. Eu respeito a honra dela, como lhe aprecio o temperamento, de uma tal maneira que bem pode ser mal compreendida. Não diga nada... somos amigos novamente... Jantar de Festas a três!

Tudo corria muito bem para os Timberlane, agora, e não havia mesmo razão por que devesse acabar tal harmonia, que, dava a impressão, duraria eternamente.



Cass pensou: "Minha Jinny vai morrer".

Seu Natal foi ardente. Beberam por todos os amigos na guerra, e depois, como todos os civis distantes dos campos de batalha têm feito desde Tróia, esqueceram-nos e começaram a cantar. E qualquer coisinha que pudesse ter permanecido entre Bradd e os Timberlane foi banida logo em janeiro, quando Bradd apareceu com a nova de que ia se transferir definitivamente para Nova York, e pediu-lhes que fossem visitá-lo. Despediu-se e partiu. Nas semanas seguintes Cass não gostou do estado de Jinny, sempre doente e entediada. Até que um dia, no tribunal, decidiu que devia fazer qualquer coisa por ela. E correu para casa, em pânico. Segurou-a pelos



— Não seja heroica. Diga-me!

ombros e insistiu para que desabafasse. Ela disse então que de fato estava aborrecida, principalmente pelas lembranças que a casa lhe trazia... Emily... Cass prontificou-se a advogar em Nova York, ou Chicago. Jinny relutou mas afinal cedeu.

Jinny ria, enquanto discutiam o plano fantástico. Cass pensou: "Há semanas que não a vejo tão contente. Minha idéia estava certa". Até que ela falou: — Você se acostumará de novo à arena. Vença-os todos, Cass. Afinal, o árbitro nunca se diverte tanto como os lutadores... vamos mesmo tentar isso?

— Sim, vamos...



— Não leve a mal meus palpites, — disse Roy.

Roy Drover ficou preocupado com a projetada viagem a Nova York. — Vai ver o velho amigo Bradd? — perguntou ele. Cass disse que sim. — Sua esposa vai vê-lo, também?

— Por que não?
— Sei lá. Provavelmente estou enganado. Não leve a mal meus palpites.

Bradd Criley foi esperá-los na estação, em Nova York. Naquela noite, por conta de Bradd, eles viraram a cidade de pernas para o ar. Todos ficaram mais ou menos embriagados, e Cass não conseguiu se lembrar se na hora da despedida Bradd beijara Jinny ou não. Bradd apareceu de novo no hotel no dia seguinte, de manhã. Apesar da ressaca, estavam todos alegres. Bradd planejara um grand dia mas Cass explicou: — Tenho entrevistas marca-as para todo o dia. Por que não vão vocês dois?



Cass viu Jinny e Bradd se escapulirem...

Isto foi às dez horas em ponto. As dez e cinco Cass desceu no elevador. Não tinha quaisquer encontros marcados. Ficou envergonhado das suas suspeitas, mas esperou para ver a hora em que os dois sairiam. Só naquela manhã lhe ocorrera que, apesar dos seus avisos, bem poderiam atraí-lo. Mas ele bem vira os olhares significativos que os dois trocavam de vez em quando...

Viu-os escapulirem através do saguão para um táxi, quando faltavam dez minutos para o meio-dia. Jinny parecia feliz e excitada na companhia de Bradd.

Cass procurou várias firmas de advogados e depois passou uma tarde horrível. Voltou ao hotel às seis e quinze. A irmã de Bradd, Avis Elderman, do interior, viria ao encontro deles para um jantar e um espetáculo qualquer. Chegou às sete horas, mas Bradd e Jinny ainda não estavam de volta. Avis e Cass conversaram muito,



Jinny vestiu-se sem a menor pressa...

cada minuto mais preocupados. — Mas onde estão eles? — perguntou Avis às 7.45. Até que às 8.10 entraram os dois, muito alegres. Tinham bebido alguma coisa. — Nossa... creio que viemos tarde... mudarei a roupa num instante! — E da sala se podiam ouvir os movimentos dela no quarto. Jinny vestia-se na maior calma deste mundo... O grupo jantou apressadamente e chegou no teatro em meio à peça, coisa que ofendia tanto os princípios artísticos como os econômicos do juiz Timberlane. E também Avis não gostava do atraso, pois quando estavam sentados num clube noturno, depois, ela manifestou sua tristeza por "ter vindo inutilmente de Darien!"

Na cabeça de Cass alguma coisa batia: "Tenha cuidado ou a perderá... tenha cuidado... você a perderá... tenha cuidado..."



— Não faça isso, Cass. Leve-me para casa!

No dia seguinte Cass recebeu uma proposta de um grande escritório novayorkino de advocacia. Voltou correndo para contar a Jinny, que antes lhe prometera tirar uma soneca. Não a encontrou. Quando ela finalmente apareceu, às sete e meia, cansada e pálida, recebeu a notícia. E saiu com essa: — Oh, Cass, não! Leve-me para casa, amanhã... Eu sei que aqui você não pode ser feliz... e assim como poderei eu? Quero nossa casa e Cleo... Por favor!

— Você nem precisa insistir, meu bem! E' claro que vamos...

Despediram-se de Bradd pelo telefone. Cass explicou: — Jinny resolveu voltar para casa.

— Será que não posso encontrá-los, antes da partida? — Bradd parecia triste, mas não inconsolável. — Sinto que não. Até breve. Aqui está Jinny — foi delicada,



Ele não ousou perturbá-la...

mas tão impessoal que Cass ficou satisfeito: — Adeus, Bradd querido. Gostei muito de andar por aí com você. Algum dia lhe escreverei, se não ficar muito ocupada com o jardim lá de casa, agora com a primavera. Adeus!

Mas o diabo foi que no dia seguinte a gatinha Isis tinha desaparecido. Não conseguiram encontrá-la, embora batessem tudo e perguntassem à camareira do hotel sobre o talismã de cristal. Jinny ficou sentada, chorando, deitada sobre o braço. Durante a viagem, no carro-salão, manteve-se calada. Ficou de tal maneira que Cass não ousou perturbá-la. Encontraram vários conhecidos, aos quais Jinny tratou com reserva, até que chegaram a Grand Republic. A sra. Higbee aprontara uma refeição típica da localidade. Jinny fez cara feia, depois sorriu desconsoladamente e declarou que ia para a cama, ler um pouco. Beijou Cass ali mesmo e foi para



— Não adianta! Eu amo Bradd; vou para ele!

o quarto. E aquele beijo trocado foi frio como o gelo... Cass leu sua correspondência, depois olhou para o relógio e se admirou de que uma hora já tivesse passado. Daria uma olhadinha no quarto dela, sem despertá-la, só para verificar. Chegou nas pontas dos pés, e abriu a porta levemente. Ela estava sentada no leito, linda no seu pijama, de cabelos soltos. Era tão moça, tão feminina... Seu rostinho resplandecia num sorriso, que logo morreu, como se esperasse ver outra pessoa. Cass se encostou no portal. Ela então falou, baixinho: — Olha Cass, é inútil! Amo Bradd... amo-o! Pensei que poderia fugir dele... mas voltarei para Nova York... para ele!

Estas palavras foram pronunciadas exatamente em nove segundos... mas devastaram completamente a vida dele, e a dela...

**H
A
L
L**



Mobiliarios -- Tapeçarias -- Decorações

ORÇAMENTOS GRATIS



65 - RUA DA CARIOCA 67 - RIO

C I G A R R O S

Hollywood



CIA. DE CIGARROS
Santa Cruz

Epoca